

PRISCILA REQUIÃO LESSA

# **O CICLISMO DE ESTRADA COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: um olhar sobre o *Tour de France***

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva.

Curitiba

2016

Universidade Federal do Paraná  
Sistema de Bibliotecas

Lessa, Priscila Requião

O ciclismo da estrada como uma experiência estética : um olhar sobre o  
*Tour de France*. / Priscila Requião Lessa. – Curitiba, 2016.  
138 f.: il. ; 30cm.

Orientador: Marcelo Moraes e Silva

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Ciclismo 2. França I. Título II. Silva, Marcelo Moraes e III.  
Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa  
de Pós-Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.6



Ministério da Educação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



# TERMO DE APROVAÇÃO

## PRISCILA REQUIÃO LESSA

### “O ciclismo de estrada como uma experiência estética: um olhar sobre o *Tour de France*”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Esporte, Lazer e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

*Marcelo Moraes e Silva*

Professor Doutor Marcelo Moraes e Silva  
Presidente/Orientador

*A. M. Capraro*

Professor Doutor André Mendes Capraro  
Membro Interno

*Carmen Lúcia Soares*

Professora Doutora Carmen Lúcia Soares  
Membro Externo

Curitiba, 16 de Fevereiro de 2016.

**Estás a entrar num mundo de loucos mas que amam o que fazem. Bem vindo ao sofrimento e à paixão. Bem vindo ao ciclismo.**

**Manolo Saiz**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família. Minha mãe Neusa, pelo amor incondicional. Ao meu pai Ivo (*in memoriam*) pelos ensinamentos que carrego comigo. Ao meu irmão Ivo Filho, pelo apoio.

Ao meu companheiro na caminhada, José Ricardo Frizon, por a cada dia seguir comigo, me ensinando com dedicação, compreensão e amor incansáveis.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelo Moraes e Silva, por acreditar que seria possível, pela atenção permanente, competência inquestionável e pelo apoio irrestrito.

Ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Andre Mendes Capraro, por me permitir essa realização.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmem Lucia Soares que compõe a banca examinadora pela disponibilidade e contribuições.

Ao amigo Fernando Blanco, pela valiosa contribuição com as fontes e por sempre compartilhar seu enorme conhecimento sobre nosso tema.

Ao George Panara, pelas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Fernando Marinho Mezzadri, Fernando Renato Cavichioli, Doralice Lange de Souza e Wanderley Marchi Júnior, que contribuíram para o meu amadurecimento acadêmico e crescimento pessoal.

A Prof<sup>a</sup>. Katiuscia Mello Figueroa pela ajuda valiosa na reta final.

Ao Rodrigo Waki pela prontidão e pela imensa presteza.

Ao Ricardo Moraes, pela dica.

Aos amigos verdadeiros pelo carinho e pela torcida.

Ao João Evangelista pelo empréstimo dos materiais.

Ao amigo e colega Guilherme Lemermeier, por me socorrer nas horas tensas.

Aos pelotões de ciclismo de estrada, aqueles em que apenas andei, aqueles em que competi e aqueles que somente vi passar, pela inspiração.

## RESUMO

Desde que surgiu no contexto europeu do século XIX a bicicleta atraiu olhares, alimentou a imaginação e suscitou grandes desafios. No início do século XX o andar de bicicleta adquiriu um novo significado que transcendeu o conceito de passeio e divertimento. O ciclismo transformou-se também em uma atividade competitiva, desafiadora e exigente, tornando-se um esporte capaz de transformar indivíduos comuns em heróis. Para consolidar o ciclismo de estrada como um dos esportes mais difíceis do mundo uma grande corrida foi criada na França, o *Tour de France*, que uniu em um único evento o ciclismo e a cultura nacionalista e patriótica dos franceses. Assim, a presente dissertação lançou um olhar sobre a beleza estética do ciclismo de estrada e de seus pilotos inseridos no contexto do *Tour de France*. O estudo retoma a importância histórica e cultural do *Tour de France* para os franceses e as simbologias criadas em torno do evento e dos seus corredores ao longo do século XX e concentra um olhar em torno da beleza atlética dos corredores de bicicleta do *Tour de France*. O estudo aponta ainda para a abordagem histórica ligada ao nacionalismo francês, o interesse sobre as formas dos corpos dos grandes ciclistas e o fascínio sobre a dor e o sofrimento, que foram os elementos significativos na construção de uma representação estética no *Tour de France*.

## ABSTRACT

Since it first appeared in the European context of the nineteenth century, the bike attracted glances, fed the imagination and aroused great challenges. At the beginning of the twentieth century the cycling acquired a new meaning that transcended the concept of ride and fun. Cycling also became a competitive activity, challenging and demanding, becoming a sport able to turn ordinary people into heroes. To consolidate the road cycling as one of the world's most difficult sports a great race was created in France, the *Tour de France*, which joined in a single event cycling and the nationalist and patriotic culture of the French. Thus, this dissertation glanced over the aesthetic beauty of road cycling and its pilots within the context of the *Tour de France*. The study brings back the historical and cultural importance of the *Tour de France* for the French and the symbologies created around the event and of its riders along the twentieth century and focuses on the athletic beauty of its cyclists. The dissertation also highlights the historical approach linked to French nationalism, the interest on the shapes of the bodies of the great cyclists and the fascination about the pain and suffering, which were the significant factors in the construction of an aesthetic representation in the *Tour de France*.

## LISTA DE IMAGENS

**Imagem 1:** Lance Armstrong – *Mont Ventoux, Tour de France 2000*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 349.

**Imagem 2:** Lance Armstrong - *Plateau de Beille, Tour de France 2002*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 351.

**Imagem 3:** Imagem 3: Lance Armstrong vs Marco Pantani – *Mont Ventoux, Tour de France 2000*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 340.

**Imagem 4:** Marco Pantani: conquista da Camisa Amarela – *Le Deux Alpes, Tour de France, 1998*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 331.

**Imagem 5:** Imagem 5: René Pottier, *Tour de France 1905*. Fonte: Le Tour: 25 étapes de legende, p. 57.

**Imagem 6:** *Le petites reines: les femmes aussi*. Fonte: La France vue Du Tour, p. 135.

**Imagem 7:** Alexander Vinoukorov vs Iban Mayo – *Le col de Peyresourde*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 355.

**Imagem 8:** *Château de Josselin*. Fonte: La France vue Du Tour, p. 35.

**Imagem 9:** *Ravitaillement L'abreuvoir*. Fonte: La France vue Du Tour, p. 107.

**Imagem 10:** *Pont sur Gave, Tour de France , 2003*. Fonte: La France vue the Tour, p.56.

**Imagem 11:** *Les Alpes – Col de Galibier, Tour de France 2000*. Fonte: La France vue the Tour, p.121 (editado).

**Imagem 12:** La Tour Eiffel: voyage à Paris. Fonte: La France vue the Tour, p. 164.

**Imagem 13:** Lance Armstrong, Iban Mayo e Jan Ullrich – *Luz Ardiden, Tour de France, 2003*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 353.

**Imagem 14:** Eddy Merckx, o Canibal – *Col de Tourmalet, Tour de France 1969*. “Merckx rompeu na subida do Tourmalet e iniciou a descida com tranqüilidade e destemidamente”. Tradução livre. Fonte: Le Tour: 25 étapes de legende, p. 93.

**Imagem 15:** Jacques Anquetil vs Raymond Poulidor - *Puy-de-Dôme, Tour de France 1964*. “Jacques contra Popupou (Poulidor)”. Tradução livre. Fonte: Le Tour: 25 étapes de legende, p. 61.

**Imagem 16:** Iban Mayo – *Les Fans des cols: les spectateurs, tour de France 2002*.  
Fonte: La France vue Du Tour, p. 126.

**Imagem 17:** Alexander Vinokourov e Jan Ullrich – Pirineus, *Tour de France 2003*.  
Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 355.

**Imagem 18:** Pilotos descansam depois das primeiras etapas da corrida do *Tour de France 1928*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1903-2003, p. 95.

**Imagem 20:** Memorial a Tom Simpson: homenagem de Jacques Goddet, jornalista esportivo e diretor do *Tour de France* entre 1936-1986 – Mont Ventoux, *Tour de France 1970*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1903-2003, p. 237.

**Imagem 21:** The Bicycle Race, 1912. Lyonel Feininger. National Gallery, D.C.  
Disponível: <http://www.uncommon-travel-germany.com/lyonel-feininger.html>, acesso 15/03/2016.

**Imagem 22:** At The Cycle Race Track (Au Velodrome), 1912. Jean Metzinger.  
Disponível: <http://www.guggenheim.org/new-york/exhibitions/past/exhibit/4855>, acesso 15/03/2016.

**Imagem 23:** Dynamism of a Cyclist, 1913. Umberto Boccioni. Disponível: <http://www.wikiart.org/en/umberto-boccioni/dynamism-of-a-cyclist-1913>, acesso 15/03/2016.

**Imagem 24:** *Les Alpes – Alpe D’Huez, Tour de France 2004*. Fonte: La France vue Du Tour, p. 118.

**Imagem 25:** Octave Lapize – *Col de Tourmalet, Tour de France, 1910*. “O círculo (volta/rota/caminho) da morte une uma região habitada por irmãos”. Tradução livre.  
Fonte: Le Tour: 25 étapes de legende, p. 137.

**Imagem 26:** Lucien Buisse - Pirienus, *Tour de France 1926*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1903-2003, p. 90.

**Imagem 27:** Tyler Hamilton, *Tour de France 2003*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 356.

**Imagem 28:** Jan Ullrich, *Tour de France 1997*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1993-2003, p. 322.

**Imagem 29:** Bernard Hinault, *Tour de France 1978*. Fonte: The official Tour de France: centennial 1903-2003, p. 263.

**Imagem 30:** Vencedor em Paris – André Greipel – última etapa do *Tour de France 2015*. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 31:** Camisa de Bolas Vermelhas – Rei da Montanha – Christopher Froome, *Tour de France* 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 32:** Camisa Verde – Vencedor das metas de sprint – Peter Sagan, *Tour de France* 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 33:** Camisa Branca – vencedor entre os jovens abaixo de 26 anos – Nairo Quintana, *Tour de France* 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 34:** Cerimônia de premiação – Christophe Froome, Nairo Quintana e Alejandro Valverde. *Tour de France*, 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 35:** Os líderes vestindo alinhados à frente do pelotão para a largada. *Tour de France*, 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 36:** O pelotão avança sobre o Arco do Triunfo. *Tour de France*, 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

**Imagem 37:** O pelotão avança sobre a Torre Eiffel. *Tour de France*, 2015. Fonte: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/gallery.html>, acesso 14/01/2016.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
1.1 – Descrições das fontes .....	20
1.3. Imagens.....	25
4. O ciclismo de estrada como uma experiência estética.....	29
4.1 – A bicicleta e suas corridas no contexto da modernidade.....	29
4.2 – A invenção do <i>Tour de France</i> : a construção de uma identidade nacional francesa.....	32
4.3 – A experiência estética do <i>Tour de France</i> : a grandiosidade francesa.....	35
4.4 – O termo <i>Tour de France</i> : a afirmação da identidade francesa.....	39
4.5 – Imagens.....	47
5. Os corpos do <i>Tour de France</i> : a beleza dos corredores de bicicleta.....	55
5.1 – Apontamentos sobre a estética, corpo e esporte.....	55
5.2 – A beleza dos corredores de bicicleta.....	58
5.3 – No fio da navalha: a magreza “letal” dos escaladores do <i>Tour de France</i> .....	66
5.4 – As estéticas da <i>performance</i> da competição: entre Areté e Argon.....	73
5.5 – Imagens.....	82
6. A estética da dor: o fascínio pelo sofrimento.....	92
6.1 – A admiração pelo sofrimento atlético.....	92
6.2 – Rituais da dor: encarnando um novo corpo através do treinamento esportivo.....	96
6.3 – A dor no <i>Tour de France</i> : da crítica à exaltação do sofrimento.....	101
6.4 – O controle corporal diante do sofrimento das corridas de bicicletas.....	105
6.5 – Imagens.....	113
7. Considerações Finais.....	119
8. Imagens.....	123
Referências.....	131
Fontes audiovisuais.....	136

## 1. INTRODUÇÃO

*Ventoux* consiste de três subidas distintas. Os primeiros seis quilômetros são menos íngremes como um aperitivo. A secção seguinte serpenteia por dez quilômetros de uma floresta de carvalhos e pinheiros cruelmente escarpada. Os seis quilômetros finais, quase tão íngremes, correm através dos picos mais altos do *Ventoux*, uma paisagem desolada sem árvores. (COYLE, 2006, p. 214).

No dia 13 de julho de 2000, na 12<sup>a</sup>. etapa do *Tour de France – Carpentras – Mont Ventoux*, o pelotão avançava impiedoso em direção à montanha. Uma montanha lendária de batalhas e duelos clássicos do ciclismo de estrada<sup>1</sup>. Os melhores ciclistas escaladores sabiam que a empreitada da mais famosa corrida de bicicleta na França, naquele dia, exigiria muita disposição e certa dose de coragem.

A escalada do *Mont Ventoux* é um episódio épico no *Tour de France*. A montanha está situada ao nordeste de *Carpentras*, fazendo limite com a *Prevença*, na região conhecida como pré Alpes. É uma montanha de contrastes, paixões e dramas. Os maiores corredores-escaladores da história do *Tour* cravaram seus nomes nessa montanha com belas vitórias: Bobet, Thévenet, Poullidor, Merckx<sup>2</sup>. A imagem lunar da montanha torna-se a lembrança predominante (AUGENDRE; FOTTORINO, 2006). Ainda, o mitológico Tom Simpson, que em 1967, morreu na encosta da montanha, depois de quase tê-la vencido. O piloto britânico teve um colapso fatal, provocado pelo uso de drogas como anfetamina, que o ajudariam a quase vencer a montanha<sup>3</sup>. No final da escalada o local do tributo ao mito pode ser visitado para aqueles que se arriscam na empreitada. Pode ser visto neste ponto garrafinhas de água, flores e outras homenagens (SIDWELLS, 2000).

---

<sup>1</sup> Tal montanha não é palco somente do *Tour de France*, também é cenário, por exemplo da clássica *Pro Tour Daphiné Libéré*.

<sup>2</sup> Louison Bobet (francês) venceu em 1955; Eddy Merckx (belga) venceu a meta de montanha em 1970; Bernard Thevenet (francês) em 1972; Raymond Poulidor (francês) em 1965. Fonte: *Tour de France a/ etapa 15. El Monte Ventoux, colosso Del Tour en El día de Francia*, disponível em: <http://www.rtve.es/deportes/20130714/mont-ventoux-coloso-del-tour-dia-francia/713360.shtml>, acesso em 28/12/2015.

<sup>3</sup> Sidewls (2000) lembra que o exame realizado em Tom Simpson após sua morte apontou a presença de anfetaminas e álcool. A combinação foi fatal combinada com o forte calor francês e a dura subida do *Mont Ventoux*. O autor lembra que o ciclista britânico era conhecido por tomar substâncias dopantes durante sua carreira, numa fase em que não havia a prática de controle antidoping.

Já para os pilotos que se aproximam do *Ventoux* para iniciar a escalada a percepção é menos poética, mais realista, segundo relata o corredor americano Tyler Hamilton:

Procura-se por uma pegada mais tensa nos guidões. Alguma hesitação ou rigidez na hora de pedalar. Ombros inquietos. Uma olhadela para baixo, para as pernas, olhos esbugalhados, uma boca caída, qualquer coisa que sugira um acidente iminente. Assim que nos dirigimos ao *Ventoux*, esperava ver uma porção de caras desistindo a minha volta (HAMILTON, 2013, p. 146).

Assim, os corredores da edição de 2000 seguiam em direção à subida, que não fora a primeira do dia, mas certamente era a mais difícil e iniciava depois de 126,5 quilômetros percorridos, finalizando no seu topo os aproximadamente 150 quilômetros propostos para aquele dia. Motos e carros da organização abriam caminho em meio à multidão que habitualmente se aglomera nas beiras das estradas francesas durante o *Tour de France* para ver o pelotão passar, nem que seja somente por alguns segundos. Lá estão os espectadores, com suas *vans*, cadeiras, bandeiras e bicicletas. Quanto mais acima da montanha maior é a chance de ver e/ou até mesmo de tocar no ídolo. Na medida em que a montanha fica mais íngreme o pelotão se despedaça e por mais tempo o espectador pode admirar a passagem de cada um dos ciclistas.

A multidão de fãs fica eufórica com a passagem dos corredores. As pequenas cidades que estão ao longo do percurso preparam-se para receber o pelotão. Gigantes bicicletas artesanais, engenhocas com pedais, bicicletas duplas, triplas e/ou até aqueles que cabem inúmeras pessoas são encontradas em todo o percurso da corrida. Os mais entusiasmados investem em fantasias típicas de regiões da França e/ou de outros países, alguns usam vestimentas exóticas e coloridas. Já os mais enlouquecidos arriscam-se correndo a pé ao lado dos ídolos, alguns seminus ou nus. Trata-se, conforme aponta Fumey (2006), de uma euforia característica das grandes corridas de bicicleta na Europa desde a origem do ciclismo de estrada na virada do século XIX para o XX, mas que assume um caráter singular no *Tour de France*, como uma representação simbólica da própria história dos franceses.

No *Tour* de 2013, por exemplo, um vídeo amador registrou a passagem do pelotão em um ponto do *Ventoux*. Os espectadores à beira da estrada, inclinados

para ela, aguardando o momento em que os ciclistas apontavam na subida. Finalmente, quando começavam a passar surgiam os gritos de apoio e as palmas cadenciadas como que empurrando cada um dos ciclistas: *allez, allez* ou *venga, venga*<sup>4</sup>. Primeiro passavam os escaladores, magros, rápidos, dominando a montanha. Entre eles estava o vencedor do *Tour* naquele ano, o britânico Christopher Froome. Nas grandes montanhas os vencedores sempre estão na cabeça da corrida, ou como dizem os franceses, em “*tête de la course*”<sup>5</sup>. Depois, pouco a pouco, passam os demais que ficaram para trás ao longo da escalada, gregários ou *domestiques*<sup>6</sup> e escaladores medianos. Por sua vez os grandes velocistas, ciclistas preparados para finalizarem corridas de bicicletas, com um decisivo *sprint*, fortes e relativamente mais pesados, passam por último. Porém, para o espectador pouco importa, visto que nas montanhas ele torce para quem passa, para todos, admira o esforço individual de cada atleta, seu sofrimento, e os têm como ídolos, heróis, vencendo as duras montanhas da corrida de bicicleta mais difícil do mundo<sup>7</sup>: Peter! Nairo! Contador! Jan! Pierre! Vino! Não importa qual corredor, conforme pode ser visualizado no vídeo da etapa do *Mont Ventoux* do *Tour de France* de 2013<sup>8</sup>.

No início da escalada do *Ventoux*, em 2000, o italiano Marco Pantani, considerado por muitos comentaristas e críticos da época o melhor escalador do seu tempo, inclusive sendo vencedor do *Tour* de 1998, estava lá com sua roupa cor de rosa e sua clássica bicicleta *Bianchi*. O corredor Tyler Hamilton, colega de equipe de Lance Armstrong, lembra-se desse episódio, do qual também participou, referindo-se a Pantani como:

<sup>4</sup> Palavras em francês e espanhol que respectivamente significam “vá”, “vamos”, emitindo um sentido de força e estímulos aos corredores.

<sup>5</sup> “*Tête de la Course*” é uma expressão francesa que refere-se ao piloto e/ou pilotos que estão na liderança em qualquer ponto na corrida. O termo também tem um significado mais amplo, ou seja, indica que um ciclista pode estar forçando agressivamente o ritmo por pura força de vontade, transformando com isso a competição em algo especial (HENRY, 2014).

<sup>6</sup> Segundo Coyle (2006) a palavra *domestiques* significa serventes, domésticos. No ciclismo de estrada o termo, também chamado de gregário (AUGENDRE; FOTTORINO, 2006), refere-se ao ciclista que serve o capitão, o protege do vento e dos riscos dentro do pelotão, o leva na montanha até onde for possível, neutraliza as fugas adversárias, coloca o ritmo do passo e o embala para o momento do *sprint*.

<sup>7</sup> Desde sua origem no ano de 1903, o *Tour de France* fora considerado uma corrida muito difícil, pela extensão do seu percurso e pelas dificuldades nas rotas pelas montanhas, exigindo dos corredores um nível de preparação bastante considerável (WEBBER, 1988; HENRY, 2014).

<sup>8</sup> O vídeo referente à referida etapa do *Tour* de 2013 está disponível em: *Mont Ventoux Tour de France* 2013, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fwGgqr1lc2w>, acesso 30/03/2015.

(...) um italiano pequenino, tímido e de olhos escuros que, quando estava em forma era o melhor escalador do mundo. Pantani era uma mistura de artista e assassino: fútil o bastante para fazer uma cirurgia plástica para consertar suas orelhas de abano, durão o bastante para ser capaz de vencer corridas nas piores condições (...). Pantani era impetuoso, romântico, o tipo de pessoa que se tivesse tido uma vida um pouco diferente, teria sido um toureiro ou uma estrela de opera (HAMILTON, 2013, p. 143-144).

Marco costumava usar uma bandana, o que lhe rendera o apelido de Pirata. Mas naquele dia não. Lá estava ele, sem a sua tradicional indumentária, sem seus também tradicionais óculos escuros, sem nada... Apenas respirava segurando sua bicicleta e tentando recuperar os poucos segundo que o separavam do pelotão principal.

À frente “*escalerados*”<sup>9</sup>, uma sequência de grandes nomes do ciclismo profissional da última década do século XX. Todos com histórias pessoais que poderiam ser longamente contadas e recontadas. Um deles era Jan Ullrich, o alemão, da antiga parte oriental, vencedor do *Tour* em 1997 e que se tornaria o maior adversário de Lance Armstrong na corrida francesa, colocando-se por diversas vezes no segundo lugar do pódio. Invariavelmente os inimigos e críticos de Lance Armstrong depositavam em Jan a expectativa, ano a ano, de outro campeão do *Tour* (COYLE, 2006). Neste pelotão também estava Lance Armstrong, que havia vencido o seu primeiro *Tour* em 1999, ano anterior a este belo episódio do *Mont Ventoux* (ARMSTRONG, 2004; COYLE, 2006; HAMILTON, 2013; MACUR, 2014). O corredor americano lutava pela conquista do seu segundo *Tour de France* e vestia a mitológica camisa amarela de líder<sup>10</sup>. Lance Armstrong, posteriormente, em 2005, consagrou-se o maior vencedor do *Tour de France*, vencendo a corrida por sete

---

<sup>9</sup> *Escalera* é um termo no ciclismo que significa organizados em pelotão, um atrás do outros e/ou ao lado do outro em diagonal, conforme a direção do vento (VIEIRA; FREITAS, 2007).

<sup>10</sup> Segundo apontam Dancy; Hare (2012), em termos de competição o *Tour* envolve uma série de prêmios para os ciclistas. O maior deles é o de líder geral da competição. A camisa amarela é a identificação, em cada etapa, do líder parcial do *Tour* e finalmente na etapa final do campeão. O melhor escalador é aquele que vencer a maior quantidade de metas colocadas ao alto das montanhas somadas a cada etapa, sendo premiado com a camisa de bolas vermelhas. O melhor velocista é aquele que vence a maior quantidade de metas de *sprint* somadas a cada etapa, ficando com o prêmio da camisa verde. A camisa branca pertencerá ao piloto que tiver o menor tempo acumulado do *Tour* com idade abaixo de 26 anos. O numeral que cada piloto carrega nas costas da camisa também identifica premiações. O piloto com o numeral vermelho é considerado o mais combativo da etapa anterior e os pilotos que carregarem o numeral amarelo identificam a equipe que soma o menor tempo total do evento por equipes.

vezes consecutivas. Alguns ciclistas já haviam conseguido vencê-la por cinco vezes, mas o feito de Lance permanece insuperável, embora não conste mais nos registros oficiais, nem no *ranking* da *Union Cycliste Internationale* (UCI)<sup>11</sup>.

O pelotão composto por quase duzentos ciclistas estava, no início da subida do *Ventoux* reduzido a seis homens na sua formação principal e Marco Pantani vinha na perseguição, alguns segundos atrás. Os corredores, em suas bicicletas, avançavam em meio aos espectadores, enfileirados pela estrada. Palmas, gritos, invasões na estrada uma verdadeira imposição ao ciclista para que tenha força, mantenha-se firme, siga em frente. Os nomes dos corredores estavam pintados na estrada com palavras de apoio, um costume em grandes voltas ciclísticas.

Na perseguição ao pelotão Marco Pantani reafirmava seu estilo único de pedalar. Pequenininho com seus 1m72cm e 57 kg, era leve nos movimentos, sentava-se e levantava-se da bicicleta como se estivesse brincando em um pêndulo. A bicicleta deslizava sob ele, dando a impressão que fossem apenas um corpo. Mas o seu olhar estava à frente, firme, sofrido. O italiano avançava e recuperava-se do atraso. Pouco a pouco a montanha mudava sua paisagem. As estradas arborizadas do início da escalada desapareciam dando lugar a uma paisagem seca e sem cor, como uma grande montanha de terra. Esse era o charme do *Ventoux*: seu aspecto desolador e inóspito. Vencê-lo era especial também por conta deste cenário pitoresco.

Na emoção do narrador da TV italiana *Rai Sport 2*<sup>12</sup>, que também pode ser considerado um entusiasmado espectador do ciclismo, o momento em que o italiano se junta novamente ao pelotão a frente tornou-se especial: “*Parte El Pirata*”, anuncia - parece comum aos narradores se emocionarem e se fascinarem com os esportes que narram e que, conseqüentemente também amam, como se descrevessem um evento excepcionalmente belo e quisessem partilhar dessa beleza com o público. No ciclismo também é assim, quando algo realmente único acontece. Uma narração esportiva, segundo Vigarello (2011b) é dotada de uma representação nova,

---

<sup>11</sup> Como Lance Armstrong foi banido do esporte em razão da comprovação do uso de drogas para aumentar o rendimento durante suas sete vitórias no *Tour de France*, seus resultados não constam mais entre os resultados oficiais da prova nem entre os resultados da *Union Cycliste Internationale*, entidade que gere e controla o ciclismo mundial (MACUR, 2014).

<sup>12</sup> O vídeo do narração do referido duelo entre Marco Pantani e Lance Armstrong, no *Tour de France* de 2000 encontra-se disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_bMBTRgctF0](https://www.youtube.com/watch?v=_bMBTRgctF0) , acesso em 30/03/2015.

reforçando e alimentando o imaginário coletivo que se forma em relação ao esporte moderno. O autor também salienta que os comentários emitidos pelo narrador transformam o evento esportivo em uma seqüência de episódios em tom literário. Constrói uma narrativa de dramas, seleciona fatos, acentua a importância de uma ou outra situação, alimenta o imaginário estético dos indivíduos. Para Vigarello (2011b), a narração, se considerada em épocas aonde ainda não existia a transmissão televisiva, ganha mais significado, porque tem o poder de seduzir e “criar heróis”.

De fato o “Pirata” partiu para protagonizar com Lance um dos mais emocionantes duelos nas montanhas da história do *Tour de France*. Uma multidão eufórica sentada em torno e sobre a montanha gritava e testemunhava o que o ciclismo profissional pode oferecer de mais belo: um confronto entre os melhores. Apenas seus corpos, suas bicicletas, seus sofrimentos e a montanha...

A participação dos espectadores do ciclismo é um momento incrível. A estrada vai se afunilando com cabeças curiosas, eufóricas, socos no ar, empurrões para ajudar os ciclistas, de tal forma que parece que os pilotos não conseguirão passar. De repente uma brecha se abre entre a massa de torcedores, permitindo a passagem, nem sempre sem acidentes, tropeções e/ou quedas. Por exemplo, no *Tour* de 2003, Lance Armstrong e Iban Mayo caíram ao passar pelos torcedores aglomerados na montanha. Lance, que promovera um forte ataque sobre seus rivais na subida da montanha, sofreu uma queda ao engatar-se em um brinquedo amarelo que sacolejava nas mãos de um menino na beira da estrada e levou consigo para o chão um de seus oponentes que seguia logo atrás, o espanhol Iban Mayo<sup>13</sup>.

Conforme pode ser visualizado no vídeo da etapa do *Mont Ventoux de 2000*, o duelo começa ao estilo do “Pirata”. Uma sequência de ataques ao pelotão. Tentativas de fugas para fadigar os adversários e fazer com que alguns, e/ou todos se tiver muito sucesso, fiquem para trás. Pantani fazia isso como ninguém. Contudo, Lance estava atento e também tinha uma arma exclusiva. Sua explosão final, faltando pouquíssimos quilômetros para finalizar uma etapa de subida, era considerada fatal, uma característica que assustava os demais ciclistas. Era muito

---

<sup>13</sup> O momento da queda pode ser encontrado no vídeo parcial dessa etapa, disponível em: Lance Armstrong crashes and attacks at the *Tour de France* 2003 <https://www.youtube.com/watch?v=ZaKR5iOCTts>, acesso 12/05/2015.

difícil detê-lo nos momentos finais de um percurso, especialmente se a mesmo terminasse ao alto.

“*É incredibile Pantani*”, aponta o comentarista italiano no momento em que ele tenta escapar definitivamente do grupo para uma vitória solitária. Entretanto, um deles, o colombiano Santiago Botero, o segue, mas, logo se percebe que não poderia chegar ao fim como vencedor. Seu corpo já estava fadigado, a postura firme já deixara de existir. Quando um ciclista balança seu corpo sobre a bicicleta é porque busca forças aonde já não há mais. A técnica desaparece, o corpo esmorece, perdendo a firmeza implacável que um ciclista necessita para vencer uma etapa como a do *Mont Ventoux*.

Quando Lance resolve sair do grupo e retomar o tempo perdido ele mostra de fato que explodir impiedosamente no topo da montanha era a sua especialidade. “*Como um míssil*”, afirma o narrador. Mais uma vez seu ex-companheiro de equipe relembra:

Até hoje quando vejo o vídeo, não podia acreditar direito na velocidade que Lance atingiu; a maneira com a qual devorava o trajeto, dando um *sprint* no *Ventoux* como se estivesse fazendo um treino puxado (HAMILTON, 2013, p. 147).

O americano se junta ao italiano, e então o que se vê é um espetáculo de beleza esportiva singular. Dois dos melhores ciclistas de sua época disputando cada milímetro da estrada em busca da vitória, roda a roda, passo a passo. Parecia uma dança ensaiada, os corpos em suas bicicletas no mesmo ritmo, na mesma passada, um duelo de heróis sobre-humanos, um fenômeno que “paralisa os olhos”, para usar as palavras de Gumbrecht (2005). Dois corpos lutando incansavelmente, até o limite das forças físicas e emocionais, para vencer uma montanha, vencerem um ao outro e, sobretudo, vencerem a si mesmos. Um fenômeno esportivo que desafia razão, que exerce sobre os admiradores desse esporte, sejam eles espectadores, comentaristas e/ou outros ciclistas um fascínio, uma excitação pelo esporte: “Foi espetacular. “Correram como uns ‘desesperados’, descreveu um dos concorrentes, José Jiménez” (HAMILTON, 2013, p. 147).

A escalada do *Mont Ventoux* do *Tour* de 2000<sup>14</sup> abre as portas para analisar o ciclismo como um fenômeno digno de uma experiência estética. Nesse sentido, o que se pretende nesta dissertação é abordar o ciclismo de estrada sob a ótica da estética identificando e discutindo os conceitos relacionados a esta temática com a concepção da beleza esportiva dentro da modalidade. Para tanto foi estabelecido como recorte o ciclismo de estrada<sup>15</sup> a partir da história do *Tour de France*<sup>16</sup>. Um importante motivo para escolha deste evento francês é por ser considerado o evento esportivo mais famoso da modalidade (WEBER, 1988; DAUNCEY; HARE, 2012; HENRY, 2014) e o objetivo final de muitos ciclistas profissionais de estrada.

O *Tour* é um evento de 21 etapas que tem quilometragens que podem somar mais de 3.500 quilômetros pelo território francês e territórios vizinhos, tendo como ponto alto as disputas nas montanhas dos Pireneus e dos Alpes, provavelmente locais aonde se sobressairá o vencedor da volta (COYLE, 2006).

A amplitude do evento permite uma riqueza de análise sobre a estética. O *Tour* tem um significado simbólico de grande peso para a história da França, na contribuição da formação da sua identidade nacional no período que segue da guerra franco-prussiana à Primeira Guerra Mundial. A sua importância histórica no início do século XX e suas transformações e adaptações até os dias de hoje dá ao evento um tom de novela épica, uma coloração de beleza única, inimitável, que glorifica homens-heróis e a magnitude do território e das paisagens da França. Tendo em vista a reflexão de Vigarello, na entrevista concedida a Denise Sant'Anna (2014), para quem a história do esporte aponta para o interesse coletivo da escolha de determinadas modalidades e pela forma como a coletividade passa a existir pela sua realização, esta discussão, torna-se tão latente na literatura francesa sobre o *Tour*, que a mesma surge como figura essencial nesta abordagem de pesquisa.

---

<sup>14</sup> Poder-se-ia citar muitos outros momentos do ciclismo de estrada no *Tour de France* igualmente belos e desafiadores a outras montanhas também clássicas da corrida.

<sup>15</sup> O ciclismo possui oito disciplinas regulamentadas pela UCI – União Ciclística Internacional. São elas: ciclismo de estrada, ciclismo de pista, ciclismo de MTB (*mountain bike*), *cyclo cross*, *BMX*, *trials*, *indoor* e pára ciclismo (VIEIRA; FREITAS, 2007).

<sup>16</sup> Existem inúmeras voltas ciclísticas previstas em calendários e homologadas pela UCI. As mais grandiosas voltas são as de vinte e um dias e estão concentradas na Europa. Além do *Tour de France*, há o *Giro d'Itália* e a *Vuelta da Espanha*. Entretanto, o *Tour de France*, mesmo tendo sendo criado depois do *Giro d'Itália* é a competição que mais movimenta recursos financeiros, investimentos, fãs e espectadores no mundo todo.

Seguindo, poder-se-ia tomar também como objetos dignos de atenção desta dissertação o grande furor e a excitação que a passagem do pelotão causa nos espectadores; a *performance* e a beleza dos ciclistas nas disputas, com ênfase na grande competitividade que a modalidade exige e representa; das etapas individuais e por equipes de tempo contra o relógio; nas grandes escaladas como a do *Mont Ventoux*. Ainda, coloca-se aqui em perspectiva os tipos físicos dos ciclistas os identificando em suas especialidades e singularidades e os associando as possibilidades de interpretações estéticas de seus perfis, bem como o fascínio que a dor e sofrimento impostos aos ciclistas gera sobre os espectadores. Para essa análise o recorte temporal do *Tour de France* torna-se providencial.

## 1.2. Descrição das Fontes

O material selecionado para a construção da presente dissertação se baseia em uma série de documentos que versam sobre o ciclismo de estrada. Num primeiro bloco se encontram materiais bibliográficos sobre a história do ciclismo que mencionam grandes pilotos e épicas etapas do *Tour de France*.

Já o segundo grupo refere-se às obras, especialmente da literatura francesa, que discutem sobre a importância histórica e sobre o simbolismo do *Tour de France* para a constituição da França moderna. Completando o conjunto de fontes foi utilizado um rico material ilustrado sobre os mais de cem anos da corrida, bem como uma seleção de vídeos profissionais (das transmissões televisivas) e amadores (de espectadores durante etapas), que ilustram a construção teórica desse estudo, reforçando sua perspectiva estética de análise.

A construção histórica do *Tour de France* pode ser contemplada na obra de Weber (1988). O autor neste livro aborda sobre a inserção da bicicleta na sociedade francesa no fim do século XIX, considerando as transformações ocorridas na sociedade francesa a partir da sistematização deste importante evento ciclístico. Também aponta para o surgimento do ciclismo de estrada como uma potencial paixão esportiva para os franceses. O estudo de Weber é de primordial importância:

Eugene Weber é duplamente importante para quem deseja tomar o *Tour de France* como objeto de estudo acadêmico. Estudantes e pesquisadores do

esporte em geral e especialmente os franceses devem muito aos artigos seminais escritos no início dos anos de 1970 por Weber, chamado a atenção para a importância social, cultural e política do esporte para os franceses. Seu estilo de escrita, combinado com sua investigação impecável e seu vasto conhecimento sobre a França do século XIX, contribuiu muito para introduzir o tema do esporte como um assunto válido para a investigação histórica e social pelo universo acadêmico. Além de legitimar o estudo acadêmico do esporte como fenômeno social e cultural, Weber também se dedicou a analisar o ciclismo, que expõe em uma leitura fácil e acessível no capítulo '*La Petite Reine*' (um termo carinhoso que usa para a bicicleta) em sua história cultural da França na década de 1880 e 1890, no período conhecido como *Fin-de-Siècle*. O estudo tem como característica um amplo e bem informado levantamento das dimensões sociais, econômicas e culturais do ciclismo como forma de lazer (para ambos os sexos) e de ascensão social para a classe trabalhadora que praticava o ciclismo como esporte profissional. (DAUNCEY; HARE, 2012, p. 49/74-50/74 – Tradução livre)<sup>17</sup>.

Outros textos históricos também ajudaram a completar o quadro sobre a institucionalização do ciclismo de estrada, e investigam e analisam o *Tour de France* como um evento de grande influência para a consolidação da identidade nacional francesa no contexto do fim do século XIX. Ainda, a literatura francesa sobre o *Tour de France* explora o enaltecimento do território francês a partir da construção das rotas das corridas desde sua origem em 1903. Assim, as narrativas sobre as rotas e caminhos do *Tour* se transformam também em importantes elementos estéticos.

A discussão sobre o território francês e suas fronteiras está sempre presente e remete a um simbolismo que pretende restaurar decepções nacionalistas desde a guerra franco-prussiana, em 1870/71, que resultou, entre outros desfechos, na perda dos territórios da Alsácia e da Lorena<sup>18</sup>. Por estas questões nacionalistas o *Tour de*

---

<sup>17</sup> "Eugen Weber has a dual importance for anyone wishing to take the Tour de France seriously as an object of academic enquiry. Students and researchers of sport in general, and French sport in particular, owe much to seminal articles written in the early 1970s by Weber, drawing attention to the social, cultural and political significance of French sport. The verve and style of Weber's prose, combined with impeccable research and vast knowledge of nineteenth-century France, did much to introduce the topic of sport as a valid subject for historical and cultural investigation by academics. As well as helping legitimize the academic study of sport as a social and cultural phenomenon, Weber has also devoted himself to analyses of cycling, perhaps the most easily accessible of which is the chapter 'La Petite Reine' (an affectionately casual term for a bicycle) in his cultural history of France in the 1880s and 1890s, France, Fin de Siècle. Weber's approach is a characteristically wide-ranging and well-informed survey of the social, economic and cultural dimensions of cycling as a leisure pursuit of the moneyed classes (both male and female) and as a sport practised by working-class professionals" (DAUNCEY; HARE, 2012, p. 49/74-50/74).

<sup>18</sup> O território de língua germânica referente à Alsacia e Lorena foi a tomado pela França de Luis XIV, mas retomado pela Alemanha depois da guerra franco-prussiana e do seu processo de unificação em 1871. No século XX os territórios foram símbolo de disputa de poder de conquista entre França e Alemanha. Foi um dos episódios de tensão entre os dois países que desencadeou a Primeira Guerra, em 1914. Foi retomado pelos franceses (pelo Tratado de Versalhes) depois que a Alemanha perdeu a guerra. Reconquistado pelo III Reich de Hitler, em 1940 e retomado pelos franceses em 1945, depois

*France* se tornou uma importante ferramenta de construção de uma identidade nacional:

A associação do *Tour de France* com a identidade nacional francesa não é um fato contemporâneo, mas uma intenção histórica dos seus fundadores. Nele está embutido a memória coletiva de uma nação (CAMPOS, 2012, p.1/57 – Tradução livre)<sup>19</sup>.

O conjunto bibliográfico de fontes se consolida com a versão comemorativa da centésima edição do *Tour de France*. A obra *The Tour de France, 1903-2003: A Century of Sporting Structures, Meanings and Values (Sport in the Global Society)*, engrandece o estudo com uma rica coletânea de textos acadêmicos sobre o evento, que complementam as demais fontes citadas que tem, ainda, como uma das referências o filósofo francês Roland Barthes, já que a ele cabe boa parte da responsabilidade da análise do *Tour de France* em uma perspectiva épica, heróica e mitológica (DAUNCEY; HARE, 2012a). Seus argumentos não se referem somente aos feitos dos pilotos do *Tour*, por ele vistos como heróis gloriosos, mas se refere também à geografia francesa, como é o caso do *Mont Ventoux*, por ele chamado de “*en evil demon*” (*um demônio maligno*). (DAUNCEY; HARE, 2012b, p. 47/75). Mas os feitos humanos - ou sobre humanos - dos pilotos do *Tour* estão presentes nas linhas de Barthes (1991) e descritos por ele como feitos milagrosos, realizados em comunhão com os deuses. Tais elementos reforçam as discussões sobre estética esportiva levantada por Gumbrecht (2005), em sua análise sobre a beleza e a sublimidade atlética, pela visão do espectador.

Somam-se, as análises igualmente fundamentais para o assunto nas pesquisas dos historiadores franceses Georges Vigarello e Philippe Gaboriau. Além de todos estes elementos algumas biografias foram fonte de pesquisa por também oferecem descrições detalhadas sobre muitos episódios do *Tour de France*, constituindo-se assim em uma fonte singular para a análise voltada aos elementos

---

da Segunda Guerra Mundial. Atualmente há um domínio partilhado da região, pertencendo a maior parte da Alsácia aos alemães e a maior parte da Lorena aos franceses (BRAUDEL, 1989; HOBBSAWM. 1990; 1992; 1995)

<sup>19</sup> “The association of the Tour with national identity is thus not only a contemporary fact, but an historical intention on the part of its founders. They carried this out by giving it a name embedded in the nation’s collective memory” (CAMPOS, 2012, p.1/57).

estéticos do ciclismo de estrada. As biografias analisadas foram as dos corredores Lance Armstrong, Tyler Hamilton.

Todas as descrições feitas nas obras bibliográficas e biográficas foram cruzadas com as fontes áudio visuais e iconográficas. A obra de Augendre; Fottorino (2006) enriquece a discussão estética que envolve as narrativas sobre o território francês no contexto das corridas de bicicleta do *Tour de France* por sua grandiosa coletânea de imagens. Somado a ela a obra de Augendre (2009) valoriza os feitos heróicos em vinte e cinco etapas épicas da história do evento, ricamente contadas e ilustradas. As imagens e os vídeos das transmissões das etapas do *Tour de France*, bem como os episódios que envolvem os pilotos no contexto analisado servem como complementação da abordagem da dissertação, permitindo um entendimento estético sobre esta importante corrida de bicicletas francesa.

Para completar o corpus teórico da dissertação foi trabalhada uma bibliografia que versa sobre a filosofia, estética, antropologia, corpo e esporte e a mesma foi cruzada com importantes elementos do ciclismo.

Para realizar a análise pretendida a presente dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro foi realizada uma abordagem sobre o *Tour de France* no contexto de sua criação. Foram explorados elementos sobre a inserção da bicicleta nas principais cidades da Europa no final do século XIX, indicando sua influência no cotidiano da vida urbana. Ainda no primeiro capítulo foram explorados os elementos que levaram o *Tour de France* a contribuir significativamente para a difusão do ciclismo de estrada, bem como para sua progressiva profissionalização. A invenção do *evento* por Henri Desgrange é abordada tendo em vista sua importância histórica para a França e a continuidade do seu significado no mundo esportivo. As representações que o *Tour de France* simboliza, em diferentes momentos históricos do século XX, são analisadas apoiadas em importantes conceitos como o de nacionalismo, identidade nacional e unidade territorial. Traça-se, portanto, a história do *Tour de France* ao longo do século XX ressaltando sua referência estética singular no universo esportivo.

O segundo capítulo, por sua vez, se refere aos pilotos e as etapas épicas do *Tour*. Primeiro, contempla-se a estética dos corredores de bicicleta. Nessa abordagem emergem interpretações sobre as formas de beleza atlética a partir de

diferentes padrões e conceitos. Assim, a “beleza” dos corpos dos ciclistas ganha expressão em diferentes formas físicas, gestos e ações. Vislumbra-se ressaltar a beleza atlética no ciclismo de estrada como uma possibilidade de admirar-se e/ou fascinar-se por conceitos muito particulares de beleza.

Finalmente, o terceiro capítulo convida a uma aventura reflexiva sobre a dor e o sofrimento do ciclista profissional envolvido em um evento como o *Tour de France*. Uma das competições esportivas mais grandiosas do mundo e possivelmente uma das mais difíceis, exigindo por parte dos atletas nele envolvido uma adaptação e uma tolerância extrema à dor e ao sofrimento constantes ao longo dos vinte e um dias de competição. Para dissertar sobre os significados e a simbologia da dor do corpo recuperaram-se histórias e relatos, desde os episódios mais remotos, quando as estradas do *Tour* ainda eram de pedras e lama até acontecimentos mais atuais. A retomada de tais cenas visa delinear uma estética do sofrimento que completa o drama esportivo de um evento como o *Tour de France*.

### 1.3. Imagens



Imagem 1: Lance Armstrong – Mont Ventoux, *Tour de France* 2000.

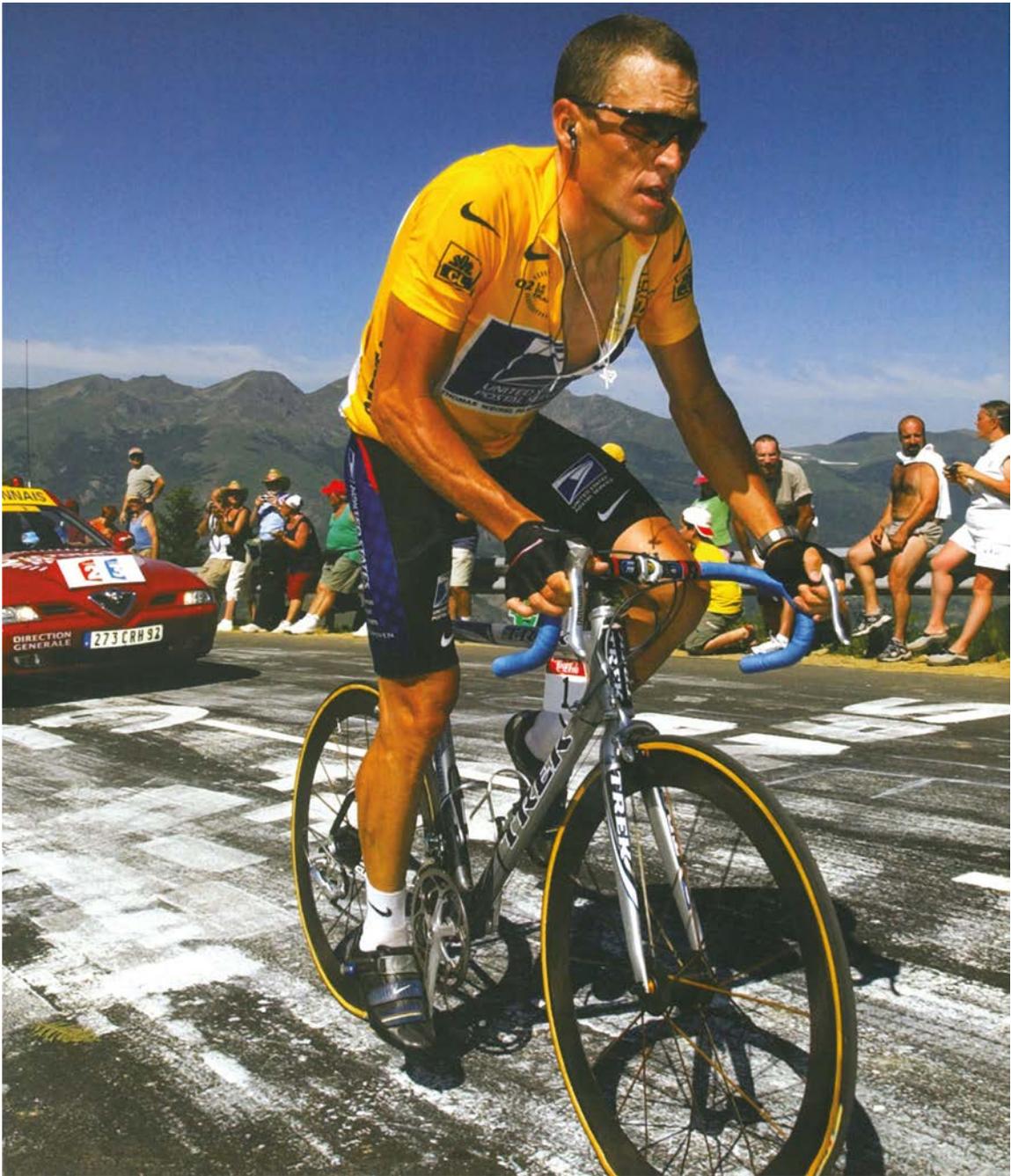


Imagem 2: Lance Armstrong - Plateau de Beille, Tour de France 2002.



Imagem 3: Lance Armstrong vs Marco Pantani – *Mont Ventoux, Tour de France 2000.*



Imagem 4: Marco Pantani: conquista da Camisa Amarela – *Le Deux Alpes*, *Tour de France*, 1998.

## 4- O CICLISMO DE ESTRADA COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

### 4.1. A bicicleta e suas corridas no contexto da modernidade

No contexto das modernas cidades europeias, no final do século XIX e início do século XX, surgiu um novo estilo de vida que valorizava a prática de exercícios físicos (VIGARELLO, 2005; MORAES E SILVA, 2011; 2015). Embora muitas cidades ainda conservassem seus laços com a vida rural os principais centros urbanos começaram a se inserir num projeto mais moderno, realizando um reordenamento mais racional dos seus espaços urbanos.

As grandes obras, realizadas em Paris sob o comando do Barão de *Hausman* reordenaram a capital francesa e inspiraram outras cidades a seguirem seu exemplo (VIGARELLO, 1996). A reordenação dos espaços veio acompanhada da reorganização dos olhares sobre a cidade que culminaram com outros modos de se comportar e entre estas novas formas de vida se encontravam as que valorizavam um discurso da cultura física e os de cunho esportivo (VIGARELLO, 2005; MORAES E SILVA, 2011; 2015).

A introdução de um ideário da cultura física no estilo de vida das principais cidades ocidentais não assumiu um caráter esportivo e competitivo em seus primeiros momentos. Esse foi um processo que se deu posteriormente, de forma gradativa, na medida em que os exercícios físicos passaram a tomar um viés competitivo. No início, tais atividades surgiram como um novo valor, um diferente estilo de vida, especialmente entre os mais abastados – que dispunham de tempo para praticá-las (ELIAS; DUNNING, 1992; HOBBSAWM, 1992; BAKER, 2004; VIGARELLO, 2005; MORAES E SILVA, 2011; 2015).

Segundo aponta Baker (2004) foi na Inglaterra que algumas destas práticas corporais assumiram uma forma mais regrada que posteriormente culminariam na invenção do esporte moderno. Vigarello (2005) lembra que em todo território europeu, no final do século XIX e início do XX, várias atividades esportivas ganharam prestígio nas suas principais cidades. Muitas agremiações e clubes esportivos foram criados. Nas escolas havia um empenho em introduzir o esporte como forma de disciplinarizar e estabelecer regras que pudessem ser levadas para a

vida cotidiana. Foi nesta ambiência que as bicicletas passaram a ser um elemento muito presente nas das principais cidades do mundo.

Segundo Webber (1988), desde sua origem no final do século XIX, a bicicleta simbolizou o progresso. Possibilitava aos indivíduos uma nova forma de mobilidade, carregando no seu bojo uma associação com a liberdade. Na França, rapidamente a bicicleta ganhou a admiração de uma grande parcela de indivíduos atentos às novidades da modernidade e do progresso que avançava com a urbanização crescente. Gaboriau (2003), indica que a bicicleta rompia distâncias e fascinava, sendo vista como uma máquina lúdica, ligada a liberdade e a velocidade.

O novo artefato fora, no início, comparado por muitos aos cavalos. Primeiro porque deixou de ser um artigo de luxo e ganhou as camadas mais populares, passando a ser vista como um meio de locomoção mais acessível que o equino. Depois, porque os fabricantes de bicicletas passaram a disputar espaço nesse mercado emergente. Sendo assim, as primeiras corridas competitivas, em velódromos especialmente construídos, foram o modo de apresentação das novidades que a cada dia surgiam e se voltavam para um público jovem e não tão abastado como os das corridas de cavalo, pois conforme aponta Webber (1988, p. 241): “(...) as corridas de bicicleta eram o primeiro esporte popular dos tempos modernos e o primeiro a oferecer a inúmeros profissionais uma via de promoção econômica, portanto social”. Gaboriau, (1996) salienta que apesar de no início do século XX a bicicleta ser ainda um artefato burguês a mesma se tornou um objeto mais acessível às classes menos favorecidas economicamente. Campos (2012) levanta pontos muito interessantes sobre esta questão:

A bicicleta foi estimada como uma invenção francesa: ela foi o primeiro meio de transporte realmente popular e barato. Era feita e utilizada por trabalhadores que estavam se deslocando para as cidades e para além dos ofícios tradicionais. Mesmo que ainda mantivessem vínculos com suas antigas atividades. (...) As corridas de bicicletas foram um dos primeiros esportes populares: inicialmente envolvia competidores entre os trabalhadores e não entre os profissionais, porque eles podiam empurrar 20 quilos de metal pelas estradas em más condições durante dias e noite e carregando consigo suas origens humildes, assim como as dos espectadores que os viam passar. No final dos anos de 1970 apenas 15% dos franceses trabalhavam na terra e metade dos pilotos de bicicletas eram filhos de agricultores. Sempre que no percurso um deles passava por seu local de origem ele estava autorizado pelos demais a liderar o percurso nesse ponto. Uma corrida de bicicleta em volta da França não somente

ligava cidades e províncias simbolicamente, mas também levava tecnologia para o campo e era visto como um evento patriótico de conotações sagradas em um momento em que a questão territorial da França era entendida como uma questão delicada. (CAMPOS, p. 22/61 – Tradução livre)<sup>20</sup>

Na medida em que o andar de bicicleta se popularizava na Inglaterra e na França, começa a ocorrer a esportivização desta prática corporal. O ciclismo tornava-se uma prática competitiva. Tal fato contribuiu para o surgimento dos primeiros de clubes, que na virada do século XIX para o XX, já contavam com membros de condições sociais menos abastadas. Eram balconistas, artesãos, operários (WEBER, 1988; HOBBSAWM, 1992). Weber (1988) lembra que outro fator que determinou o fortalecimento do ciclismo foi o interesse dos fabricantes de bicicletas, pois a competitividade destes pelos mercados consumidores levou-os a sistematizarem as primeiras corridas. Estas primeiras competições ganharam expressão maior nas estradas francesas, influenciando fortemente o futuro desse esporte, com competições cada vez mais longas e de percursos cada vez mais difíceis, conforme lembram Perera; Gleyse (2005).

Nesse sentido, o objeto central desta dissertação, o *Tour de France*, considerada a maior competição ciclística do mundo até os dias atuais, surgiu nesse contexto competitivo tanto para os fabricantes de bicicleta como para os competidores. Afinal, cada vez mais indivíduos se interessavam pelas corridas de bicicleta. O ciclismo de estrada deixava de ser, conforme apontam Weber (1988), Gaboriau (1996) e Perera; Gleyse (2005), uma atividade elitizada e possibilitava a inúmeros ciclistas profissionais uma possibilidade de ascensão econômica e de rompimento de determinadas fronteiras relacionadas à classe social.

---

<sup>20</sup> “The bicycle was cherished as a French invention: it was the first really popular and cheap means of transport. It was made and used by workers who were moving to towns and away from the orbit of the traditional crafts but who still understood the attitudes associated with them. The bicycle race was one of the first popular sports: it initially involved not trained professional athletes, but lusty workers who could propel 20 kilograms of metal over poor roads all day and all night, who knew how to weld a broken frame in a blacksmith's forge, and who often gained fame and modest wealth starting from the humble beginnings that most of their spectators understood. (As late as the 1970s, when only 15 per cent of active Frenchmen worked on the land, half of the riders were sons of farmers. If by chance the route took them near to the birthplace of one of them, he was always allowed to lead the race at this point.) A bicycle race around France not only linked the various towns and provinces symbolically; it also brought the technology of the industrial town back into the countryside, the new city workers in touch with their rural cousins, and, in addition, could be seen as a patriotic event with sacred connotations at a time when the unity of French territory was a crucial political issue” (CAMPOS, p. 22/61).

Webber (1988) ainda salienta sobre a importante relação entre o ciclismo e a comercialização esportiva no alvorecer do século XX. As corridas de bicicleta pelas estradas da França passaram a promover marcas e com isso diversos anúncios publicitários passaram a frequentar todos os recônditos das competições esportivas. Isso estendeu a prática dessa modalidade a muitos indivíduos que por sua vez influenciaram inúmeros outros, ajudando significativamente na popularização das corridas de bicicleta por todo território europeu. Nesse contexto, o *Tour de France* foi de fundamental importância para a consolidação do ciclismo de estrada como uma modalidade esportiva.

#### **4.2. A invenção do *Tour de France*: a construção de uma identidade nacional francesa**

Para coroar o ciclismo de estrada um evento “grandioso” e “sem precedentes”, como uma corrida pela França “de Paris às ondas azuis do Mediterrâneo” fora promovido (WEBBER, 1988). Perera; Gleyse (2005) salientam que as distâncias na época do primeiro *Tour de France*, em 1903, já eram consideradas além da capacidade humana, transformando seus participantes em verdadeiros heróis. Ainda mais num momento histórico em que as condições das estradas, os conhecimentos sobre treinamento, nutrição e a tecnologia para a fabricação das bicicletas eram enormes desafios a serem superados.

De acordo com Webber (1988), o primeiro *Tour de France* aconteceu em 1903, num percurso de 2400 quilômetros percorridos em 19 dias, e embora a edição 1904 tivesse muitas críticas pelo seu apelo comercial a corrida tornou-se ao longo dos anos seguintes o maior evento do ciclismo mundial, conforme pode ser visualizado na seguinte passagem:

Onde o *Tour* se detinha à noite, ou mesmo em paradas ou barreiras de fiscalização, feiras improvisadas apareciam: iluminações, corridas locais de bicicletas, outras competições, lutas de boxe, danças públicas, concertos, orquestras. O prefeito e o conselho municipal vinham saudar os corredores, fazer brindes e discursos em sua homenagem. Logo as estradas começaram a ser desimpedidas e fechadas ao tráfego, o transporte público interrompido, crianças liberadas mais cedo das escolas. Como o inventor do *Tour* Géo Lefèvre, escreveu em 1906: ‘o *Tour* é, a partir de agora, o poderoso tantã anual que, durante um mês inteiro desperta toda uma nação

para o ciclismo (...) o prodigioso desfile popularizador do esporte (WEBER, 1988, p. 257).

De acordo com Gaboriau (2012) a criação de um evento grandioso como o *Tour* apontou para a profissionalização definitiva do ciclismo de estrada na Europa. O evento simbolizou uma ruptura. Era o fim da era de ouro da bicicleta nos meios sociais mais abastados, agora dedicados aos artefatos motorizados e as corridas de carro. O autor lembra que os preços das bicicletas foram diminuindo e as classes mais populares foram apropriando-se do espaço competitivo do ciclismo.

O *Tour de France*, no início do século XX, representou muito mais que uma corrida de bicicleta, mais especificamente até a Segunda Guerra Mundial. A competição incorporou-se na história cultural e nacional da França, ressaltando seus heróis, mitos, glórias e dores dentro das diversas paisagens existentes no território francês (WEBER, 1988; GABORIAU, 2012; HENRY, 2014). Trata-se da construção estética de uma história épica pelas estradas da França.

Fumey (2006) salienta que a história da França sustenta uma forte lembrança do período da “Terceira República”<sup>21</sup>. A guerra franco-prussiana deixou como herança para os franceses o que eles próprios lembram como uma mutilação do seu território nacional, com a perda para os alemães das regiões da Alsácia e da Lorena. Assim, Henry (2014) afirma que em um contexto de sentimento nacionalista e patriótico que se espalhava por toda a Europa do final do século XIX, o *Tour* assumiu o papel de redesenhar, pela sua rota, as fronteiras e as paisagens da França. Segundo Weber (1988) a rota da corrida representava uma parte da memória francesa. Era uma exaltação do seu território, justamente num contexto instável no qual passava a Europa e a Terceira República Francesa. A importância do *Tour de France* como uma celebração nacionalista e territorial da França pode ser explorada em algumas etapas do evento de 2002. A terceira etapa da edição deste ano passava por *Metz*, na região da Lorena, novamente mantendo a lembrança francesa sobre a separação da região na guerra, acontecida em 1870, acesa. Além disso, a localidade também é a terra de origem de Joana D’Arc, ressaltando sua importância heróica e épica. Assim, tomando-se as referências de

---

<sup>21</sup> Período da história da França que segue de 1870, ano que teve início a Guerra Franco-prussiana até 1940, quando a França foi tomada pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial. Para aprofundamento ver Braudel (1989) e Hobsbawn (1995).

Fumey (2006), os pilotos do *Tour* de 2002, partiram de *Metz* em direção a *Reims* para uma etapa que também era uma celebração simbólica do território francês. O pelotão também passou por *Gavelotte*, região do nordeste da França, no qual em 1870 os franceses sofreram uma grande derrota diante dos prussianos. Como compensação passaram por *Verdun* e *l'Argone*, que remontam vitórias francesas na Primeira Guerra e finalmente por *Valmy*, local no qual os franceses venceram em 1792 os prussianos, austríacos e hessenos em uma batalha na qual a Revolução Francesa e a democracia na Europa estavam em jogo (FUMEY, 2006).

Vigarello (1997) argumenta que o *Tour de France* foi criado à imagem de outros passeios tradicionais pelo território francês, realizados por jornalistas, soberanos e/ou ainda por crianças em idade escolar. Sempre com um caráter glorificador ligado a conceitos como tecnologia e progresso. Segundo o autor a rota do evento transformou a paisagem da França em pano de fundo para o espetáculo esportivo e ainda resgatou uma memória nacional ligada a personagens clássicos como Joana D'Arc, Napoleão e Clemenceau:

O caminho do *Tour de France* é um símbolo do patrimônio nacional e a história da criação do *Tour* e das suas rotas tão importante quanto à história da corrida em si. A memória da corrida combina duas histórias que caminham juntas, uma longa e uma curta, que juntas definem seu significado (VIGARELLO, 1997, p.469-470)<sup>22</sup>.

Com todo este interesse em torno desta corrida pretende a presente dissertação apontar para uma análise estética que abrange três circunstâncias principais. A primeira característica refere-se a uma construção estética relacionada aos aspectos culturais da história moderna da França, pois como ressalta Vigarello (1997), houve durante o período da “Terceira República” a construção de uma forte identidade nacional francesa e a “invenção” do *Tour de France* estava em sintonia com tal propósito. A segunda, por sua vez, refere-se a uma construção estética acerca do imaginário do povo francês em torno do seu território, das suas paisagens e das suas fronteiras. Fumey (2006) salienta que através do *Tour de France* e da

---

<sup>22</sup> “The course of the Tour is as much a symbol of the national heritage as it is the route of a bicycle race. The history of the Tour's setting is as important as the history of the race itself. The memory of the race combines two histories, one long, the other short, and together these two histories define its meaning” (VIGARELLO, 1997, 469-470).

passagem heróica de dezenas de corredores, compactados em um pelotão, pelo chão francês ocorreria uma celebração da geografia francesa. Por fim, ter-se-ia a formulação de uma estética esportiva, com foco principal em seus participantes, visto que desde as primeiras competições no início do século XX, conforme apontam Perera; Gleyse (2005), os esportistas se tornaram indivíduos muito famosos, verdadeiras celebridades, tornando-se, nos dizeres de Brohm (1982), modelos de comportamento para a mídia esportiva especializada. Com toda esta atenção tais corpos acabaram por produzir *performances* dignas de uma atenção estética, assim como preconiza Grumbrecht (2005).

#### 4.3. A experiência estética no *Tour de France*: a grandiosidade francesa

Todos os anos equipes ranqueadas e cerca de duzentos corredores são contratados para competir. Todos os anos há uma viagem pelas aldeias de cerca de 4 mil pessoas e 1 mil veículos, seguindo o caminho do *Tour de France* por três semanas do verão francês. Todos os anos milhares de espectadores alinham-se em frente as suas casas ou fazem uma peregrinação aos pontos principais da rota do *Tour* para verem o pelotão e seus dirigentes passarem. Todos os anos o *Tour* é relatado em detalhes cada vez maiores pelo rádio, televisão, imprensa escrita e internet. Financeira e comercialmente o *Tour* envolve quantidades significativas em dinheiro e grandes premiações para os seus pilotos, numa soma que supera 2,5 milhões de dólares. Qualitativamente, o *Tour de France*, depois de um século, continua sendo indiscutivelmente a maior prova de ciclismo do mundo. (DANCEY; HARE, 2012, p. 2 -3/66 – Tradução livre)<sup>23</sup>

A incrível jornada do *Tour de France* no início do século XX foi iniciada por Henri Desgrange (WEBER, 1988; DANCEY; HARE, 2012; AUGENDRE, 2009; VIGARELLO, 2011b). Naquela época, na França, as corridas de bicicleta já se popularizavam em velódromos e nas estradas com corridas de longas distâncias. Como dito anteriormente, o cenário do surgimento do ciclismo europeu foi fomentado pela grande disputa entre fabricantes de bicicletas. Além disso, a

---

<sup>23</sup> “Every year, a score of teams and some two hundred riders have to be engaged to compete. Every year, a travelling village of some 4,000 people and 1,000 vehicles wends its way through three weeks of French summer. Every year, millions of spectators line the roads near their homes, or make extensive pilgrimages to the key points of the Tour's route to watch the bunch of riders (peloton) and its leaders pass by. Every year, the Tour is reported in ever increasing detail and accomplishment by the written press, radio, television and the Internet. Financially and commercially, the Tour involves significant amounts of money, and in terms of rewards for the competitors, total prize money amounts to some \$2.5 million. Qualitatively, the Tour de France remains, after a century, unarguably the greatest cycling race in the world”. (DANCEY; HARE, 2012, p. 2 -3/66).

imprensa escrita estava muito interessada em aumentar a circulação de seus jornais. Segundo Weber (1988), a invenção do *Tour de France* exemplifica esse contexto, pois o evento surgiu da vontade de Desgrange, diretor do jornal *L'Auto*<sup>24</sup> e um entusiasta do ciclismo, a partir de uma idéia de seu funcionário Geo Lefrèvre, motivado pela disputa comercial com o grande rival, o periódico *Vélo*.

Na batalha pelo aumento de circulação o *L'Auto* pretendia atrair leitores com matérias sensacionais sobre ciclismo de estrada de longas distâncias. Essas corridas já existiam na França, conforme lembra Weber (1988), desde o final do século XIX, como por exemplo, a “Paris-Brest-Paris”<sup>25</sup>. Contudo, algo ainda mais “grandioso” precisava ser criado. Uma corrida que abraçasse todo território francês, como na viagem do conto escolar “*Le Tour de France par deux enfants*”<sup>26</sup>, que foi para o *Tour de France* uma grande inspiração. Em 1903, a ideia finalmente se concretizou:

(...) Mas ele mudou de idéia no dia seguinte e convocou o chefe da categoria de corridas:

Eu estive pensando. Sua proposta é interessante. Mas se nós gerenciássemos este evento em conjunto, ele não será chamado de Jornada de Seis Dias na Estrada.

- Então, como os chamaríamos?

- O *Tour de France* (AUGENDRE, 2009, p. 18 – Tradução livre)<sup>27</sup>.

Desde sua criação o evento foi marcado pelos grandes desafios impostos aos pilotos. Os atletas eram, a cada edição, incentivados à superação. A jornada solitária - como era no princípio - dos competidores pelas longínquas estradas francesas

<sup>24</sup> O Jornal *L'Auto* é o antecessor do atual *L'Equipe*, jornal esportivo francês com ampla cobertura em futebol, automobilismo e ciclismo. O seu nome já indicava o grande entusiasmo por corridas na França (WEBER, 1988).

<sup>25</sup> A *Paris-Brest-Paris* era uma corrida de bicicleta de longa distância, que teve sua primeira edição em 1891, em um percurso de 1.200 quilômetros, entre as cidades de Paris e Brest, com retorno a capital francesa (WEBER, 1988).

<sup>26</sup> O livro escrito por Agostinho Fouillée, sob o pseudônimo de G. de Bruno foi amplamente utilizado nas escolas francesas da Terceira República. O livro narra às aventuras de duas crianças pelas diversas províncias da França em busca de sua família após a morte de seu pai. Tudo acontece no contexto da perda dos territórios da Alsácia e Lorena para os alemães, depois da guerra franco-prussiana. A viagem dos jovens é uma exploração geográfica, histórica e cultural à França, e um convite ao nacionalismo e ao patriotismo tão presentes no contexto da Terceira República francesa (OZOUF; OZOUF, 1997).

<sup>27</sup> “Pourtant, il se ravisa dès Le lendemain et convoqua le chef de la rubrique velo: “J’ai bien réfléchi. Ta proposition est intéressante. Mais, si nous parvenons à mettre cette épreuve sur pied, il ne faudra pas l’appeler lês Six-Jours sur route. - Alors, comment l’appellerons-nous? - *Le Tour de France*” (AUGENDRE, 2009, p.18).

transmitia aos espectadores, desde suas primeiras edições, uma qualidade épica inovadora. Nas palavras de Nicholson (1977, p.53), o *Tour de France* “(...) transformava os ciclistas em campeões, e os campeões em heróis”.

A beleza épica desde seus primeiros anos de história edificou a condição estética do evento. O *Tour*, além de uma corrida de bicicleta, trazia, conforme apontam Weber (1988), Vigarello (1997) e Henry (2014), na sua essência a modernidade e através de sua rota revelava mais da França aos franceses. Estes elementos podem ser encontrados na seguinte passagem

No entanto, a retórica oficial em torno do evento sempre enfatizou, como Michelet, o fato de que ela abrange toda a variedade e a beleza da França. Em 1938, Henri Desgrange, seu idealizador em 1902, agora Diretor tanto de *L'Auto* como do evento, e o "grande homem velho" do *Tour*, leu esta declaração lírica para o rádio: 'Há outro aspecto da corrida que me interessa tanto como o esporte, que é a rota do *Tour*, que entrecruza todas as belas províncias do nosso país, e me dá emoção considerável a cada ano. Tenho orgulho de ser um francês que adora seu país e é sensível às emoções que surgem das belas paisagens, desde os vários costumes e práticas dos nossos diferentes departamentos. Tenho sido e ainda estou tocado a cada ano por diversos pontos turísticos do país encontrados. Pode ser um produtor de vinho, pode ser um lenhador nas florestas ao sul de *Bordeaux*, pode ser um pastor, pode ser uma paisagem verde e fértil ou pode ser uma paisagem seca no sul. Todos os anos, eu olho para a frente com grande prazer, e com paixão, para as emoções que se reúnem ao longo do caminho' (CAMPOS, 2012, p. 34-39/51 – Tradução livre)<sup>28</sup>.

Até os dias atuais o *Tour* conserva essa característica épica que os franceses admiram quando os pilotos, reunidos no grande pelotão, passam por suas diversas cidades, vilas, províncias e/ou campos. Os preparativos são muitos à espera do momento em que os corredores apontarão de longe vencendo a estrada em sua direção para ganharem as ruas dos lugarejos por onde passam. Algumas das belas imagens da edição de 1962, por exemplo, estão preservadas em vídeo e são o

<sup>28</sup> “Nevertheless, the official rhetoric surrounding the event has always continued to emphasize, like its great uncle Michelet, the fact that it encompasses the whole of the variety and the beauty of France. In 1938, Henri Desgrange, its 1902 conceiver, now Director both of *L'Auto* and of the event, and 'grand old man' of the *Tour*, read this lyrical statement out over the radio: 'There is another aspect of the race that interests me as much as the sport, and that is the route of the *Tour*, which criss-crosses all the beautiful provinces of our country, and gives me considerable emotion every year. I am proud to be a Frenchman who adores his country and is sensitive to the emotions that arise from the beautiful landscapes, from the various customs and practices of our different départements. I have been and I still am touched each year by various country sights encountered. It may be a wine-grower, it may be a woodcutter in the forests south of *Bordeaux*, it may be a shepherd, it may be a green and fertile landscape or it may be a dried-out landscape in the south. Each and every year, I look forward with great pleasure, and indeed passion, to the emotions I shall meet along the way” (CAMPOS, 2012, p. 34-39/51).

testemunho deste tipo de acontecimento<sup>29</sup>. As ruas estreitas das pequenas cidades nas quais passam o pelotão abrigam os moradores que aguardam ansiosos o momento de verem os pilotos de perto. As populações locais começam a aglomerar-se também em torno da praça, sentados nos gramados. Freiras, padres, crianças usando bonezinhos de patrocinadores, idosos, moças entusiasmadas, homens bem vestidos ou nem tanto. Todos os tipos de indivíduos se misturam aguardando o pelotão. A espera pode ser longa, por isso busca-se uma acomodação confortável na grama para que uma toalha seja estendida e seja possível apreciar um lanche agradável acompanhado de uma boa bebida. Aos poucos a espera toma ares de comunhão, os indivíduos passam a dividir os espaços, às vezes apertados, com o olhar sempre muito atento na estrada.

A corrida é uma celebração entre os franceses. Um festejo não somente do esporte, do ciclismo, e sim uma comemoração patriótica da França e dos franceses. Um dos pontos mais marcantes deste evento é quando, as motos da organização da corrida abrem espaço para a passagem dos pilotos, que atravessam os lugares como um sopro e despertam os olhares de admiração pelo seu heroísmo e sua bravura.

No calor do verão francês muitas vezes é possível prestar sua ajuda aos pilotos, deixando com isso sua marca de indivíduo comum no *Tour de France*. Aguardava-se o pelotão com água fresca em baldes ou com as mangueiras abertas, para que os pilotos pudessem por um breve momento aliviar-se do calor. Muitos ciclistas deitavam suas bicicletas no asfalto ou as encostavam-nas paredes e corriam para dentro das vendas espalhadas pelo caminho, aonde podiam rapidamente comprar sorvetes e/ou até bebidas alcoólicas como cerveja e *champagne*, cuidadosamente guardados nos bolsos traseiros de suas camisas para serem consumidos e até compartilhados com os companheiros ao longo dos quilômetros que ainda faltavam até a linha de chegada. Assim passava o pelotão do *Tour* que ganhava novamente a estrada e seguia ao encontro de outros lugares da França escritos em sua rota.

---

<sup>29</sup> *Vive Le Tour* 1962, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2nLxAKwtBb4>, acesso 14/09/2015.

Em uma versão mais descontraída e bem humorada o canal de TV *Euro Sport*<sup>30</sup> resume momentos pitorescos do *Tour de France* da entre os anos de 2011 a 2015. São imagens dos acontecimentos ocorridos dentro do próprio pelotão durante a corrida, bem como dos indivíduos presentes nas diversas cidades e estradas francesas. Todos em celebração ao *Tour* e também à própria França. Destaca-se aqui o empenho com que os moradores que estão na rota do evento em prepararem suas cidades para receber a passagem do pelotão. As localidades são enfeitadas coloridamente e as populações locais ficam pelas janelas e ruas, olhando, aplaudindo, acenando para os esportistas. Espectadores vestidos de Napoleão Bonaparte, moças seminuas, animais de estimação ou indivíduos vestidos com as camisas de líderes do *Tour* são os diversos personagens presentes no trajeto da corrida. Conforme apontam Dauncey; Hare (2012) trata-se de uma simbologia que transcende o ciclismo e se apropria de conceitos como patriotismo, nacionalismo e cultura. O *Tour* deixa sua marca na imaginação dos indivíduos, porque o espectador vê a disputa entre os concorrentes pelos caminhos da França e quando um jornal estampa em sua capa o vencedor ele jamais o esquecerá, porque o viu na beira da estrada.

#### **4.4 - O termo *Tour de France*: a afirmação da identidade francesa**

Campos (2012) salienta que o termo *Tour de France* para denominar a corrida é providencial. A terminologia traz na sua essência a simbologia desse evento que celebra o território francês. O nome que na contemporaneidade teve um significado de passeio turístico remete as lembranças mais antigas sobre este país europeu. O autor lembra ainda que o termo possa ter tido sua origem no século XVI e foi resgatado em um momento de necessidade de consolidação territorial da França, decorrente da instabilidade geopolítica da Terceira República e da inaceitável, perda dos territórios da Alsácia e Lorena depois da guerra franco-prussiana. Campos (2012) ainda argumenta que a palavra *tour* tem um significado de turnê reforçando o

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2IEkSxXe4uU>, <https://www.youtube.com/watch?v=oFA5cAQkrlA>, <https://www.youtube.com/watch?v=otPU2K0jjSI>, <https://www.youtube.com/watch?v=JtCni1lvd78>, <https://www.youtube.com/watch?v=LvrkVobNdzs>, acesso 14/09/2015.

conceito de união territorial, porque está historicamente ligada as excursões pelo reino, ou seja, as visitas feitas pelo monarca em seus domínios, mapeando com isso quais eram realmente os vassalos leais. É preciso resgatar a complexidade de união territorial existente desde a Idade Média, pois como aponta Duby (1988), no caso da França os domínios senhoriais tinham extensões gigantescas e se fragmentavam em subloteamentos, tornando a fiscalização muito necessária.

Nesse sentido, o significado do termo *tour* é interpretado por Campos (2012) como de caráter político, ligado, desde Charles IX<sup>31</sup>, à necessidade de inspeção territorial, e que a partir do início do século XX sustentou a idéia de demarcação do território nacional. Significativamente o termo *tour* tem raízes nacionalistas desde Jules Michelet, o historiador do século XVIII/XIX, que nas palavras de Sant'Anna Filho (2012, p.8) era um “nacionalista por paixão” e que teve no amor pela França sua grande religião. Em sua obra “*Tableau de La France*”, Michelet escreve sobre uma viagem pela França que inicia e termina em Paris. Neste livro descreve as províncias francesas e recupera diversas histórias como a de Joana D’Arc.

Como pode ser visto o termo no século XIX estava ligado à consolidação do território e da construção de uma identidade nacional. Histórias de reinos e reis, do povo francês e da geografia da França são elementos do patriotismo francês em superação a mutilação de seu território ocorrido em 1870. Fumey (2006) lembra que a Volta à França de Bicicleta resgatava o sentimento de união e de consolidação do território nacional, aonde certas passagens representavam e relembravam glórias passadas como a do bicentenário da Revolução Francesa quando o pelotão passou entre *Versalhes* e os Campos Elísios e as *Tuileries*. Nesse sentido, o *Tour*, conforme apontam Dauncey; Hare (2012) é a representação da França como nação e como cultura, porque reconta a história deste país através da sua rota, explorando seu patrimônio histórico, arquitetura, paisagem, rios e montanhas.

Segundo Campos (2012), o termo *tour* pode ainda ter conceitos históricos de significado mais antigo. O “*Le Tour de France*” pode nos levar aos séculos XII e XIII, período no qual os artesãos envolvidos nas construções das catedrais, bem como aqueles envolvidos em diversos ofícios passaram a se organizar em sociedade

---

<sup>31</sup> Segundo apontam Boutier; Dowerpe (1984), o rei Charles Maximilien da França, também conhecido como Charles IX, monarca entre os anos de 1560 a 1574, realizava inúmeras viagens de inspeção por todo território de seu reino.

semi-secretas chamadas *devois*, que tinham funções parecidas com as dos sindicatos modernos. Seus membros, os *compagnons*, protegiam seus interesses contra outros artesãos impostores e realizavam viagens a outras localidades para trocarem técnicas de trabalho qualificado. Campos (2012) lembra que esse treinamento em viagens chamou-se *Tour de France*, adquirindo um significado de informação para conhecimentos sobre um determinado ofício.

Campos (2012) ainda salienta que é possível relacionar o significado do termo com a religião, no sentido da peregrinação por um território sagrado. Le Goff (1983) indica que a peregrinação ganhou importância como prática religiosa na França durante o período da Idade Média. Na opinião do historiador as andanças pelo território francês tinham inúmeros significados. Poderia ser por reforço da fé abandono da vida material e até mesmo como forma de penitência. Le Goff lembra que em termos territoriais o próprio conceito de nação (que tomará forma na Europa somente depois do século XIV) cede lugar ao de Cristandade. A partir do Ano Mil a expansão da Cristandade avançou em terras desconhecidas no Oriente Médio e em direção à Península Ibérica, reconquistando territórios dominados por não cristãos e anexando domínios ao que Le Goff (1983, p.94) chamou de “*Respublica Christiana*”.

O *Tour* é edificado como um passeio sobre o território francês que resgata a essência dos antepassados e reivindica os territórios desta nação (CAMPOS, 2012). A corrida de bicicletas desde sua “invenção” esteve, ligada a valores simbólicos da demarcação<sup>32</sup> das fronteiras francesas, reforçando o entendimento de comunidade que compartilha o sustendo. Através de uma mesma paisagem os franceses podem todos os anos, em pleno verão europeu, celebrar seu território, pois é na passagem do pelotão de ciclistas que uma ideologia nacional é valorizada, principalmente após a guerra de 1870 contra os alemães<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Segundo Campos (2012) a rota do *Tour* fora traçado assemelhando-se a um polígono unindo as fronteiras e as fechando em um hexágono. Esse conceito era importante especialmente nas zonas montanhosas fronteiriças dos Pirineus e dos Alpes. A idéia do hexágono é abandonada na rota do evento somente depois da Segunda Guerra Mundial, quando o nacionalismo enfraquece em toda a Europa.

<sup>33</sup> Somam-se, de forma valorosa, ao comportamento orgulhosamente nacionalista elementos como etnicidade e a construção da língua nacional, pois desde o final do século XVIII diversas nações retomaram línguas vernáculas ligadas aos seus campesinatos, suscitando com isso um resgate folclórico de suas populações. Sobre os nacionalismos nos séculos XVIII, XIX e início do século XX consultar o livro de Hobsbawn (1990), “Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade”, especialmente os capítulos IV – As transformações do nacionalismo: 1870-1918 e V – O apogeu do nacionalismo: 1918-1950.

Como visto a França, a partir da Terceira República, caminhou para o alargamento dos costumes locais em busca do fortalecimento de sua identidade nacional. Para isso fez, nos dizeres de Campos (2012), uso de suas fronteiras para a união territorial e a construção da nação. O *Tour de France* deveria, nesse contexto, unir as cidades do país e com isso celebrar este território. As primeiras edições do *Tour* partiam dos subúrbios de Paris, porque lá era o ponto de partida da vida na França. No seu centenário em 2003, esse e diversos simbolismos foram resgatados:

O *Tour* de 2003 fará sua partida inicial nos subúrbios de Paris do famoso café *Reveil-Matin* em *Montgeron* no mesmo percurso original que partiu em 1 de Julho de 1903. No entanto, haverá também um desvio para passar na frente do mais novo e o mais prestigioso Monumento do esporte na França: o *Stade de France*, em *Saint-Denis*, associado com a famosa vitória do futebol na Copa do Mundo da França em 1998 e uma característica central de futuras licitações para a realização de outras mostras internacionais, como os Jogos Olímpicos. As principais cidades que acolheram o *Tour* em 1903 também irão hospedá-lo em 2003: Lyon, Marselha, Toulouse, Bordeaux, Nantes, não mais como zonas urbanas isoladas e centros industriais da virada do século o XIX que representavam o futuro da transformação da França do atraso rural e agrícola, mas como modernas e industrializadas conurbações multiétnicas abertas aos eixos do transporte europeu. A rota incluirá os Alpes e etapas de montanha dos Pirineus, que vieram a simbolizar os esforços sobre-humanos impostos aos seus pilotos: *le Galibier*, *l'Alpe d'Huez*, *l'Izoard*, *le Tourmalet*, *Luz-Ardiden*. No *Tour* de 1953 (o quadragésimo a ser executado), o aniversário de 50 anos da corrida foi uma celebração consideravelmente menor, ao passo que, partindo da rota 1903, o *Tour* 2003 irá fazer desvios para comemorar seus fundadores Géo Lefèvre, Henri Desgrange e Jacques Goddet. (DAUNCEY; HARE, 2012, p. 12 e 13/66- Tradução livre)<sup>34</sup>.

Nesta edição a intenção era promover um evento grandioso e heróico para descrever a geografia e a história da nação, como um apelo à sua memória

---

<sup>34</sup> "The 2003 Tour will make its initial departure in the Paris suburbs from the famous *Reveil-Matin* café in *Montgeron* from which the original Tour departed on 1 July 1903. However, there will also be a detour to pass in front of France's newest and most prestigious sporting monument: the *Stade de France* in *Saint-Denis*, associated with France's famous football World Cup win in 1998 and a central feature of future bids for hosting other international showcases such as the Olympic Games. The major cities which welcomed the Tour in 1903 will also host it in 2003: Lyon, Marseille, Toulouse, Bordeaux, Nantes, no longer as the turn-of-the-nineteenth-century isolated urban, industrial centres representing the future of France's transformation from rural and agricultural backwardness, but as modern, de-industrialized, multiethnic conurbations open to European transport axes. The route will include Alpine and Pyrenean mountain stages, which have come to symbolize the superhuman demands placed by the Tour on its riders: *le Galibier*, *l'Alpe d'Huez*, *l'Izoard*, *le Tourmalet*, *Luz-Ardiden*. The 1953 Tour (the fortieth Tour to be run), the anniversary of 50 years of the race was a considerably less self-conscious celebration of the competition, whereas, departing from the 1903 route, the 2003 Tour will make detours to commemorate its founding fathers Géo Lefèvre, Henri Desgrange and Jacques Goddet" (DAUNCEY; HARE, 2012, p. 12 e 13/66).

nacionalista. Os pilotos largaram o prólogo<sup>35</sup>, aos pés da Torre *Eiffel*, correndo ao longo do rio *Siena* e chegando a *La Maison de la Radio*. Como de costume a multidão se aglomerava atrás das grades de proteção cobertas pelos cartazes dos patrocinadores. Diversos indivíduos apropriaram-se do espaço urbano de Paris em busca de uma imagem do *Tour de France*. Do alto da Torre *Eiffel* havia também uma aglomeração de curiosos e admiradores que deram uma pausa em seu passeio para celebrar a passagem dos pilotos<sup>36</sup>. No dia seguinte, no mesmo horário que em 1903, foi dada a largada da primeira etapa do *Tour de France* do centenário nos subúrbios de Paris.

O ano de 2003 teve um evento espetacular, digno da celebração do centenário da corrida de bicicleta mais difícil do mundo, dentro dos moldes estéticos sinalizados por Gumbrecht (2005). O norte-americano Tyler Hamilton<sup>37</sup>, ex-companheiro de Lance Armstrong nas edições de 1999 a 2002, fez em 2003 uma jornada inacreditável correndo com a clavícula quebrada em uma queda sofrida ainda na segunda etapa. Na décima sexta etapa Tyler resgatou a memória de tantos heróis que escreveram a história da corrida ao longo dos seus cem anos, quando fez o que a imprensa na época chamou de “a escapada mais longa e corajosa da história do *Tour*”, depois de percorrer solitários 96 quilômetros até a vitória. (HAMILTON, 2013, p. 219).

A escalada do Alpe *D’Huez*, na oitava etapa, também merece menção quando se aborda a edição do centenário. “Nunca vimos uma escalada como essa antes”, grita Liggett<sup>38</sup> (HAMILTON, 2013, p. 215). Os líderes avançavam pela montanha e o basco Ibán Mayo se aventurou em uma escapada solitária quando a escalada já atingia quase 8 km percorridos. Anos mais tarde seu colega de pelotão e rival de equipe, Tyler Hamilton o comparou aos mitos da ficção: “Então Mayo escapa, agitando a estrada, e sua camiseta laranja aberta fica agitada, como se fosse uma

---

<sup>35</sup> Etapa de contra-relógio individual ou por equipes, geralmente de curta distância, que geralmente abre o evento do *Tour de France*, assim como o de diversas outras voltas ciclísticas.

<sup>36</sup> *Tour De France 2003 1 - Prologue - Stage 2 - Something to turbo train to*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEVUNtbcvmU>, acesso 18/09/2015.

<sup>37</sup> Uma coletânea de imagens do piloto Tyler Hamilton no *Tour de France* de 2003 está reunida no vídeo *Tyler Hamilton Tour de France 2003 – Brainpower*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laPCkx9Fx5c>, acesso em 18/09/2015.

<sup>38</sup> Phil Liggett é um jornalista e comentarista esportivo inglês, especialista em ciclismo profissional. Cobre a transmissão de corridas profissionais de bicicleta e as grandes voltas ciclísticas como o *Tour de France* (LIGGETT; RAIÁ; LEWIS, 2011).

capa de super-herói”. (HAMILTON, 2013, p. 215). O cazaque Vinokourov com sua força rústica, o alemão Jan Ulrich, com seu porte físico incomparável, o grande escalador espanhol Joseba Beloki, todos estavam lá, gladiando até a vitória. Assistir aquela escalada do Alpe *D’Huez* foi uma experiência intensa. Na luta épica travada nesse dia Mayo foi o primeiro herói a erguer os braços ao cruzar a linha de chegada. Que etapa!<sup>39</sup> Com isso, conforme aponta Dauncey; Hare (2012) resgatou-se todo o simbolismo do primeiro *Tour de France*. Era um evento de gladiadores, uns contra os outros e principalmente contra milhares de quilômetros. Campos (2012) argumenta que ao fim da batalha, depois das vinte e uma etapas cumpridas, os pilotos retornavam a Paris e como prêmio, em frente ao Arco do Triunfo, atravessaram a *Champs Elysées*, em uma corrida final, que misticamente simboliza o “*The Elysian Fields*”, termo pré-cristão para designar o paraíso.

Outro ponto que merece ser salientado é a expansão do *Tour* para além do território francês. Campos (2012) lembra que a partir de 1960, o evento iniciou em outros países europeus, como Irlanda, Inglaterra, Holanda<sup>40</sup>. O autor aponta que no contexto do pós- guerra a partida dos pilotos além das fronteiras da França resgatou mais uma vez o simbolismo heróico da sua história territorial. Representou no imaginário dos franceses uma luta épica travada no território adversário. Os filhos da França atravessam além de suas fronteiras para iniciarem uma batalha. Quando o pelotão entra em território francês é a representação dos filhos rebeldes de volta ao seio da sua mãe.

As marcas históricas das guerras estão muito presentes na história do *Tour de France*. Os sentimentos que afloram desde a guerra de 1870 permitem entender

---

<sup>39</sup> *Tour de France 2003 stage 8 Sallanches – Alpe D’Huez*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1-y38WZAatgc>, acesso 18/09/2015.

<sup>40</sup> Para a edição de 2016 o *Tour de France* parte da região do Canal da Mancha, historicamente ligada à recuperação das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial, em 1945, com a operação militar chamada de Dia D ou Desembarque da Normandia. Nas primeiras três etapas os pilotos disputam por esse litoral, passando pela praia de *Utah*, um dos pontos adicionados para o desembarque aliado em 1945 e por *Cherbourg Octeville*, o primeiro objetivo dos aliados no dia do Desembarque e considerado um importante porto militar lembrando, na história da França, os nomes de Luis XVI e Napoleão I. Mas a rota também sai do território francês no dia 10 de julho e entra na Espanha e segue para a grande escalada na região de Andorra, o principado catalão, que segundo ditos populares foi fundado por Carlos Magno e que esteve ligado aos domínios franceses durante setecentos anos. A rota do *Tour* de 2016 ainda sairá do território francês mais uma vez nos dias 19 e 20 de julho para as escaladas alpinas nas regiões de Berna na Suíça. O evento de divulgação e explicação da rota do *Tour* de 2016 pode ser visto no vídeo oficial do evento *Parcur Tour de France 2016*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HzkV53G3l5A>, acesso 01/11/2015.

as aproximações simbólicas que se construíram em torno do evento. A entrada do pelotão na França, depois das etapas iniciais em território estrangeiro e a cuidadosa construção das suas rotas dentro do território francês são exemplos dessa formulação simbólica. Os pilotos eram saudados, desde o contexto da Primeira Guerra Mundial como soldados, uma afirmação do orgulho nacional:

Nesses anos anteriores à guerra patriótica, os corredores são freqüentemente descritos como ‘soldados do esporte’, ‘tropa de elite’, ‘sagrado batalhão’, e deles se diz que se pode oferecer uma ‘saudável lição de energia’ para a juventude francesa. (GABORIAU, 2003, p. 150 – Tradução livre)<sup>41</sup>.

Para Campos (2012) a passagem do pelotão como uma representação heróica ligada à guerra é tão significativa que o autor compara a presença de moças entusiasmadas nas beiras das estradas acenando ao pelotão e/ou nas cidades aguardando sua chegada, com a presença de moças recepcionando os soldados franceses que voltavam da guerra depois de 1944. A presença feminina em ambas as situações representam a recompensa ao guerreiro. Praticamente um espólio de guerra.

Por exemplo, na edição de 1947<sup>42</sup>, o primeiro do pós-guerra, o evento trouxe à tona aos franceses o heroísmo de seus soldados, ainda num período em que a guerra estava latente, quando os ciclistas exaustos e sujos cruzam a linha de chegada aguardada pela multidão. Para completar a glória francesa, em 1947 o *Tour* teve um vencedor francês: Jean *Robic* (DAUNCEY; HARE, 2012).

A partir da década de 1950 o *Tour* internacionalizou-se e perdeu-se um pouco da sua essência nacionalista e do seu elo com a identidade nacional. Muito se deve ao fato do próprio nacionalismo construído nas bases ideológicas do século XIX perder força. Pilotos estrangeiros chegavam e passaram a ser bem recebidos. O evento não era mais o palco de disputas heróicas que os franceses utilizavam para

---

<sup>41</sup> “En del deporte», «tropa de elite», «sagrado batallón» y de ellos se dice que pueden ofrecer «una saludable lección estos años anteriores a la guerra patriótica, los corredores son frecuentemente descritos como «soldados de energía» a la juventud francesa” (GABORIAU, 2003, p. 150).

<sup>42</sup> Imagens do *Tour de France* de 1947 podem ser analisadas nos seguintes vídeos selecionados: *Tour de France* (1947), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1UIK4WhPcC0>, acesso 18/09/2015; Robic: La legende Du *Tour de France*, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ukiC4Xj4\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=ukiC4Xj4_4), acesso 18/09/2015; Tour de France 1947, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sx1Qfsnur5k>, acesso 18/09/2015; Jean Robic, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HdXDSkUVUls>, acesso 18/09/2015.

destacar a bravura dos seus filhos. Em suas últimas edições a competição apesar de continuar sendo uma arena de gladiadores, estes passam a vir de todas as partes do mundo: latinos, germânicos, belgas, norte americanos e, mais recentemente o pelotão tem se composto também por pilotos asiáticos e africanos. Tais elementos, junto com toda sua constituição histórica, continuam a deixar o *Tour de France* como um evento de grande apelo estético.

#### 4.5. Imagens



Imagem 5: René Pottier, *Tour de France* 1905. “Ele tem um olhar ardente e místico”. Tradução livre.



*Imagem 6: Le petites reines: les femmes aussi, Tour de France, 1964.*



Imagem 7: Alexander Vinoukov vs Iban Mayo – Le Col de Peyresourde, Tour de France, 2003.

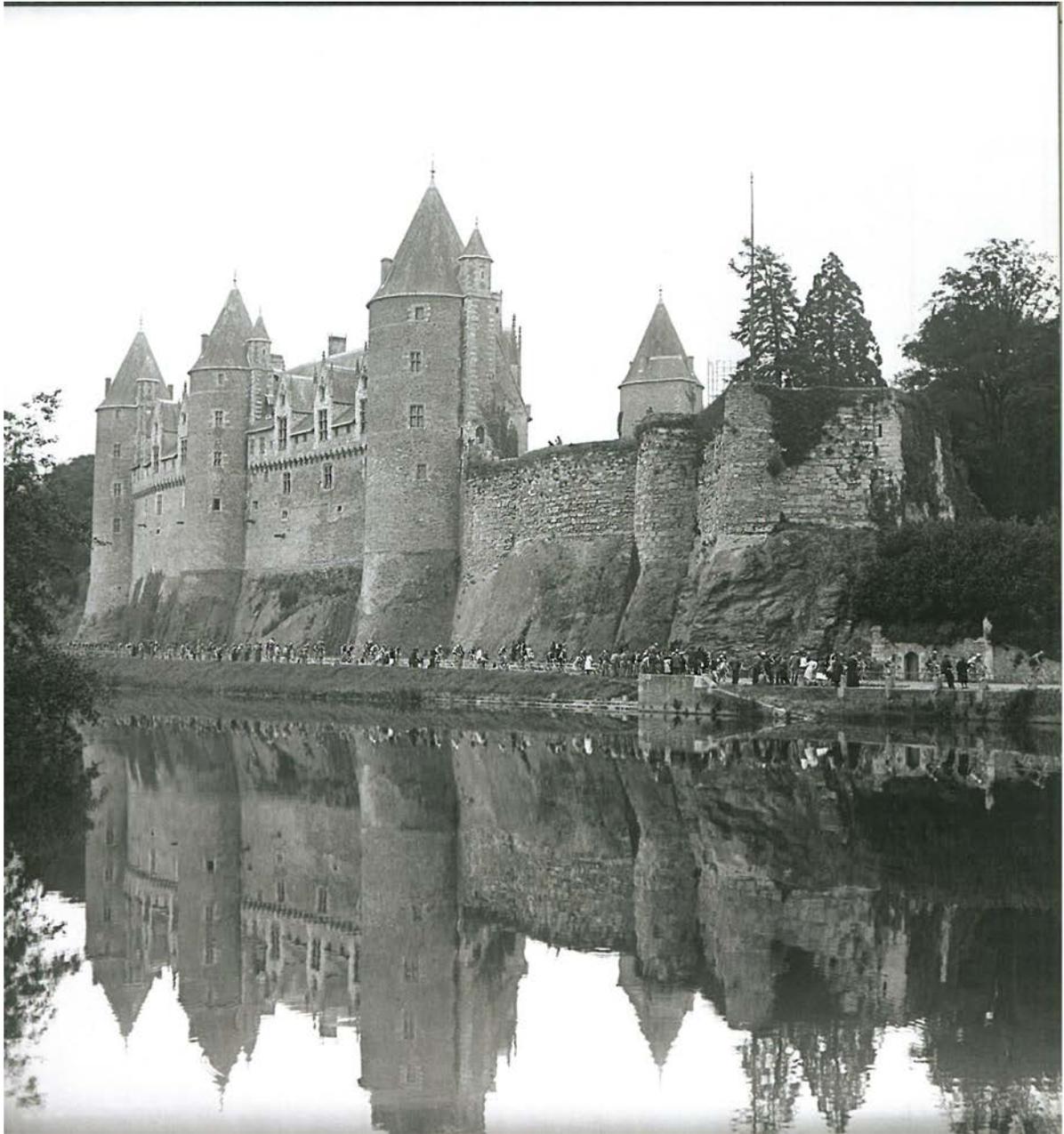


Imagem 8: *Château de Josselin, Tour de France, 1948.*



Imagem 9: Ravitaillement L'abreuvoir, Tour de France, 1957.



Imagem 10: *Pont sur Gave, Tour de France* , 2003.



Imagem 11: *Les Alpes – Col de Galibier, Tour de France 2000.* (editado)



Imagem 12: *La Tour Eiffel: voyage à Paris, Tour de France 1951.*

## 5 - OS CORPOS DO *TOUR DE FRANCE*: A BELEZA DOS CORREDORES DE BICICLETA

### 5.1. Apontamentos sobre a estética, corpo e esporte

A análise do ciclismo profissional, no *Tour de France*, pelo viés da estética sinalizada por Gumbrecht (2005), possibilita um interessante caminho teórico, tendo no conceito de beleza seu principal elemento. Vigarello (2006) indica que historicamente a beleza do corpo tem ocupado uma posição significativa nos valores das sociedades ocidentais. Para o historiador francês o olhar estético lança-se sobre o corpo de forma bastante expressiva. Sant’Anna (2007) e Vigarello (2006; 2010), por exemplo, indicam que na modernidade a valorização do corpo atendeu padrões de beleza provenientes da construção de novos valores ligados à saúde e a perfeição do corpo magro e atraente. Lacerda (2007), por sua vez, argumenta que historicamente o olhar estético do corpo esteve ligado ao seu sucesso em distintos momentos históricos.

Se nos períodos mais arcaicos a *performance* do corpo deveria garantir a sobrevivência, na Antiguidade Clássica o olhar sobre o corpo estava ligado a valores da arte, da literatura e dos exercícios físicos (LACERDA, 2007). Por sua vez na modernidade a prática do culto ao corpo possibilitou o surgimento de novos significados estéticos (COURTINE, 1995; VIGARELLO, 2006). Ainda pode-se interpretar o conceito e o significado da beleza pela contribuição de Eco (2014). Para esse autor o conceito da beleza se insere em seu contexto histórico e cultural. Assim, na Grécia Antiga, por exemplo, até Péricles, a ausência de um senso estético associava a beleza a outros valores, como ao de justo, de tal forma que “o justo é o mais belo” (ECO, 2014, p. 37).

No ciclismo de estrada, nos pelotões das grandes voltas ciclísticas como o *Tour de France*, a exemplificação da beleza refletida por valores morais e justos pode debruçar-se sobre alguns acontecimentos envolvendo Tyler Hamilton. O piloto norte-americano de modestos 58 kg em 1,70m de altura, de ombros estreitos, grandes orelhas e olhos verdes destacados era considerado em seu meio como sendo extraordinariamente decente, bem educado e solícito. “Era capaz de perceber

as menores coisas, suas mãos sempre prontas para abrir portas, fazer cócegas nos bebês, pegar cafezinhos, coçar atrás das orelhas de um cachorro (...)” (COYLE, 2006, p. 49-50). Um indivíduo capaz de frases simples e notadamente honestas, tais como “Eu estava apenas fazendo meu trabalho”, “Doeu muito, mas eu continuei”, “Agradeço a minha equipe” (COYLE, 2006, p. 50).

Há uma tradição no pelotão de uma grande corrida de esperar algum tempo para atacar quando algum acidente envolve o líder, que no *Tour de France* trata-se do portador da Camisa Amarela. Em 2003, quando Lance Armstrong, o então líder da corrida, teve uma queda na etapa 15 ao se enroscar em um brinquedo nas mãos de um garoto na beira da estrada, Tyler Hamilton escalou o pelotão até chegar a Jan Ullrich, o rival histórico de Lance, que estava à frente do grupo, para pedir-lhe que diminuísse o passo até Lance voltar ao pelotão. Naquele dia Lance venceu com quarenta segundos de vantagem sobre Ullrich e um minuto e quarenta segundos à frente de Hamilton. À noite, Lance agradeceu com uma mensagem de texto, provocando em Hamilton a seguinte reação:

Gostei de ter visto aquilo. Mas gostei por causa do sentimento de fazer aquilo que era certo. Não era por causa do Lance. Era por causa da lealdade. Mesmo em nosso mundo – seguir as regras é bom, de vez em quando”. (HAMILTON, 2013, p. 216/217).

Vigarello (2006) lembra que diferentes modelos de beleza convivem, historicamente, uns com os outros, despertando distintos olhares e formas de admiração e/ou repulsa, até que se chegue aos modelos de beleza típicos da modernidade. A partir de então, o belo passa a ser entendido para além do conceito de justa medida e incorpora outros elementos mais relacionados àquilo que agrada. Algo que causa admiração e atrai o olhar. Entretanto, ressalta-se, conforme aponta Eco (2014), que no caso do corpo humano assumem um papel relevante também as qualidades relacionadas ao caráter.

Para Gumbrecht (2005) e Eco (2014) o entendimento da idéia de Kant sobre o juízo de gosto é de grande valia. Esse juízo estético não abraça conceitos e sua beleza não depende do prazer ou do desprazer sentido pelo observador. Há sempre a expectativa de uma universalidade subjetiva no sentido de entender que o juízo estético comum deva ser compartilhado por todos.

Na vida comum cada um pode seguir o próprio gosto e pode lhe parecer belo aquilo que para um outro é feio e vice-versa. Mas querendo elevar essa casualidade do juízo estético-empírico para além de sua falta de segurança e clareza, é preciso submetê-la à crítica e, portanto, à ilustração dos supremos princípios. (ECO, 2014, p. 136).

Gumbrecht (2005) indica que estes elementos também se repercutem nos esportes e o seu fascínio perpassa pela formulação do ideal da beleza. Trata-se da representação do objeto na sua essência, sem uma intencionalidade específica. Ao analisar os conceitos de Kant, Gumbrecht sinaliza para a expressão do movimento esportivo como uma representação da beleza dramática, distante da vida cotidiana e que pode ser contemplada apenas pela sua essência. Há aqui a intenção de apontar o esporte como algo digno de uma beleza que repousa na dimensão do sagrado.

Gumbrecht (2005), ainda lembra que para além do belo existe o sublime. O belo está ligado aos sentidos e ao reconhecimento de um prazer. Nesse mesmo ambiente avança a ideia de sublime como uma expressão de grandes e nobres paixões. Eco (2014) salienta que o sublime arrasta o indivíduo para o êxtase, manifesta-se no gosto pelo exótico, pelo curioso, pelo diferente. É estupefaciente. Para o autor italiano predomina no sublime o não-finito, a dificuldade, a aspiração a alguma coisa sempre maior. Já em Gumbrecht (2005), o sublime ganha contornos ainda mais definidos, tornando-se algo absolutamente grande, tudo comparado a ele se torna menor e com menos significância. Para o esporte o sublime está ligado a feitos e/ou a eventos impressionantes e carrega em seu bojo uma beleza grandiosa, uma inimitabilidade

Nos tempos remotos do *Tour de France*, quando a comodidade das estradas asfaltadas e das tecnologias que aprimoraram as bicicletas em sua leveza e desempenho ainda não existiam, os pilotos desenhavam a estética do *Tour* pela superação do impossível, tornando belo o absurdo, atravessando com brutalidade o que era visto como intransponível. A *Bayone-Luchon*, lendária etapa de montanha do *Tour* de 1926 com 323 quilômetros de percurso, pode representar os conceitos de estética abordados acima. Como poderia ser tido de grande beleza um grupo de homens correndo de bicicleta montanha acima em uma aventura épica em que “as

estradas da montanha se transformaram em poços de lama?”<sup>43</sup> (AUGENDRE, 2009, p. 28 – Tradução livre). A resposta pode estar no fascínio pelo impossível, como ressaltou um espectador, ao se referir ao *Tour* de 1911:

A mais bela corrida do mundo deve pensar fora do comum e olhar para dificuldades excepcionais (...). E a você, por consequência, fica a glória dos campeões que tem a coragem de se lançar nesta formidável aventura<sup>44</sup> (AUGENDRE, 2009, p. 44 – Tradução livre).

O cenário fascinante desta edição foi completado pela singularidade do vencedor, o belga Lucien Buysse. Este ciclista destacava-se pela sua aparência particular, de calças de lã baixas e encharcadas pela chuva, ilustrando a descrição dada aos pilotos de “condenados da estrada”. Sua chegada, conforme aponta Augendre (2009), se deu depois de mais de 17 horas de corrida, numa jornada que tivera início às 3 horas da madrugada e enfrentara condições climáticas extremas. Foi o *Tour* mais longo da história somando 5.745 km. Uma aventura de caráter dantesco realizada por alguns poucos corpos humanos.

## 5.2. A beleza dos corredores de bicicleta

No centro das reflexões sobre o fascínio que os esportes provocam está o corpo atlético e sua beleza. A prática do esporte profissional é uma busca permanente pela perfeição e pelo máximo rendimento. Lacerda (2007) indica que sobre o esportista amplia-se o olhar estético da beleza padronizada, caminhando até as possíveis potencialidades criando com isso diversas formas estéticas e belas que o corpo do esportista pode apresentar. Os movimentos do corpo tornam-se a expressão da beleza que saltam aos olhos dos espectadores de tal forma que assistir a um evento esportivo, conforme lembra Gumbrecht (2005), transforma-se em uma experiência estética, vista singularmente por cada espectador.

Assim, baseia-se nas contribuições de Gumbrecht (2005), Vigarello (2006), Lacerda (2007) e Eco (2014) para ressaltar que existe uma pluralidade de valores

<sup>43</sup> “(...) le routes de montagne sont transformées en bourbiers.” (AUGENDRE, 2009, p. 28).

<sup>44</sup> “La plus belle épreuve du monde doit sortir dès sentiers battus et rechercher dès difficultés exceptionnelles (...) Et, par voice de consequence, à la glorie des champions qui ont Le courage de se lancer dans cette formidable aventure.” (AUGENDRE, 2009, p. 44).

estéticos e no esporte essa diversidade destaca-se também pelos distintos tipos morfológicos e pelas diferentes *performances* que cada modalidade exige. Dessa forma, entende-se que o pelotão de ciclismo de estrada é um rico universo de diversidade morfológica, de belezas distintas, de tipos e biótipos diferentes e diferenciados, que se apropriam das técnicas esportivas cada um a sua maneira. Como nos demais esportes, no ciclismo de estrada os padrões estéticos devem estar ligados às necessidades de *performance*, tais como, força, velocidade, habilidade técnica e acrescenta-se ainda a resistência e a incrível capacidade de sofrimento que a modalidade exige.

Nesse sentido, a atenção se volta aos corpos destes corredores de bicicleta. Com suas *performances* elevadas e seus corpos inconfundíveis são produzidas verdadeiras obras de arte para superarem os desafios que as estradas proporcionam. A comparação das corridas de bicicleta com a arte é providencial nessa abordagem analítica. Esta aproximação tomou forma, com destaque, entre os anos de 1912 e 1913, quando as bicicletas, conforme aponta Vere (2011), já estavam concretizadas no imaginário da *Belle Époque*. Tanto que é possível encontrar obras de artes do início do século XX tematizando os corpos humanos e as bicicletas. Inclusive Bernard Vere analisa três obras de arte que retrataram o ciclismo competitivo neste período. O autor em suas reflexões demonstra como cada uma destas obras representa na singularidade do olhar de cada artista, uma expressão inserida no contexto e valores da modernidade. Assim, o autor transita pela pintura de Lyonel Feininger<sup>45</sup>, intitulada “*The Bicycle Race*”, de 1912. Vere (2011) argumenta ser perceptível encontrar na obra deste pintor representação estética dos valores ligados ao industrialismo. Os pilotos são representados como máquinas de uma eficiente engrenagem que é o pelotão. A obra de Feininger contempla o olhar sobre o ciclismo de estrada da primeira metade do século XX, no qual se percebia os corpos dos pilotos como trabalhadores forçados das estradas ou

---

<sup>45</sup> A obra mais antiga ligada a *The Bicycle Race*, é uma ilustração intitulada “*In Balance*”, de 1908 com o destaque de detalhes estéticos dos rostos aparentes e com grandes bigodes em uma clara representação estética da *Belle Époque*. Seqüencialmente sua mudança de orientação artística o leva a finalizar a obra em pintura a óleo, na qual se percebe traços da perda da individualidade dos pilotos retratados e um apelo ao contexto industrial. A referência passou a serem os traços geométricos (VERE, 2011).

ainda, nas palavras de Gaboriau “máquinas de quebrar a distância, máquinas de jogo ligadas à velocidade”<sup>46</sup> (VERE, 2011, p. 1160- Tradução livre).

A segunda obra analisada por Bernard Vere é a do francês Jean Metzinger, com o quadro “*At the Cycle Race Track (Au Velodrome)*”, pintura de 1912, que retrata o ciclismo, no conceito artístico do cubismo, com um olhar estético alimentado em sua paixão pelas bicicletas. Metzinger, assim como Feininger também havia sido piloto de corrida. Vere (2011) indica que é bastante evidente na obra do cubista francês a representação da estética nacionalista. As formas e cores da obra remetem ao nacionalismo acentuado e crescente depois dos eventos de 1870. A arte neste caso, representada nas corridas de bicicletas, reforça o discurso da época de afirmação do povo francês e da preservação territorial.

A última pintura analisada por Vere (2011) é de autoria do pintor e escultor italiano Umberto Boccioni e se chama “*Dynamism of a Cyclist (Dinamismo di un ciclista)*”. Obra futurista de 1913, que acaba por representar pela arte a estética da paixão dos pilotos pelas corridas, entendendo as bicicletas como uma forma de movimento que atua e exerce efeitos sobre a psique moderna. O olhar estético do artista italiano pode ter se inspirado na grande volta ciclística de seu país, o *Giro d'Itália*. Contudo, certamente também tem uma forte influência da sua passagem pela França, quando pode observar a corrida e transformar o *Tour* em uma fonte de inspiração artística, lançando sobre o evento o seu olhar estético.

Existem no pelotão do *Tour de France*, ao longo dos mais de cem anos de sua existência, outros inúmeros exemplos significativos para confirmar a relação que existe no ciclismo de estrada entre os corpos dos pilotos em ação, o sofrimento e a representação estética – e porque não artística - que se pode fazer desse conjunto de elementos. Por exemplo, em 1985, o francês Bernard Hinault avançava para sua quinta vitória no *Tour de France* em uma etapa de contra-relógio. Hinault era conceituado como um grande “rolador”, termo usado para identificar grandes contra-relogistas, corredores de passo potente e capazes de percorrer grandes distâncias sozinhos, como uma etapa de contra-relógio exige. Naquele dia, 06 de julho de 1985, o percurso imposto era de 75 km, uma distância consideravelmente exigente,

---

<sup>46</sup> “(...) the first, common in the newspaper reports of the races, sees the riders as exemplary workers joined to what Gaboriau calls ‘machines which shatter distance, machines of play linked to speed (...)’ (VERE, 2011, p. 1160).

mesmo para os grandes “roladores” e que pode ter a dificuldade intensificada se o vento estiver contra o piloto, que seguirá todo o percurso sozinho. O francês confirmou sua força, auxiliado pela tecnologia aerodinâmica aplicada em sua bicicleta e em suas rodas lenticulares:

Bernard é uma força da natureza, uma rocha, um homem de resistência inimaginável, diz Cyrille Guimard, que era seu empresário. Este é o atleta mais talentoso que eu conheço. O maior destaque do pelotão. Estou certo de que ele tinha potencial de um Merckx (...) Hinault não gosta de ninguém. Esse é o melhor elogio que eu posso lhe fazer<sup>47</sup>. (AUGENDRE, 2009, p. 34 – Tradução livre).

Desde os primeiros momentos do ciclismo de estrada como esporte profissional os corpos dos corredores estiveram submissos aos olhares atentos dos mais diversos tipos de observadores, provocando diferentes formas de emoções e expressões. De acordo com Thompson (1998), ainda no século XIX, era possível identificar o ciclista profissional e separá-lo do burguês elegante, que não era um corredor de bicicleta, mas um piloto equestre. Sua posição vertical dava-lhe o tom de “cavaleiro distinto” e o diferenciava definitivamente da rudeza aerodinâmica do ciclista profissional, debruçado sobre sua bicicleta em busca de uma posição mais competitiva.

Em uma época na qual a popularidade do darwinismo influenciou toda a concepção do corpo humano e esteve diretamente ligado a posição do corpo para o grau de evolução da espécie humana, só se poderia ser *homo cyclens burguês* ou *um Homo erectus* (...). O bom gosto supremo é agora ficar quase em linha reta: o *homem ciclista* ou *mulher ciclista* que se debruçarem sua máquina são assim desqualificados e tratados vergonhosamente de *pédalards*<sup>48</sup>. (THOMPSON, 1998, p. 61 – Tradução livre)<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> “Bernard est une force de La nature, um roc, um homme d’une résistance inimaginable, estime Cyrille Guimard qui fut son directeur sportif. C’est l’athlète le plus doué que je connaisse. La plus grosse cylindrée du peloton. Je suis persuadé qu’il disposait d’un potentiel supérieur à celui de Merckx. (...) Hinault ne ressemble à personne. C’est le plus beau compliment que j’ai pu lui adresser.” (AUGENDRE, 2009, p. 34).

<sup>48</sup> O autor utiliza a palavra *pédalards* em seu texto para se referir a indivíduos oriundos de classes populares que se dedicam as corridas de bicicletas.

<sup>49</sup> “A une époque où la vogue du Darwinisme influençait toute conception du corps humain et liait directement la position corporelle au degré d’évolution de l’espèce humaine, il fallait absolument que l’*homo cyclens bourgeois* soit un *homo erectus* (...). Le suprême bon goût est actuellement de se tenir presque droit : le *cycleman* ou *cyclewoman* qui se penchent sur leur machine sont par le fait même disqualifiés et traités honteusement de *pédalards*.” (THOMPSON, 1998, p.61).

Thompson (1998) salienta que a distinção estética entre o “ciclista popular” que se profissionalizava e o “burguês ciclista” era notória. A necessidade de apresentar-se com eficiência competitiva para conseguir contratos transformaram os denominados *pédalards* em indivíduos distintos, de rudeza única, com suas panturrilhas expostas e a boca seca pelo constante esforço exercido sobre suas bicicletas. Uma nova estética se definia, a dos corredores de bicicleta, que a cada dia ganhavam as estradas européias com mais empatia e se transformavam em uma espécie de herói das multidões, meio animal, meio subversivo, meio máquina.

Essa nova estética estava posta e rapidamente compôs o imaginário dos observadores destas corridas de bicicletas:

Os apelidos dados aos ciclistas durante um século revelam como a anatomia, e a aparência física, e às vezes até mesmo o rosto do ciclista são semelhantes aos de um animal. Gaston Rebry era ‘*Bulldog*’ por causa de seu nariz chato e seu ritmo na corrida; Marcel Kint, cujo longo nariz comprimido e boné preto evocaram o bico de uma ave de rapina, foi ‘*Black Eagle*’; Benoît Faure, minúsculo piloto, foi apelidado de ‘O Rato’, enquanto o pequeno piloto espanhol, Trueba, era ‘*O Chip Torrelavaga*’. Jef Scherens se tornou ‘*O Poeske*’ (o gato em flamengo), apelido que evoca tanto os reflexos belgas e felinos de um corredor renomado por ataques repentinos. Os grandes escaladores, famosos para os seus voos de alta montanha, são ‘águias’ tais *Bahamontes*, ‘*Eagle de Toledo*’ e Kubler, ‘*Águia de Adliswil*’. A comparação com animais às vezes se refere a um traço psicológico ou um registro particular. O grande campeão francês, Bernard Hinault, corredor de caráter difícil raça intratável, era ‘*O Texugo*’, enquanto Magni o italiano, tornou-se o ‘Leão de Flanders’ depois de suas vitórias no *Tour de Flandres* em 1949, 1950 e 1951. O caso de Eddy Merckx é particularmente impressionante: provavelmente o maior piloto de todos os tempos, famoso por sua sede de vitórias, Merckx era simplesmente ‘O Canibal’, isto é, um animal que devora sua própria espécie, ou seja, os outros corredores. (THOMPSON, 1998, p. 62 – Tradução livre)<sup>50</sup>.

<sup>50</sup> “Les surnoms donnés aux coureurs cyclistes depuis un siècle révèlent à quel point l’anatomie, les qualités physiques, et parfois même la physionomie du coureur cycliste sont assimilées à celles d’une bête. Gaston Rébry était “ Le bouledogue ”, à cause de son nez épaté et son allure en course ; Marcel Kint, dont le nez long et pincé et la casquette noire évoquait le bec d’un rapace, était “ l’aigle noir ”; Benoît Faure, coureur minuscule, était surnommé “ La souris ” alors que le petit coureur espagnol, Trueba, était “ la puce de Torrelavaga ”. Jef Scherens devint “ le poeske ” (le chat en flamand), surnom qui évoque à la fois sa nationalité belge et les réflexes félins d’un coureur renommé pour ses attaques soudaines. Les grands grimpeurs, célèbres pour leurs envolées en haute montagne, sont des “ aigles ”, tels Bahamontes, “ l’aigle de Tolède ”, et Kubler, “ l’aigle d’Adliswil ”. La comparaison à un animal renvoie parfois à un trait psychique ou à un palmarès particulier. Le grand champion français, Bernard Hinault, coureur au caractère difficile et intraitable en course, était “ le blaireau ”, alors que Magni, bien qu’italien, devint le “ lion des Flandres ” après ses victoires dans le Tour des Flandres en 1949, 1950, et 1951. Le cas d’Eddy Merckx est particulièrement frappant: sans doute le plus grand coureur de tous les temps et renommé pour sa soif de victoires, Merckx était tout simplement “ le cannibale ”, c’est-à-dire un animal qui dévore sa propre espèce, en l’occurrence les autres coureurs.” (THOMPSON, 1998, p.62).

O contexto do surgimento do ciclismo de estrada como esporte profissional suscitou a inevitável comparação dos ciclistas profissionais às máquinas, trazendo consigo na construção da sua estética certo tom de desumanização. Tratava-se de uma referência à fábrica em funcionamento, ou ainda, a uma locomotiva, como foram chamados os grandes contra-relogistas Jacques Anquetil, Miguel Indurain e Bradley Winggins.

Na rudeza estética assentada na brutalidade que o ofício de ciclista profissional exigia os pilotos começaram a ser vistos como símbolos de revitalização nacional, bravura, coragem, força física e heroísmo (CAMPOS, 2012). Curiosamente estes rudes corredores profissionais tornaram-se, conforme lembra Thompson (2012), verdadeiros símbolos sexuais. Há no esporte, segundo Guttman (1996) um apelo, ligado ao potencial erótico de cada atleta e ao erotismo contido em sua *performance* suscitando o sentimento de prazer sexual. Nesse sentido, muito rapidamente as mulheres dirigiram sua atenção para os ciclistas profissionais estimuladas principalmente pelas suas façanhas nas estradas:

Mulheres, elegantes, apoiando-se no corrimão, examinavam os corredores, seguindo em seus rostos os vestígios de fadiga, contendo em seus olhos de gato, um desejo secreto de saber o que fariam eles em sua cama com suas companheiras se eram capazes de tal façanha no *Tour*. (THOMPSON, 1998, p. 65 – Tradução livre)<sup>51</sup>.

Subversivos, esses homens fadigados representavam uma nova forma de estética e ameaçavam alcançar níveis mais altos da hierarquia social. Ano após ano eles foram surgindo e alimentando novas possibilidades de se entender a beleza atlética, pela sua força, pela sua coragem rude e sofrida, pela sua graciosa leveza. Gumbrecht (2005) e Lacerda (2007) lembram que o esporte oferece ao corpo um valor estético único. O corpo do esportista possui certa gramática de gestos, que “através de sua narrativa conta a história daquela pessoa que é o atleta” (LACERDA, 2007, p. 396).

Em tempos mais atuais, em torno da década de 1990, os olhares ainda mantinham-se atentos à aparência dos corredores. Quando os ciclistas do antigo

---

<sup>51</sup> “Les femmes, en toilettes tapageuses, accoudées à la balustrade, examinaient les coureurs, suivaient sur leur visage les traces de la fatigue, avec, dans leurs prunelles de chattes, un désir secret de savoir ce que feraient dans leur lit à elles des gaillards capables d’un tel tour de force” (THOMPSON, 1998, p.65).

leste europeu chegaram ao pelotão profissional das grandes corridas de bicicleta esses olhares lançaram-se sobre eles. Por exemplo, o cazaquistânês Aleksandr Nikolaevič Vinokourov, “o Vino”, sequer fora levado a sério. Foi descrito por Coyle (2006), como parecido com uma criança, com cabelos loiros claros, semelhante a um elfo de orelhas rosadas e um grande gosto por camisas justas e grossos colares de ouro. Este ciclista tinha um olhar destemido, tão intrépido quanto sua própria forma de correr de bicicleta. “Vino” ficou conhecido como implacável ao lado de seus outros camaradas do leste, Viatcheslav Ekimov, Andrei Kivilev e Jens Voigt.

Em contrapartida seu parceiro de equipe em algumas temporadas, o alemão da antiga parte oriental Jan Ullrich, impressionava pelas pernas talhadas e definidas:

Ullrich cresceu até 1,82m de altura e 72 kg, um motor estatal de ombros largos e cintura estreita. Suas pernas já eram de admirar; eram como majestosas colunas de pedra entrelaçadas com um cordame de amarração gótica, encimadas por quadríceps do tamanho de um pernil de Natal. Em tamanho, forma e definição não pareciam pernas de ciclista, mas o tipo de pernas que artistas de quadrinhos davam ao Super Homem. Seus traços de irrealidade eram tais, que os outros ciclistas fixavam os olhos nelas antes das corridas, levando o tímido Ullrich a manter o agasalho até o último momento. Quando o Muro caiu essas pernas estavam prontas para ser o centro das atenções (COYLE, 2006, p. 75).

O porte físico de Ullrich de fato impressionava os pilotos do pelotão. Era visto como um super-garoto. Tinha um corpo, como lembra Hamilton (2013):

(...) diferente de tudo eu já havia visto. Às vezes tentava correr ao lado dele só para ver: dava mesmo para enxergar as fibras musculares se movendo. Na época, ele era o único atleta cujas veias eram visíveis sob a lycra. (...) Apesar do físico imponente, Ullrich tinha uma alma gentil, um cara bacana que tinha uma palavra amiga para cada um. Sua fraqueza era a disciplina – ele lutava contra seu peso – mas tinha a habilidade de superar qualquer situação e realizar uma corrida monstruosa quando menos se esperava. (HAMILTON, 2013, p. 143).

Foi pela conquista do *Tour* de 1997, que esse garoto proveniente da antiga parte oriental da Alemanha concentrou nele os olhares do mundo. A bela vitória na etapa 10, entre *Luchon* e *Andorra Arcalis* o premiou com a camisa amarela. As grandes etapas de escaladas são gloriosamente e/ou dramaticamente, finalizadas ao alto, ou seja, no topo da montanha. Nesse dia, 15 de julho de 1997, Ullrich avançou em direção a montanha final como se a consumisse, metro por metro,

impiedosamente. Uma colina lindamente esculpida em curvas em forma cotovelos, como os ciclistas gostam de chamar, tão íngremes que podem transformar a escalada de bicicleta em um suplício para o atleta que não estiver treinado. Jan estava pronto. Diferenciava-se dos demais corredores da sua equipe porque carregava sobre seu corpo o peso de ser campeão alemão. Sobre a cabeça o boné rosa e branco da equipe, indumentária comum aos corredores na época, já que o uso de capacete ainda não era obrigatório.

Foi uma escalada implacável que terminou em uma jornada solitária ao alto. Essa é a grande glória do escalador. A chegada triunfante, solitária, apenas acompanhada pelos carros de apoio e pelos olhares inquietos e admirados dos espectadores que se penduram nas grades de proteção. Jan combinava com o apelido de super-garoto e mostrava sua impressionante boa forma e sua gigantesca força física. Apoiado sobre sua bicicleta era incansável. A montanha, classificada como *Hors Concours* (HC), ou seja, sem categoria, pelo altíssimo grau de dificuldade na escalada, sucumbiu a ele. Triunfante, cruzou a linha de chegada a 2.232m de altitude, depois de 250 km percorridos em quase 8 horas de corrida. Abriu os braços em uma reverência à vitória. Bravo!<sup>52</sup>

A estética dos corpos dos corredores de bicicleta, por vezes, emana simultaneamente a estética do sentimento nacionalista tão pertencente desde os primeiros momentos do *Tour de France*. Invariavelmente se justifica a imagem, as emoções e as ações que envolvem os pilotos evocando suas nacionalidades. Ah, mas é seu sangue espanhol... quente; ou os italianos..são assim... É possível que ninguém na história do pelotão do *Tour* tenha personificado melhor esse sentimento nacionalista do que o basco Iban Mayo. Nele estava contida a beleza do corpo de um corredor que atraía os olhares e também representava a beleza patriótica do seu espírito basco:

Porque ele era basco era a resposta da maioria das perguntas sobre Iban Mayo. Explicava sua mistura de espiritualismo e agressividade. Explicava sua mania de recusar técnicas de treinamento. Explicava porque ele era capaz de voltar depois de um acidente de carro quase fatal, sete anos

---

<sup>52</sup> A etapa citada pode ser visualizada em: Jan Ullrich – tdf 1997 – stage 10 – Andorra [15.07.1997], disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N3jRlrknXzM> acesso 03/12/2015; *Tour de France* 1997 - 10 Ordino Arcalis Ullrich, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iq\\_FeJ\\_DSo](https://www.youtube.com/watch?v=iq_FeJ_DSo), visualizado em 03/12/2015.

antes. Também explicava por que, entre todos os competidores era o que Armstrong menos entendia. Como seus conterrâneos, Mayo era um especialista em táticas de rebelião e emboscada (COYLE, 2006, p. 188).

O ciclismo de estrada esteve muito presente entre os bascos representado pela extinta equipe *Euskaltel-Euskadi*, que se destacava no pelotão do *Tour* com seu uniforme cor de laranja, mantido financeiramente pela companhia telefônica basca e em parte pelos fervorosos fãs desta região espanhola. As estradas bascas enchiam-se de ciclistas em treinamento estimulados pelos mínimos riscos já que tinham limite de velocidade para os carros em razão dos treinos de bicicleta. O ciclismo era como lembra Haimar Zubeldia<sup>53</sup>, uma emanção do nosso povo, e Mayo representava com primor o essencial do espírito basco. Sua presença causava euforia nas moças que se aglomeravam em volta de onde ele estava para admirá-lo antes da corrida iniciar e tentar chamar sua atenção. Lá estava Mayo com sua beleza arrogante: “Tinha 1,75 m de altura e pesava 58,5 kg, cabelo jogado para trás e uma longa cicatriz no braço direito, que ficava vermelha quando ele pedalava forte” (COYLE, 2006, p. 188).

### **5.3. No fio da navalha: a magreza “letal” dos escaladores do *Tour de France***

Gumbrecht (2005) argumenta que a atração pelas formas do corpo do atleta já fora consagrada na Antiguidade Clássica. O autor lembra que na contemporaneidade o esporte de rendimento também lança um olhar sobre o corpo, pois o mesmo adquire uma importância competitiva, voltado para o resultado, máxima *performance* e principalmente a busca do triunfo. Segundo Lacerda (2007) a excelência de movimentos do esportista pode parecer produzir somente uma estereotipagem técnica, que geraria uma imitação de modelos. Entretanto, com sua análise voltada à interpretação de Aristóteles sobre *mimese*, a autora sugere que mesmo na imitação do padrão técnico existe uma produção da diferença, que se entende aqui como singularidade e/ou até mesmo individualidade estética de cada atleta.

Vigarello; Holt (2008) salientam que esse olhar voltado para a *performance* contribui significativamente para as mudanças históricas sobre o entendimento das

---

<sup>53</sup> Corredor basco da equipe *Euskaltel-Euskadi*.

valências físicas dos esportistas, levando com isso a criação de novas capacidades corporais. Assim, a evolução do trabalho muscular se tornou visível, sobretudo no processo de treinamento esportivo, conforme ensina Vigarello (2005; 2011a). Na sociedade moderna, em que existe a necessidade de comprovação e de registros sobre tudo, agora era possível medir o desempenho e registrá-lo. Vigarello (2005) lembra que a partir do século XIX a força física passou a ser quantificável, fazendo surgir uma “ciência” de análise do movimento que envolvia o cálculo das forças produzidas, velocidades e tempos.

Era essencial nesse contexto outro corpo, qualificado como atlético, proporcional e equilibrado. O que passaria a diferenciar o esporte amador e o esporte competitivo que se desenvolvia a passos largos era o corpo. O esportista amador não carregava em si a necessidade da *performance* e sim as novas necessidades urbanas que se impunham em uma era de desenvolvimento das cidades e das indústrias. Para o esportista amador era fundamental ressaltar valores como o mérito e as virtudes masculinas de força. Já para o esportista profissional que ganhava espaço e visibilidade, o uso do corpo atingia um significado mais dramático, o competitivo.

Estes elementos levantados acima se repercutem em demasia no ciclismo de estrada, pois uma das condições essenciais para um ciclista atuar com excelência em uma volta ciclística como o *Tour de France* é estar em forma, estar treinado, ou seja, estar na sua máxima *performance*. Nesse sentido, a ajuda das contribuições científicas, principalmente as oriundas do segmento médico, se torna um imperativo no esporte de rendimento (ANDRIEU, 2004; VIGARELLO, 2011a; LE BRETON, 2015). Um exemplo no ciclismo pode ser dado através da figura do médico italiano Michele Ferrari<sup>54</sup>, que era considerado uma espécie de mago do desempenho no ciclismo de estrada. Ele desenvolveu um trabalho sistemático de treinamento de

---

<sup>54</sup> Michele Ferrari foi o médico que trabalhou junto a da equipe *US Postal* atendendo especialmente Lance Armstrong, que correu pela equipe entre os anos de 1999 e 2005, conquistando suas sete vitórias no *Tour de France* nesse período. Outros ciclistas do pelotão também eram atendidos pelo médico que tinha um sistemático programa de treinamento voltado para as grandes corridas de bicicleta (COYLE, 2006; HAMILTON, 2013). O médico foi banido do esporte na Itália em 2004, em razão do seu envolvimento com esquemas de doping. Mais tarde comprovou-se que o envolvimento de Michele Ferrari com estava relacionado com o grande esquema de dopagem que envolvia Lance Armstrong e outros ciclistas do pelotão do *Tour de France*. Fonte: Armstrong liderou o maior doping do esporte, diz agência, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/armstrong-liderou-maior-doping-do-esporte-diz-agencia-2fdgvi6nx9l2ahiqljpn348jy>, acesso em 21/03/2016.

ciclismo para o *Tour de France* que consistia em levar o corredor a atingir o número mágico de 6,7 *watts*. Sem chegar a este número e/ou estar muito próximo dele não era possível vencer uma prova como o *Tour de France*. E, chegar à vitória não era uma missão fácil, exigia uma combinação de força e peso detalhadamente estudada e periodizada<sup>55</sup>. No programa de preparação para o *Tour* de 2004, a frente da equipe *US Postal* e com a atenção particularmente voltada para Lance Armstrong, Michelle Ferrari analisava os diversos números que coletava junto aos corpos de seus ciclistas:

Ferrari tinha mesmo de saber, já que viaja com uma balança de banheiro e um conjunto de calibradores, os quais ele usa para medir a porcentagem de gordura corporal de Armstrong. Naquele momento, Armstrong pesava 79,5 kg, por volta de 5,5 kg acima de seu peso ideal para o *Tour*. Para atingir os sagrados 6,7 *watts* por quilo com esse peso, Armstrong precisaria produzir tremendos 532 *watts* no limiar – um número impensável, mesmo para ele. (COYLE, 2006, p. 61)

Começa alguns meses antes do *Tour de France* um longo trabalho para levar os corredores ao máximo desempenho. Era preciso colocá-los em forma. Para o médico italiano Michelle Ferrari havia muito mais variáveis do que comumente se imagina e todas em grande nível de importância para um alcançar um desempenho extraordinário em grandes voltas ciclísticas:

(...) medidas de força, cadência, intervalos, zonas, *joules*, ácido lático e, é claro, hematócrito. Cada corrida era um problema matemático: um conjunto de números precisamente mapeados que precisávamos atingir – o que parece fácil, mas, na verdade, eram incrivelmente difíceis de serem alcançados. Uma coisa é você sair para pedalar por seis horas, outra é pedalar por seis horas, seguindo um programa de potência, cadências – especialmente quando tais potências e cadências estão ajustadas para fazê-lo ultrapassar os mais absurdos limites de suas habilidades. (HAMILTON, 2013, p. 118).

Para alcançar estes números mágicos durante o *Tour de France* era necessário que o ciclista apresentasse uma compleição física magra. Vigarello

---

<sup>55</sup> As anotações de Tyler Hamilton durante a preparação para o *Tour de France* de 2000 acabam por mostrar muito estes elementos. Em 30 de março os números de Tyler se apresentavam da seguinte forma: peso 63,5kg; gordura corporal 5,9%; média de watts 371; watts por quilo 5,84; HR (hematócrito) 43; hemoglobina 14,1; frequência cardíaca máxima 177; tempo no Madone 36:03. Em 31 de maio os números se modificaram da seguinte forma: peso 60,8 kg; gordura corporal 3,8%; media de watts 392; watts por quilo 6,45; HR (hematócrito) 50; hemoglobina 16,4; frequência cardíaca máxima 191; tempo no Madone 32:32. (HAMILTON, 2013 p. 122).

(2012) lembra que o desejo da magreza como beleza estética e símbolo de saúde, bem estar e vigor surgiu no contexto da modernidade. A magreza aliada ao exercício físico, segundo Viagrello; Holt (2008) fazem parte de um projeto de manutenção do corpo e da aparência. Entretanto, é preciso lembrar que tal forma do corpo era uma exceção voltada aos esportistas<sup>56</sup>. Segundo aponta Vigarello (2012), as formas arredondadas do corpo envolvido em gordura e a barriga saliente emanavam, ainda nas primeiras décadas do século XIX, certo prestígio nos valores burgueses e dava uma imagem de dignidade. A magreza podia ser vista como um sinal de pobreza e de pouca força.

Contudo, para o *Tour de France* a magreza poderia ser um sinal de vitória. Por exemplo, na pré-temporada de 2004, Coyle (2006) descreve um episódio singular. As equipes *Pró Tour*, corredores, dirigentes, técnicos se encontravam no *Tour* da Múrcia (Espanha) e nesta oportunidade executaram um ritual típico do ciclismo profissional, a denominada “checagem das bundas”. A observação detalhada das nádegas de um ciclista pode conter mais informações do que se imagina. Coyle (2006) argumenta que este episódio torna-se um fato tão importante que representaria o mesmo que monitorar o aquecimento de um lançador de *beisebol* com um radar *gun*. Assim, de praxe, quando um corredor já está na sua forma perfeita suas nádegas devem estar pequenas e levemente afeminadas:

Mas a obsessão se dirige a propósitos estratégicos, porque, dentro da sociedade de corredores, gordura não é gordura, nem uma bunda é simplesmente uma bunda – é o tempo. É uma ideia simples: quanto mais você pesa mais lento será na subida. (COYLE, 2006, p. 83).

Sabe-se que um escalador que esteja acima do seu peso possivelmente não conseguirá bom desempenho nas duras montanhas e colinas impostas durante o *Tour de France*. Entretanto, isso não significa, retomando a análise de Lacerda (2007), que todos estejam na mesma forma e/ou desempenhem sua *performance* de forma igual. A já mencionada escalada do *Mont Ventoux*, em 2000, é um exemplo clássico desta afirmação. Lance Armstrong precisou adaptar-se para escalar grandes montanhas e vencer voltas longas no seu retorno ao ciclismo profissional.

---

<sup>56</sup> Contudo, é preciso mencionar que nem todos os esportes preconizam um ideal de magreza e ausência de gordura para um excelente desempenho atlético. Como exemplo contrários, pode-se citar o Sumô; Levantamento de Peso entre outras modalidades esportivas.

Sabe-se que *sprinters* praticamente não têm a possibilidade de vencerem voltas ciclísticas longas e com muitas escaladas. Corredores de provas de um dia, chamadas de clássicas, também não. Para vencer uma volta ciclística de 21 dias é preciso uma adaptação física que se inicia pela leveza do corpo. Por isso, o ciclista americano precisou realizar uma expressiva mudança corporal, que iniciou com perda de peso, dois anos antes de vencer seu primeiro *Tour*. Fato que foi significativo para suas vitórias no *Tour*. O americano, diferente do italiano Marco Pantani e de tantos outros, não era um escalador nato, leve, pequeno e magro e para superar isto teve que transformar seu corpo para poder superar ciclistas com constituições físicas mais moldadas as grandes voltas ciclísticas. Assim, entende-se que na interpretação estética do esporte – ciclismo de estrada – destaca-se também a autonomia e a individualidade de cada um com adjetivos particulares.

Um dos grandes exemplos no ciclismo, que demonstra a relação entre magreza e *performance* é o basco Iban Mayo, que na temporada *Pró Tour* de 2004, se apresentava, segundo Coyle (2006, p. 211) como uma “figura esguia de aparência letal”, dentro dos padrões corporais que uma volta ciclística de 21 etapas exige. Era admirável a forma de Mayo, porque antes de tudo sua aparência se transformava, aos olhos dos bons entendedores em rendimento e eficiência. O conjunto da sua magreza e do seu desempenho produzia algo único dentro desse esporte que inclusive foge a compreensão dos olhares menos fascinados:

Um equilíbrio privilegiado entre a qualidade dos músculos, acuidade de inteligência e força de caráter, disse o filósofo e escritor francês Roland Barthes. Os corredores chamam de andar no fio da navalha; uma jornada para dentro do reino da ironia fisiológica. Na bicicleta, eles se sentem invencíveis; os pedais parecem flutuar. Fora dela, movimentam-se vagarosamente, delicadamente. A gordura corporal cai rapidamente a níveis de desnutrição, as faces ficam encovadas e a pele fina como papel (COYLE, 2006, p. 191).

A estranheza da forma física de um escalador – candidato a vencedor – do *Tour de France* – se transformava em graça quando se encontrava sobre a bicicleta. Nas palavras de Burke *apud* Eco (2014, p. 293) “A graça está na postura e no movimento, e para que tais coisas resultem graciosas exigem-se que a dificuldade não se faça perceber (...)”. Como no caso de Mayo, na escalada da corrida pré-tour

*Daphiné Libèré, no Monte Ventoux.* A descrição estética da aparição de Mayo, momentos antes do início da corrida sustenta a argumentação proposta acima:

Mayo saiu do ônibus, ligeiramente curvado, andando com passos miúdos. Sua pele estava como papel; a bochecha fina e encovada. O corpo, como o capacete e a bicicleta, parecia ter se livrado sistematicamente de cada grama desnecessária. Quando se encaminhou para a bicicleta, ninguém falou com ele; na verdade, o acordo mudo entre os *soigneurs* e mecânicos era fingir que ele não estava ali. Mayo balançou a perna rigidamente por cima da bicicleta, como um velho artrítico subindo com dificuldade num brinquedo de criança. Por um momento, foi quase engraçado. *Ele? Naquilo?* A simples ideia de que aquele garoto magrelo pudesse vencer a corrida mais difícil do mundo parecia ridícula. Então Mayo começou a pedalar. Acelerou através das marchas, os dedos dos pés para baixo. As rodas começaram a cantar e de repente toda aquela estranheza de passarinho se transformou em graça. Suas pernas magras giravam com perfeição elíptica, as costas se esticavam e alongavam orgulhosamente, os braços finos cresciam como florestas de veias. A roda traseira da pequena bicicleta girava cada vez mais rápida, enviando uma brisa delicadamente ondulante até os cabelos cacheados. O corpo e a bicicleta se fundiram num único organismo de leveza e velocidade. Os *soigneurs* se afastaram, como druidas temerosos de quebrar um encantamento (COYLE, 2006, p. 210).

No programa de treinamento de Michelle Ferrari para a equipe *US Postal*, os números relativos à magreza e a ausência de gordura eram fundamentais. Sinais inequívocos de um treinamento executado em seus mais ínfimos detalhes. O corredor Tyler Hamilton lembra que fazer as refeições ao lado de Ferrari parecia um pesadelo. Os olhos do médico italiano estavam atentos a cada porção que se aproximava de suas bocas, a forma como ele erguia as sobrancelhas em reprovação e sua insistência em fazer com que os corredores pesassem sua comida. Dizia Michelle Ferrari, “Aaaaaah, Tyler, você está muito gordo” (HAMILTON, 2013, p. 119). Todavia, Tyler também lembra como o médico estava certo, admitindo que na medida em que emagrecia sua *performance* melhorava consideravelmente. Poucos anos depois, na preparação para o *Tour de France* de 2003, o mesmo corredor viveu novamente a experiência da luta constante do ciclista profissional pela magreza. Em outra equipe e assessorado por outro médico, Tyler Hamilton levou a necessidade extrema da magreza a outro limite pelo conselho de seu amigo e dirigente, o ex-piloto vencedor do *Tour* de 1996, Bjarne Riis:

(...) vá para casa depois de uma corrida, beba uma garrafa de água com gás, e tome dois ou três remédios para dormir. Na hora em que acordar, já estará na hora do jantar ou, se tiver sorte, na hora do café da manhã. Tentei

de tudo. Tomava litros de Coca *Diet*. Tentava comer muita comida crua – dietas com maçãs e aipo. Chupava balas de leite para acalmar meu estômago que roncava. Cada migalha que comia tinha de ser queimada (...). Quando comia com os amigos, às vezes, enchia a boca de comida e, em seguida, fingia um espirro para poder cuspir minha comida num guardanapo; pedia licença para ir ao banheiro e jogava pela descarga (...) Mas a verdade é que perder peso funciona. Em meados de junho, comecei a sentir os sinais. O primeiro foi quando meus braços ficaram tão magros que as mangas da minha camiseta começaram a balançar com o vento. Senti-as vibrando contra meu tríceps. O sinal seguinte foi quando comecei a sentir dores ao sentar em nossas cadeiras de madeira, da mesa de jantar. Não tinha mais gordura nas nádegas; meus ossos encostavam na madeira, e doíam; precisava me sentar numa toalha para ficar confortável. Outro sinal: minha pele ficou com aparência fina e transparente; Haven disse que dava para começar a ver o contorno dos meus órgãos internos. O sinal final foi quando meus amigos começaram a me dizer como eu estava com cara de acabado – que eu era só pele e osso. Aos meus ouvidos, aquilo era um elogio. Sabia que estava chegando perto. (HAMILTON, 2013 p. 205; 207).

Estes exemplos reforçam o argumento de Lacerda (2007), de que além do estilo que o atleta manifesta em uma técnica esportiva que ele domina existe a capacidade de criar mecanismos próprios para atingir o máximo de *performance*. Afinal, cada vez mais a preocupação com a boa forma física relacionada à magreza está presente no pelotão do *Tour de France*, especialmente entre os corredores que entram nessa jornada em condições de saírem com a vitória. Na edição de 2015 foi notável a forma física magra e sem gordura dos corredores. Há de se citar os braços e pernas excessivamente magros e o rosto de aparência doentia do campeão, o britânico Christopher Froome<sup>57</sup>, que tem como característica uma graciosidade e uma beleza desengonçada na forma ágil como pedala nas grandes subidas e na maneira como ergue seus longos e finos braços ao cruzar o pórtico, vitorioso. Ainda pode-se citar a aparência pequenina e quase infantil de Nairo Quintana, o escalador colombiano ou a ainda há de lembrar a transformação física contra-relogista alemão Tony Martin, tão mais forte e tão mais magro que em anos anteriores. Não ficaria de fora a magra beleza do italiano Vincenzo Nibali, carinhosamente apelidado de Tubarão de *Messina*. Todos desfilando suas pernas magras e seus braços muito finos, parecendo mais frágeis do que realmente são<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Campeão do *Tour de France* em 2013 e 2015.

<sup>58</sup> Best of *Tour de France* 2015, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXzfY28QYWU>, acesso em 07/12/2015; Best moments of the 2015 *Tour de France*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 07/12/2013.

#### **5.4. As estéticas da competição e da *performance*: entre o *Areté* e *Argon***

Uma percepção da estética da beleza física, singular de um corredor de bicicleta, passa-se pela percepção que cada piloto possui de si mesmo. Cada produção particular de um ciclista de estrada reafirma quem ele é e produz sobre ele uma narrativa única. Para os mais atentos e mais conhecedores das particularidades da modalidade e dos atletas existe uma harmonia profunda entre o estilo de cada um e sua história pessoal.

Os melhores ciclistas da história do *Tour* trazem consigo invariavelmente histórias de abandono, alcoolismo na família, tragédias, doenças e pobreza. As maneiras destemidas de encararem o esporte contam um pouco dessas trajetórias. Este é o caso do cazaquistânês “Vino”, que corria com o olhar de “já vi coisa pior”, e provavelmente já havia visto diversas condições adversas antes de sair do lado leste do mundo e ganhar a Europa ocidental (COYLE, 2006). Assim também como Lance Armstrong, que vencera o câncer dois anos antes de vencer seu primeiro *Tour de France* no ano de 1999 (ARMSTRONG, 2004). E ainda Mayo, que sofrera um grave acidente de carro que lhe quebrara as pernas e causara ferimentos profundos no braço sete anos antes de sua bela participação na edição de 2003. (COYLE, 2006). Pode-se citar também Pantani, que superou as dores intensas de um acidente de bicicleta e que lhe pusera de cama durante meses. Seu desejo de voltar a andar de bicicleta profissionalmente sempre fora maior do que as dores, sendo possível então superá-las e retornar ao ciclismo profissional.

Era como se em cada corrida de bicicleta estes atletas pudessem contar a todos um pouco de suas trajetórias pessoais. Era na união entre suas histórias e seus desempenhos nas corridas que estes primorosos corredores de bicicletas realizavam suas comunicações com o mundo. Tais elementos corroboram com as questões levantadas por Lacerda (2007), que afirma que a harmonia entre os aspectos morfológicos e a tipologia do movimento são os eixos fundamentais na comunicação do esportista com o restante da sociedade.

Mais agressivos ou mais lentos, mais magros ou mais musculosos, para o espectador os ciclistas participantes do *Tour* acabam por se tornar um objeto de profunda admiração. Essa pode ser uma das possíveis explicações do porque

muitos dos apreciadores do ciclismo se alojam em *vans* e barracas ao longo das estradas francesas dias antes do pelotão passar. Tudo para usufruir um olhar de segundos e/ou ainda para ter a oportunidade de tocar e quem sabe até dar um “empurrãozinho” no seu ciclista preferido numa parte dura de alguma subida. Ano após ano os espectadores do *Tour* de aglomeram nas estradas, como relata Coyle (2006, p. 157):

(...) assistir uma corrida de bicicleta é uma combinação de enfado excruciante e inacreditável excitação, eu se origina da matemática: você espera horas para ver algo que dura vinte segundos e depois geralmente não têm ideia de que diabos aconteceu – quem está vencendo, quem está perdendo. Então, resolve a coisa criando seu próprio divertimento: daí o vinho, o pão e a festiva atmosfera de vale-tudo (COYLE, 2006).

O espectador cria a imagem do sportista como a de um herói, de um ser puro, para usar os dizeres de Perera; Gleyse (2005). Gumbrecht (2005) lembra que cada admirador produz sua imagem e pode-se entender que os conceitos de “bom” ou “mau” gosto se relativizam diante do fenômeno da excitação que o esporte causa aos olhos dos seus apreciadores. Por exemplo, em 2012, o *Tour* teve um campeão britânico, Bradley Wiggins. Sua postura esguia chamava bastante à atenção, entretanto sua marca caracterizou-se pelas costeletas longas, que desfilavam reproduzidas aos montes coladas nos rostos dos fãs enfileirados nas diversas estradas francesas. Miranda (2015) lembra que atualmente “Sir Wiggins”, está oito quilos mais pesado do que em 2012, visto que resolveu se aposentar das longas voltas ciclísticas para dedicar-se somente ao ciclismo de pista. Recentemente o atleta quebrou o recorde da hora, que consiste em pedalar 60 minutos numa na pista de velódromo a maior distância possível. Esta mudança em seu peso corporal acaba por mostrar que cada tipo de prova ou de disciplina no ciclismo exige uma constituição física própria.

A produção estética da beleza sportiva nessa perspectiva parece flutuar entre a razão e o prazer. Sendo assim, torna-se pertinente a discussão sobre que tipo de fascínio os ciclistas participantes do *Tour de France* exercem sobre os espectadores. Segundo Gumbrecht (2005), um caminho pode ser indicado tendo em vista uma aproximação corriqueira dos sportistas atuais e suas conquistas, que aos olhos dos fãs serão sempre fantásticas e extraordinárias, como a dos heróis

mitológicos da Antiguidade Clássica. Entretanto, o próprio autor aponta a necessidade de perceber também as descontinuidades. Naquele período à poesia e a literatura criaram a imagem do atleta a partir de valores culturais históricos inerentes ao seu contexto. Já o esporte contemporâneo ocupa um espaço marginal, porque – assim como as artes – encontra-se nele uma ausência de função prática, assim como aponta Lance Armstrong (2004, p. 183) no seguinte trecho:

Seria muito fácil ver o *Tour* como uma tarefa monumentalmente inconsequente: 200 ciclistas percorrendo o território francês de ponta a ponta, incluindo as montanhas, durante duas ou três semanas, em pleno calor escaldante do verão. Aparentemente, não há motivos para alguém querer realizar tamanha idiotice, a não ser o fato de que algumas pessoas, o que quer dizer algumas pessoas como eu, sentem a necessidade de irem até as profundezas de sua própria estamina, em busca de auto-definição (do tipo: eu sou o cara que aguenta tudo). O *Tour* é uma competição de puro sofrimento inútil, sem sentido algum. Mas, por razões muito particulares, creio que deva ser o mais elegante empreendimento atlético do mundo. E, para mim, é claro, tem tudo a ver com a própria capacidade de estar vivo.

Esta capacidade de ser singular e de se mostrar vivo torna-se o eixo central de ações atléticas limítrofes, como por exemplo, participar de um *Tour de France*, algo que conforme aponta Almeida (2001), transcende os limites da razão indo para uma esfera do sagrado e do litúrgico. Nessa linha argumentativa Gumbrecht (2005), em sua tentativa de elogiar a beleza atlética recorre também a esta interpretação da dimensão do sagrado. O autor relaciona as *performances* corporais como um drama, algo alheio à vida cotidiana. O elemento principal de análise para seu elogio é o corpo e não o fenômeno esportivo em si. Pelo enaltecimento dos corpos dos atletas ressaltam-se as virtudes e as conquistas, agregando beleza e importância a estes indivíduos. Nesse sentido, retoma-se Kant (2008), para quem o belo passa a ser uma experiência que depende do juízo de gosto e que deve estar inserida num contexto desinteressado. Portanto, entende-se, assim como aponta Gumbrecht (2005), que a construção do belo no esporte existe por si só, pela sua exclusividade no causar uma emoção aos indivíduos envolvidos, sem necessariamente ter elementos materiais como influenciadores dessa análise estética. Essa relação do sagrado com um contexto desinteressado é que na opinião de Gumbrecht pode ser entendido como os “momentos gloriosos” que a *performance* atlética produz.

Uma grande volta ciclística como o *Tour de France* pode oferecer uma rica sequência destes “momentos gloriosos”, ou seja, uma construção constante do belo. A luta física para vencer um difícil *sprint* e/ou a excitação ao cruzar a linha depois de uma cruel escalada é geralmente manifestada no ciclismo de estrada com os braços ao alto, como uma glória. Assim, ressalta-se, como propõe Gumbrecht (2005) que assistir um evento esportivo de nível mundial, como é o caso do *Tour de France*, trata-se de uma das experiências contemporâneas de maior apelo estético.

Existe nos corpos dos esportistas de alto rendimento uma beleza única. Ressalta-se que cada esporte possui uma beleza específica, singular, característica. Entretanto, no protagonista, o competidor, a beleza reside na experiência intensa que o esporte proporciona, principalmente por levá-lo a atuar no seu limite físico e emocional. Para Gumbrecht (2005, p.45) essa experiência é distinta das demais e o autor se refere a ela como “perder-se na intensidade da concentração”. Nas provas de contra-relógio individual o “perder-se na intensidade da concentração” se manifesta de forma muito intensa. Os competidores se alinham um a um sobre uma rampa de largada e a cada intervalo de tempo pré-determinado um corredor larga e inicia sua corrida contra o tempo. Esse é o momento em que se percebe em uma volta ciclística a capacidade de concentração, de entrega e de motivação dos esportistas. Cada um em seu estilo aguarda a contagem final feita pelo comissário. Faltando cinco segundos a mesma é feita de forma mais exagerada, apontando-se os dedos para que o corredor possa ter visão total do seu tempo de largada. Os corpos dos ciclistas estão lá, alguns ofegando, outros paralisados na sua concentração, cabeças baixas ou olhares para a reta que inicia o trajeto, geralmente longo, perto ou superior aos 50 km. Cada esportista perdido em si mesmo em uma corrida que só depende da sua *performance* que leva seus corpos a um limite extremo.

O perder-se em si mesmo começa muito antes do corredor alinhar na rampa. Começa quando o ciclista coloca sua bicicleta no “rolo”<sup>59</sup> ainda sem o uniforme completo e impecável ele inicia seu aquecimento. Para um corredor do *Tour* isso tudo acontece em meios aos olhares dos fãs, da mídia, dos olheiros inimigos. Coyle

---

<sup>59</sup> O rolo é um equipamento de treino *indoor* e/ou de aquecimento onde a bicicleta fica fixa ou livre sobre uma estrutura com um rolo que se ativa quando as rodas se movimentam, permitindo a simulação da bicicleta andando.

(2006), conta sobre a forma como os assistentes de outras equipes observavam atentamente a bicicleta do Lance, em 2004, antes de uma largada de contra-relógio, a fim de perceber se havia nela realmente um segredo tecnológico que melhorasse seu desempenho. Entretanto, durante seu aquecimento Lance Armstrong somente permanecia “perdido nele mesmo”:

Poderia haver coisas acontecendo debaixo da superfície, mas qualquer emoção que houvesse tinha sido afunilada implacavelmente dentro do trabalho, um afunilamento que começou e terminou com Armstrong se aquecendo na bicicleta estacionária, de cabeça baixa. Ele não estava dando conselhos nem verificando seus companheiros, a maioria dos quais já tinha ido embora fazia tempo. Ele estava se concentrando (COYLE, 2006, p.212).

Podem-se aproximar os pontos levantados acima com as reflexões realizadas por Gumbrecht (2005). Para o autor a definição está relacionada a dois conceitos fundamentais: a) *areté* que se relaciona a busca pela excelência; b) *argon* que se refere à competição. Os termos são como uma relação entre significado e presença, sendo o primeiro relacionado à mente e o segundo ao corpo. Tudo está inserido no ritual do jogo e da disputa atlética.

No ciclismo de estrada *argon* está amplamente representado na logística competitiva de um evento como o *Tour de France*. Muitas vezes a vitória depende bastante da estratégia, da contagem do tempo e da necessidade das equipes e corredores pouparem esforços trabalhando dentro de uma margem segura de chances de vitórias. Ao analisar corridas de cerca de 10 anos atrás se observa um comportamento mais destemido dos corredores em etapas decisivas das escaladas do *Tour de France*. A “*tête de la course*” atingia o topo da montanha com poucos corredores porque a ousadia dos grandes escaladores resultava em grandes ataques que despedaçavam o pelotão e por isso muitos ficavam pelo caminho. Atualmente é possível perceber o pelotão chegar ao alto das montanhas bem mais numeroso, com os grandes escaladores escondidos atrás de seus *domestiques* arriscando-se pouco. É possível vencer o *Tour de France* sem vencer uma única etapa da corrida, ou seja, é possível ser eficiente e vitorioso sem ser espetacular e brilhante.

Contudo, é o termo *areté* que reflete melhor o conceito de esporte na opinião de Gumbrecht (2005), já que projeta sobre as práticas esportivas uma visão mais

nobre, indo além da simples competitividade e sim na busca incessante do aprimoramento do corpo de cada atleta. Dessa forma é possível vislumbrar outras possibilidades estéticas. Inclusive o autor lembra que o apelo estético pode ser ainda maior em uma derrota do que numa vitória.

Entre as histórias de derrotas do *Tour de France* são muito ilustrativas para esses conceitos levantados por Gumbrecht (2005), as de Jan Ullrich, Reymond Poulidor e Eddy Merckx. O alemão Jan Ullrich, entre os anos de 1996 e 2006, foi cinco vezes vice-campeão do *Tour de France*, sendo três vezes (2000, 2001 e 2003) atrás de Lance Armstrong. A cada ano parecia a todos que o ciclista alemão chegaria pronto para finalmente voltar a vencer, como fizera em 1997. O seu feito de vencedor do *Tour de France* não se repetiu e no fim da jornada ele justificou-se, dizendo que o americano estava mais preparado do que ele (COYLE, 2006). Entretanto, em muitas das etapas das edições do *Tour* em que Jan não venceu sua *performance* fora impecável. Executou com excelência os movimentos sobre a bicicleta, mesmo nos mais difíceis momentos de dor e exaustão pelas mais duras montanhas, como em 2004, na escalada do *La Mongie*:

Faltando 6,5 quilômetros, a queda começou a se mostrar eminente. Mesmo com sofrimento, o corpo não balançava, nem torcia, como alguns. Um leve relentar das pernas, uma pausa infinitesimal no alto de cada arco do pedal. Alguns centímetros perdidos, depois recuperados quando Ullrich extraía explosões de energia para se manter perto. Dez vezes. Quinze. (...). (COYLE, 2006, p. 276).

Outro exemplo de grande apelo estético na derrota pode ser observado no francês Reymond Poulidor, mesmo nunca tendo vencido e nem vestido uma única vez a camisa amarela em suas 14 participações nas décadas de 1960 e 1970, o ciclista tem dos fãs uma admiração grandiosa. O ex-corredor, que ainda circula pelo universo do ciclismo nas grandes voltas - conversando com as pessoas e com a mídia - considera-se um amaldiçoado. O francês carrega a fama de uns dos pilotos mais azarados da história do *Tour* (AUGENDRE, 2009; GUMBRECHT, 2005). Na galeria de heróis franceses da corrida, Poulidor é visto como anti-heroi, todavia amado e admirado por todos (DAUNCEY, 2012). Sua derrota mais épica na luta para vestir a camisa de líder foi travada em 1964, em um duelo com o também francês Jacques Anquetil, na subida do *Puy-de-Dôme*, um vulcão inativo de altitude

próxima a 1500m. Ombro a ombro os atletas duelaram na montanha fazendo dos minutos finais da escalada um dos momentos mais importantes da história do *Tour de France*. Mesmo vencendo a etapa Poulidor não obteve tempo suficiente para vestir a Camisa Amarela. Blasfemou amaldiçoando-se<sup>60</sup>.

Completando a pequena seleção de derrotas “grandiosas” no *Tour* coloca-se o belga Eddy Merckx, também conhecido por “O Canibal”, que na edição de 1971, fora vencido por um ataque brilhante de Luis Ocaña na décima primeira etapa<sup>61</sup> (AUGENDRE, 2009). Mesmo tendo abandonado a competição um pouco mais adiante em razão de uma queda, Ocaña ilustra a busca pela excelência atlética, conceituada por Gumbrecht (2005) como *areté*.

Também se ilustram como *areté* os momentos fascinantes de perfeição atlética. É inesquecível *performance* de Lance Armstrong na inesperada dificuldade imposta no *Tour* de 2003, durante uma descida em que os pilotos atingiam velocidades muito agressivas, próximas dos 80 km/h. O basco Joseba Beloki descia com destreza e destemor quando sua bicicleta teve problemas técnicos na roda traseira, na execução de uma curva acentuada. A traseira da bicicleta chicoteou no asfalto e o levou para o chão, resultando em uma grave fratura na bacia. Nocauteado, Beloki ficou caído. Lance vinha logo atrás, colado na sua roda – afinal o espanhol era um forte rival de Armstrong - especialmente por que o basco tinha grande habilidade nas escaladas. Em um movimento de absoluta destreza, ousadia e perfeição de execução o americano se lançou ao campo de grama que margeava a estrada, sem saber, segundo ele mesmo, o que havia nele e se iria conseguir atravessá-lo pedalando. Foi, de fato, espetacular. Ao atingir o outro lado do campo de grama Lance desmontou da bicicleta, chegou novamente na estrada e jogou-se novamente sobre ela misturando-se ao pelotão, que o acolheu<sup>62</sup>. Era a confirmação de que ele havia nascido para isso: correr de bicicleta, segundo Coyle (2006).

Por fim, contemplando a análise de Gumbrecht (2005) sobre o conceito de *areté*, torna-se necessário lançar os olhares aos pilotos que pouco figuram no *Tour*

---

<sup>60</sup> O vídeo referente ao duelo citado está disponível em Die großen Sportduelle: Jacques Anquetil vs Raymond Poulidor, <https://www.youtube.com/watch?v=JxwNSJgZAIA>, acesso 18/01/2016.

<sup>61</sup> O vídeo referente a citação está disponível em: Luis Ocaña vence en etapa Orcierres-Merlette Tour 71 <https://www.youtube.com/watch?v=Y9DZ86kDhhw&list=PLUiF3pTDi6gRbDa2eyoNxlyYD7LVEJUNK&index=2>, acesso em 18/01/2016.

<sup>62</sup> O vídeo referente ao episódio está disponível em: *Tour de France* 2003 - Stage 9, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gr89ku-K2WU>, acesso 10/12/2015.

*de France*: os *sprinters*. Tais esportistas se mantêm escondidos nas rodas dos companheiros do pelotão aguardando o momento perfeito, o *time* do *sprint*. São quilômetros em concentração para a execução da explosão perfeita, máxima, fatal. Dos talentosos *sprinters* da história da corrida francesa o britânico Mark Cavendish foi o terceiro piloto que mais venceu etapas, totalizando 26 vitórias. Agressivo e impiedoso o velocista, que ainda se encontra competindo regularmente, executa suas finalizações com um primor extremo. Verdade que nem sempre foi possível vencer o fortíssimo alemão Andre Kreipel, detentor de uma força imensa e de um porte físico que carrega a beleza rude de corredores de outrora. Também não foi realizável superar sempre o ousado garoto do leste, o eslovaco, Peter Sagan, com sua beleza atlética que se manifesta de forma irreverente, mas impecável no estilo do esforço máximo nos momentos finais de uma etapa<sup>63</sup>.

O *Tour de France* está recheado dessas demonstrações de vitórias e derrotas. Ressalta-se que a estética da dificuldade vencida se sobressai. Histórias de ciclistas que se envolvem em quedas violentas, alimentam o imaginário de espectadores e corredores, porque mesmo parecendo sem condições físicas de retornar a competição sobem em suas bicicletas e seguem em frente. O conceito de *areté* está presente nesses exemplos, visto que os atletas atingem seu máximo desempenho mesmo que as condições postas sejam as piores possíveis.

No *Tour* de 2014, o espanhol Alberto Contador tentou seguir durante quilômetros depois de uma queda que trincou sua tibia. Na última edição, em 2015, o suíço Fabian Cancellara e o alemão Tony Martin sofreram, em etapas distintas quedas graves que os tiraram da corrida. Em cada ocasião ambos vestiam a Camisa Amarela e mesmo com o abandono eminente do *Tour* cruzaram bravamente a linha de chegada da etapa na qual sofreram seus tombos, ajudados por seus companheiros de equipe<sup>64</sup>. A vitória e a derrota tornam-se uma narrativa épica, um drama, que faz os corpos brilharem, porque os atletas estão munidos de gestos

---

<sup>63</sup> Algumas das performances de Peter Sagan podem ser contempladas nos seguintes vídeos selecionados: Peter Sagan je Majster Sveta, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K6dUHAGe7vk>; acesso 01/01/2016; Peter Sagan @ Tour de France 2015, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FPJi4CW\\_bh8](https://www.youtube.com/watch?v=FPJi4CW_bh8); acesso 01/01/2016;

<sup>64</sup> *Best of - Tour de France 2015*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXzfY28QYWU>; acesso 07/12/2015.

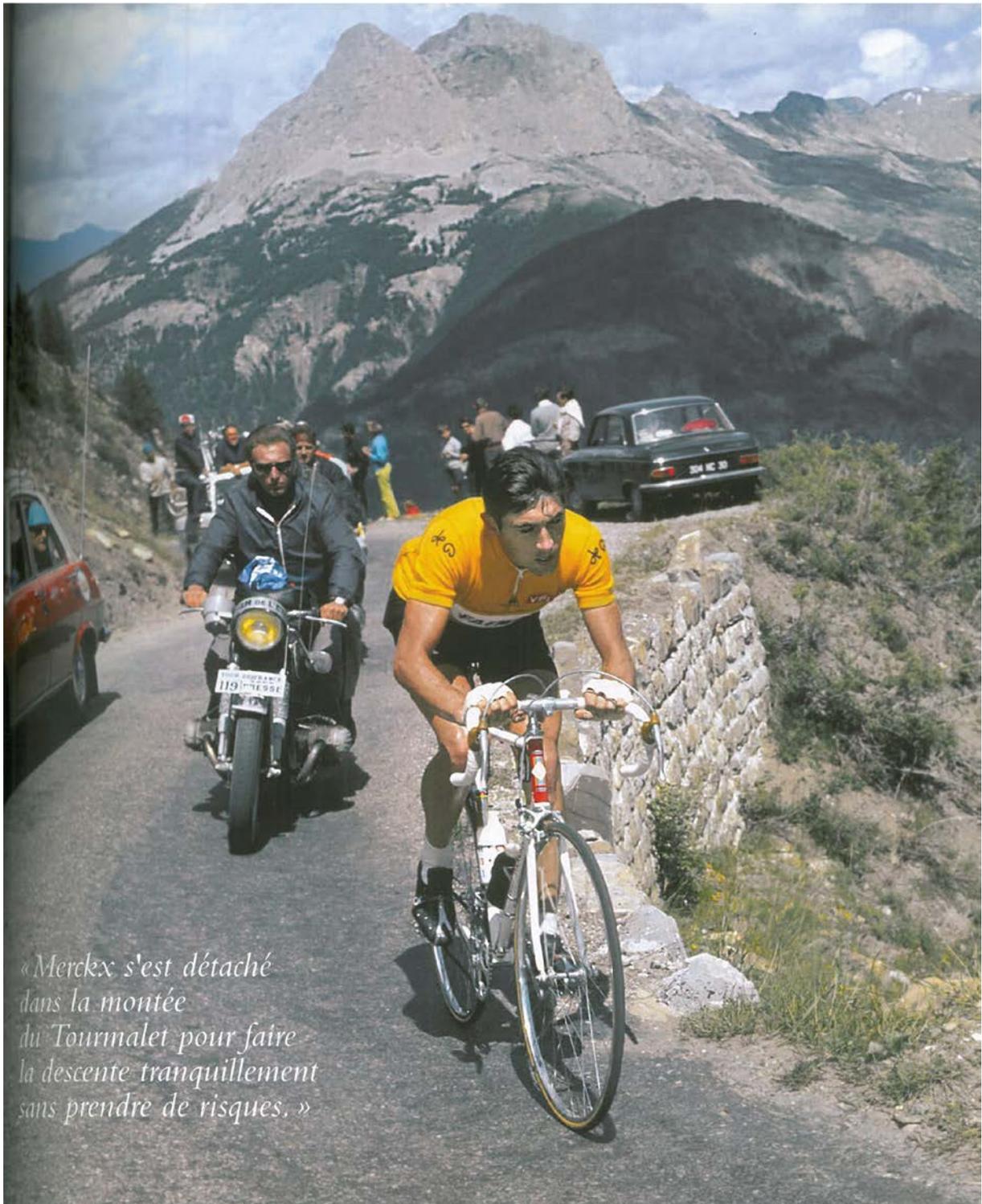
dramáticos que traduzem a transfiguração do corpo tanto dos vencedores quanto dos perdedores.

Nesse sentido, Gumbrecht (2005) propõe um olhar estético ao esporte a partir da construção de diferentes fascínios sobre os movimentos corporais. Para ele existem sete fascínios. Entretanto, para o ciclismo, entre os corpos esculpidos, a graça e os instrumentos que aumentam a potência, nenhum deles é mais significativo que o deslumbre pelo sofrimento e pela dor afligida sobre os atletas.

## 5.5. Imagens



Imagem 13: Lance Armstrong, Iban Mayo e Jan Ullrich – Luz Ardiden, Tour de France, 2003.



*« Merckx s'est détaché  
dans la montée  
du Tourmalet pour faire  
la descente tranquillement  
sans prendre de risques. »*

Imagem 14: Eddy Merckx, O Canibal – Col de Tourmalet, Tour de France 1969. “Merckx rompeu na subida do Tourmalet e iniciou a descida com tranquilidade e sem riscos”. Tradução livre.

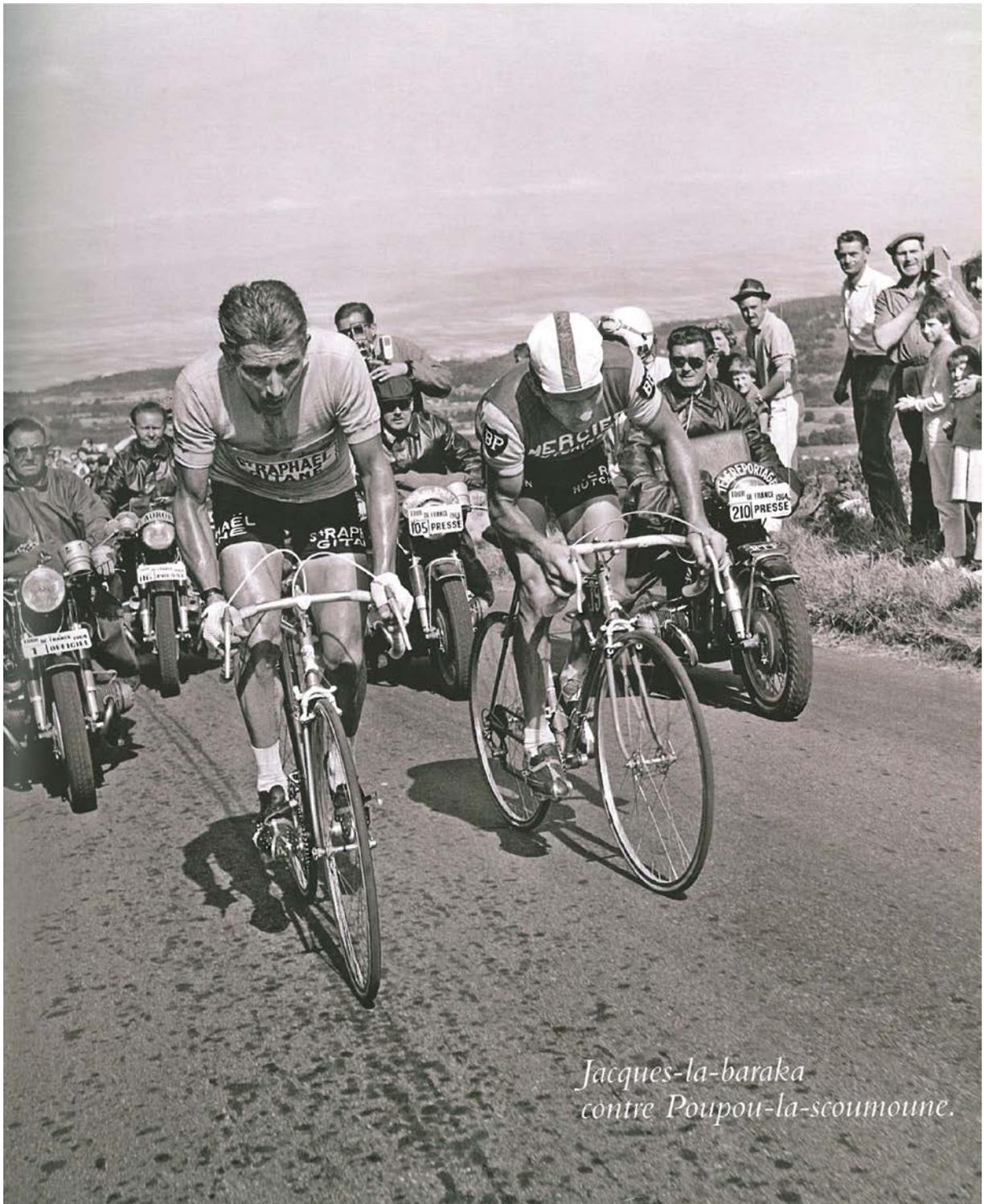


Imagem 15: Jacques Anquetil vs Raymond Poulidor - Puy-de-Dôme, Tour de France 1964. "Jacques contra Popupou (Poulidor)". Tradução livre.



Imagem 16: Iban Mayo – *Les Fans des cols: les spectateurs, Tour de France 2002.*



Imagem 17: Alexander Vinokourov e Jan Ullrich – Pirineus, *Tour de France* 2003.



Imagem 18: Pilotos descansam depois das primeiras etapas da corrida do *Tour de France* 1928.



Imagem 20: Memorial a Tom Simpson: homenagem de Jacques Goddet, jornalista esportivo e diretor do *Tour de France* entre 1936-1986 – Mont Ventoux, *Tour de France* 1970.



Imagem 21: The Bicycle Race, 1912. Lyonel Feininger. National Gallery, D.C. Disponível: <http://www.uncommon-travel-germany.com/lyonel-feininger.html>, acesso 15/03/2016.



Imagem 22: At The Cycle Race Track (Au Velodrome), 1912. Jean Metzinger. Disponível:

<http://www.guggenheim.org/new-york/exhibitions/past/exhibit/4855>, acesso 15/03/2016.



Imagem 23: Dynamism of a Cyclist, 1913. Umberto Boccioni. Disponível:  
<http://www.wikiart.org/en/umberto-boccioni/dynamism-of-a-cyclist-1913>, acesso 15/03/2016.

## 6 - A ESTÉTICA DA DOR: O FASCÍNIO PELO SOFRIMENTO DOS ATLETAS

### 6.1. A admiração pelo sofrimento atlético

Uma montanha de pessoas é o que parecia. Como se as pedras e a grama tivessem sido escavadas e substituídas, começando pelo mais raso, por camadas geológicas de humanidade. Os alemães robustos de nascença, os holandeses magricelas, os franceses de olhos agudos e penetrantes, os luxemburgueses barrigudos, os dinamarqueses de bermudas apertadas, todos combinados para formar uma pilha alta de carne pontilhada e fervida ao sol, a cidadania da Europa põe de lado suas diferenças culturais e geopolíticas para comungar no serviço de uma crença compartilhada, cujo centro estava pintado no pavimento negro em grandes letras brancas cuidadosamente delineadas: fodam Lance<sup>65</sup>. (COYLE, 2006, p. 293).

O trecho acima ilustra a estética intensa do ambiente formado no *Tour de France* de 2004, quando milhares de pessoas aguardavam ao longo da montanha para uma das mais lendárias escaladas do evento, a subida do Alpe *D'Huez*. Contudo, as palavras de Coyle poderiam ilustrar essa escalada em todas as outras edições da corrida. Afinal, os quatorze quilômetros da subida do *D'Huez* “estão entalhados em puro romance. É uma estrada de curvas fechadas para lugar nenhum (...) o puro espetáculo humano de meio milhão de almas reunidas numa laje de pedra para observar a corrida”. (COYLE, 2006, p. 294).

Augendre (2009), lembra que por tantas vezes a subida do *D'Huez* sacramentou vitórias e dramas. A grande façanha do italiano Fausto Coppi em 1952, consagrou seu segundo triunfo no *Tour de France* (o primeiro foi no ano de 1949) e, depois dele, ano após ano, tal etapa protagonizou grandes escaladas entre suas 21 curvas, nas disputas entre grandes corredores como Pantani, Hinault, Armstrong, Froome, Nairo, Valverde e tantos outros.

Coyle (2006), lembra que a multidão de espectadores do *D'Huez*<sup>66</sup> tem uma participação historicamente exagerada. Estes indivíduos aguardam durante dias, até

<sup>65</sup> Coyle (2006), lembra que o xingamento a Lance Armstrong se refere a intolerância dos espectadores europeus em relação às suas cinco vitórias seguidas o *Tour de France*. Nesse ano Lance caminhava para sua sexta vitória e havia uma grande expectativa de que alguém finalmente pudesse superá-lo.

<sup>66</sup> As manifestações dos espectadores do *Tour de France* no Alpe *D'Huez* podem ser observadas nos seguintes vídeos selecionados: *Alpe d'Huez Tour de France 2015*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2riRGQVTco>; acesso 12/12/2015; *Alpe d'Huez in de Tour de France 2015 (Laatste 14Km - De beklimming - 25/07/2015)*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=68OclBrtiLU>; acesso 12/12/2015.

mesmo semanas, em seus *trailers*, na beira da estrada, a passagem do pelotão. Para passar o tempo festejam e bebem. Chega-se ao ponto de precipitar preocupação por parte da organização do evento e dos pilotos pela quantidade de pessoas que se acumulam ao longo da subida, pois não se sabe bem as reações possíveis dos espectadores no momento em que cada piloto apontar na subida.

Sobre a euforia dos espectadores Vigarello (2011b) chama a atenção para o fenômeno da espetacularização esportiva que tomou forma no avançar do século XX. De um modo geral o espetáculo passou a se concentrar em amplos estádios, fomentando o desenvolvimento das tecnologias de transmissão destes grandes eventos esportivos. Centenas e mais centenas de pessoas se reuniam para prestigiar as competições, movidos, conforme indica Gumbrecht (2005) pelo fascínio as *performances* corporais de seus ídolos.

Entretanto, no ciclismo de estrada as competições não acontecem num estádio e/ou numa arena específica. Existem muitos estádios e muitas arenas. Cada ponto de passagem do pelotão é um estádio onde o espetáculo se constrói. Nas grandes corridas de bicicleta, como no *Tour de France*, o fenômeno da multidão muitas vezes acontece nos pontos mais difíceis da corrida. Os espectadores estão sempre aglomerados nas grandes montanhas, nas passagens mais íngremes do trecho e/ou na chegada, quando o ídolo cruza o pórtico exausto da escalada e/ou eufórico depois de um *sprint* a mais de 70 km/h.

Em parte sentimentos nacionalistas, também ressurgem na torcida por cada corredor que passa. Ocorre sempre uma grande euforia quando um piloto francês se destaca ou vence o *D'Huez*. Na última década três pilotos franceses concretizaram o feito de vencer o *D'Huez*: Pierre Rolland (2011), Christophe Riblon (2013) e Thibaut Pinot (2015)<sup>67</sup>. Todos protagonizaram a grande emoção da vitória em uma escalada lendária do *Tour*. Forma-se pelo caminho um corredor humano, colorido e diversificado, de aplausos, gritos, vaias, camisetas que se transformam em capas de

---

*On board camera - Stage 20 (Modane Valfréjus / Alpe d'Huez) - Tour de France 2015*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2zbwwLU1Og>; acesso 04/01/2016; *Dutch Corner at Alpe d'Huez*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cga9yTRjSIE>, acesso 04/01/2016.

<sup>67</sup> *Summary - Stage 20 (Modane Valfréjus / Alpe d'Huez) - Tour de France 2015*, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nvNiKaA7\\_hw](https://www.youtube.com/watch?v=nvNiKaA7_hw); acesso 04/01/2016; *Pierre Rolland - 19e étape TDF 2011*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X0wIXrMSuPY>, acesso 04/01/2016; *Tour de France 2013 - Victoire de Christophe Riblon - Étape 18 Gap - L'Alpe d'Huez*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5BKwgDYd5E>, acesso 04/01/2016.

toureiro, tudo isso somado ao êxtase da multidão de franceses aglomerados pela estrada e empoleirados nas grades dos metros finais para testemunharem a linha de chegada sendo cruzada por um francês à frente. Almeida (2001, p.105), explora estas questões de êxtase ao se referir sobre o espetáculo dramático que os grandes eventos esportivos se transformaram:

Os sentimentos, a felicidade e a infelicidade de cada um estarão alienadas no corpo de cada atleta, representante da Virtude possível de seu país. Frente a esse espetáculo a alma do espectador, conduzida pela ação do personagem-atleta vive momentos de raiva e euforia: suas emoções projetam-se renovadas e devolvidas durante o desenrolar do drama. As diferentes provas-ritos são a imagem em carne e osso do movimento de ascensão e decadência da busca de chegar perto das formas ideias divinas. Os corpos rígidos e suados dos atletas, controlados pelos cocheiros da sua força de vontade, são os próprios cavalos e asas de suas almas em provação e sofrimento atlético (ALMEIDA, 2001, p. 105).

Foi pelas subidas do *D'Huez* que o britânico Chris Froome, na edição de 2015 foi duramente assediado e criticado pelos espectadores, especialmente os franceses, impressionados pelo seu desempenho ao longo da corrida – que lhe rendera até a vigésima etapa, a do *D'Huez*, a camisa de líder e posteriormente a vitória do *Tour*. O ciclista fora acusado por parte da multidão de estar se dopando e na sua dura luta para vencer a escalada da montanha recebeu vaias, palavrões, acusações e até um copo de urina foi atirado nele<sup>68</sup>. A escalada tomou ares de drama, que se tornou uma representação de uma “obra da multidão” de um “povareu” (CORBIN, 2008, p. 270).

Atos de hostilidade como este não são aleatórios na trajetória histórica do *Tour*, visto que não foi a primeira vez que esse tipo de sentimento extremo se manifestou na corrida francesa. Por exemplo, Lance Armstrong, em 2004, também sofreu o mesmo drama, foi até ameaçado de morte na noite anterior da escalada, de tal forma que fora orientado pelos companheiros para que nunca ficasse sozinho, “se alguém quiser fazer alguma coisa vai ser nessa hora” (COYLE, 2006, p. 295).

Vigarello (2011b, p.477) argumenta que as manifestações de agressão fazem parte do lado escuro, das sombras dos espetáculos esportivos, são os “desvios provocados pelos confrontos e sua paixão” e que aumentam e/ou se refinam de

<sup>68</sup> *Alpe d'Huez Tour de France 2015* (minuto 2:58 a 3:10), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2riRGQVTco>, acesso 04/01/2016.

acordo com a grandeza do evento. O autor lembra que na medida em que essas manifestações avançam também se fortalecem os esforços para diluí-los na grandeza do evento, tornando-se com isso uma clara tentativa de resguardar o esporte e seus mitos.

O que esperam os milhares de espectadores que se amontoam nas estradas do *Tour de France*? O que essas indivíduos que chegam de tantos lugares da Europa e/ou até mesmo de outros cantos do mundo esperam ver na escalada lendária do *D'Huez*? Uma resposta possível pode ser a dor. Sim, afinal a angústia e o sofrimento que se estampa no olhar de cada corredor e cada curva do *D'Huez*, bem como de todas as outras montanhas do *Tour de France* acaba por humanizar estes atletas. Estes momentos tornam-se aquilo a que Corbin (2008, p.268), chamou de “teatralidade do suplício”.

A escalada do *D'Huez* não é a mais supliciosa do *Tour de France*, entretanto, tal subida pode ilustrar a estética do sofrimento que se estampa ao longo de todas as etapas de montanha da corrida. Existem contido nessas escaladas uma espécie de simbologia da dor, uma imensa expectativa que se cria em torno da agonia, tanto pelos espectadores aglomerados nos trechos mais altos das subidas quanto pelos pilotos conscientes de que o sofrimento imposto será inevitável, que faz parte da escolha de estar ali naquele momento e, portanto, está ligado à sua própria existência como corredor e como indivíduo.

Pode ser por este motivo que Lance Armstrong fora ameaçado de morte antes da escalada de 2004. Talvez nem tanto pela suspeita de que fazia do uso de *doping* e sim porque ofendia a todos de uma forma imperdoável já que não se mostrava aos fãs europeus os seus traços de humanidade, ou seja, não transparecia ao público o seu sofrimento. Era essa a sensação de suplício, que o alemão Jan Ullrich buscava no sopé do *La Mongie*, em 2004. O ciclista sabia como era a dor de que precisava para sua escalada, uma dor que chegava em “diferentes sabores (...) branda e fresca. Acordando os músculos (...)” (COYLE, 2006, p. 276).

Os elementos acima levantados indicam que a dor e o sofrimento nas práticas esportivas passam por um processo de construção histórica, tornando-se ponto basilar para uma construção estética das *performances* esportivas.

## 6.2. Rituais da dor: incarnando um novo corpo através do treinamento esportivo

As abordagens sobre o corpo que sofre podem ser apreciadas em uma espécie de formulação de uma “história da dor”. O suplício causado pela dor assumiu características e significados diversos ao longo dos diversos contextos históricos do ocidente. Desde a Antiguidade Clássica quando se castigavam aqueles de quem se desejava obter a verdade em confissão, passando pela medievalidade, que impunha as dores do ordálio e da fé, chegando-se ao auge nos suplícios da pré-modernidade do Antigo Regime europeu (PETERS, 1989; LE BRETON, 2013). Contudo, conforme lembra Le Breton (2013), sua transição definitiva para novas abordagens e conceitos está contida na transição para a modernidade<sup>69</sup>.

Conforme lembram Andrieu (2004) e Le Breton (2013), na modernidade o conceito da dor atingiu outros significados ligados à percepção do corpo. Le Breton (2013) argumenta que a dor manifesta-se na sociedade moderna como uma experiência corporal cuja simbologia se associa a condição humana de existência. O corpo que dói manifesta-se como algo vivo, conserva em si uma forma de identidade, de finalidade e de propósito humano. O corpo, pela dor, adquire consciência:

Qualquer dor, até mesmo a mais modesta, leva à metamorfose, projeta numa dimensão inédita da existência, abre no homem uma metafísica que provoca uma reviravolta no modo habitual de sua relação com os outros e com o mundo. (LE BRETON, 2013, p. 27.)

No ciclismo de estrada a exigência do uso extremo do corpo é um fundamento primordial para entender a modalidade. Mais do que isso, trata-se de um elemento fundamental numa construção estética do ciclismo, especialmente em eventos grandiosos, como o *Tour de France*, que primam pela dificuldade imposta

---

<sup>69</sup> A história de Damiens, descrita por Lecherbonnier (1989) apresenta-se como ilustrativa para entender tal passagem. Este episódio protagonizou o último grande suplício na Paris pré-revolucionária. Acusado como regicida e conspirador do reino de Luis XV, Damiens recebeu uma pena há muito não aplicada na França: o esquartejamento vivo. Causou-se um rebuliço entre os carrascos que executariam a pena em praça pública pela dificuldade e brutalidade do castigo. O suplício do condenado foi de comoção geral e marcou o fim de uma era de grandes execuções públicas sustentadas no sofrimento.

aos corredores e que os levam além dos seus limites. É no sofrimento da dor que está contida a identidade de cada piloto, sua consciência e sua existência. Esse é o momento da escuta do corpo que cada atleta luta contra o silêncio dentro de si. Trata-se, segundo Le Breton (2013) de alcançar o uso inteiro de si e de atingir diferentes tipos de existência. O objetivo é o de dar significado a si mesmo, através da fala do corpo que sofre e rompe com isso os mais diversos ritos cotidianos.

Andrieu (2004, p.28), corroborando com os pontos levantados por Le Breton, salienta que a dor encontrada em determinadas práticas corporais trata-se de uma "(...) maneira de encontrar a sensação de si próprio num mundo cada vez mais anestesiado." São exatamente estes elementos que podem ser encontrados no ciclismo de estrada, afinal o corpo que dói triunfa, mesmo nas derrotas e nas adversidades, pois esta utilização subjetiva do corpo, na opinião de Andrieu é um dos poucos meios que o indivíduo contemporâneo tem para se objetivar, tomar corpo, ou seja, de existir.

O rito de preparação para a dor vem em diferentes formas para os pilotos do *Tour*. Para Pantani, Mayo e Armstrong o cerimonial veio pela doença e/ou adversidades físicas. Seus corpos foram acordados da vida contida, conforme lembra Le Breton (2013, p. 25) no "silêncio dos órgãos"<sup>70</sup>, naquilo que se identifica como inconsciência do seu corpo. Este ritual chegou para Pantani e Mayo em forma de acidentes que causaram lesões difíceis de cura, justamente nas pernas, exigindo deles a superação da dor e da incapacidade física imposta pelas circunstâncias. Para Lance o rito veio pela doença. O câncer se manifestou em 1995 e marcou a transformação definitiva do piloto que fora depois sete vezes campeão do *Tour de France*. Como aponta Le Breton (2013), a dor pode ser uma ameaça à identidade e a mesma se consolida como insuperável se a moral do indivíduo não for capaz de afastá-la. Então, Lance – assim como Pantani e Mayo - se via em um momento definitivo da sua relação com a vida, com o ciclismo e com a dor. Poderia sucumbir a agonia ou erguer-se triunfante para senti-la de outras maneiras. Ainda doente o ciclista americano degustava dos sabores distintos da dor e do sofrimento:

---

<sup>70</sup> Termo usado por René Leriche para definir a saúde do corpo, que leva o indivíduo a ocultar o corpo da sua atenção. A esse termo Georges Canguilhem acrescenta que a vida no "silêncio dos órgãos" é um estado de "inconsciência que o sujeito é de seu corpo". (LE BRETON, 2013, p. 25-26).

Por que eu ficava andando de bicicleta mesmo com câncer? Porque o ciclismo é tão difícil, o sofrimento é tão intenso, que acaba sendo algo absolutamente purificador. Você sai de casa com o peso do mundo nas costas e depois de seis horas de pedaladas no limite da dor, se sente em paz. A dor é tão forte e intensa que uma cortina desce em seu cérebro. Pelo menos durante um tempo, você tem uma espécie de passe-livre, e não tem que ficar matutando sobre os problemas da vida; dá pra esquecer de tudo, porque o esforço, e conseqüentemente o cansaço, são absolutos. (ARMSTRONG, 2004, p. 75).

Quando o corpo repousa no “silêncio dos órgãos” é preciso prepará-lo para o ritual da dor que se aproxima de outras formas. Cada grande corredor do *Tour de France* acomoda-se no seu refúgio em preparação. Para Le Breton (2013) a passagem do corpo pela dor remete a uma ritualização. Existe sutilmente enraizado na dor do corpo um significado muito além do momento, que sustenta sua própria concepção de existência e o leva à compreensão do sentido da vida. Encontra-se na dor do corpo um valor, um sentido e uma possibilidade de integração e de pertencimento ao grupo, que nas palavras de Le Breton (2013, p.109-110):

(...) permite manter intacto seu olhar sobre as coisas, afastar o pânico ou a estupefação quando é atingido pela adversidade. (...) A integração da dor em numa cultura que lhe dá sentido e valor atenua sua aspereza; a dor é então considerada um fato mais ou menos inevitável, com o qual é preciso conviver segundo as formas comuns do vínculo social, Isto é, sem correr o risco de perder o prestígio ao não corresponder às expectativas do grupo.

Nesse sentido, o processo de treinamento seria a maneira de inserir o esportista numa coletividade e de fazê-lo através da dor e do sofrimento incarnar um novo ser:

O treino é um ritual para o desportista (...) todo o seu dia é organizado e economizado com vista ao treino. Sem esta repetição ritual, a habituação não conduziria à incorporação. A virtude do exercício regular é transformar o corpo: esse exercício ritual aumenta o nível do ser individual até um limite orgânico, o da resistência e da *endurance* da estrutura corporal às repetições sucessivas. A fractura/factura da fadiga vem testemunhar até o martírio o limite do corpo. O ritual do treino contém seu limite interno que convém ultrapassar. A iniciação mantém-se íntima e a ultrapassagem de si isola o desportista, confrontando-o apenas com sua dor (ANDRIEU, 2004, p. 53).

No ciclismo de estrada não se passa sem dor e não se suplanta por uma competição como o *Tour de France* sem levar essa dor às últimas conseqüências e

aos derradeiros limites que o corpo de um atleta pode suportar. Hamilton (2013) lembra como o processo de sofrimento começava muito antes do início do *Tour*, em dias de treinos longos e intensos que terminavam com um desmaio de exaustão na cama ao chegar em casa. Havia ainda as dores causadas pelas privações do corpo – com a alimentação e na necessidade de excluir qualquer outra atividade que não fosse de treinamento – e sociais – na ausência constante de casa e no convívio com a família. Tais abstinências também são levantadas por Andrieu (2004, p.59):

O ritual desportivo torna-se então um processo obsessivo: encerramento no círculo de treinos, desenvolvimento de si, isolamento socioprofissional que torna difícil as reconversões, dependência do seu médico... Ao submeter-se a um tratamento externo o desportista de alta competição utiliza, recorda Christian Pociello, <<as técnicas conhecidas de restauração orgânica e os processos científicos da superação de si>>.

Vigarello (2011b) argumenta que o século XX testemunhou um crescimento do fascínio técnico. As formas inovadoras de preparar o corpo somaram-se às fascinantes técnicas dos instrumentos que avançavam a largos passos na sociedade industrial. No ciclismo a tecnologia apresentou-se pela “insistência dos cromados, o aço, os pivôs dentados, as ‘*têtes de fourche à plaquettes*’, as ‘correntes com rolamentos duplos’, as ‘rodas com linguetas oscilantes” (VIGARELLO, 2011b, p.207). Mesmo com o avanço crescente das tecnologias o esforço do ciclista se mantém em grandes escalas. No ciclismo de estrada esse esforço é imenso é notório em eventos como o *Tour de France*. Então o treinamento físico entra em cena e exerce sobre o mundo esportivo um fascínio exclusivo e intenso, como se fosse uma predestinação. O ato de treinar está voltado para as partes mais obscuras e sombrias do corpo, desafia a resistência, supera obstáculos. Vigarello (2011b) lembra que o treinamento é o jogo de cada esportista contra o seu próprio limite. Um ritual de superação assentado na dor.

Por exemplo, para dar início ao seu rito de dor o alemão Jan Ullrich se refugiou nas geladas montanhas do Cazaquistão, no início de 2004, com seu amigo Vinokourov. Jan era dono de um dos corpos mais talentosos da história do *Tour*. Contudo, essa aptidão transitou entre a genialidade de momentos sublimes e o sofrimento contínuo dos músculos perseguidos por lesões e problemas de condicionamento gerados pela sua assumida queda por doces e guloseimas e

também por sua inquieta indisciplina. Porém, nas montanhas congeladas, num desconhecido lago nas estepes do Cazaquistão, coberto pelo gelo, o alemão fez seu primeiro rito de dor daquela temporada:

Virei e ouvi uma pancada na água; ele tinha pulado – disse Vinokourov depois. - Não pude acreditar. (...) Vito observou o pálido corpo desaparecer na água escura e Ullrich se ergueu, os grandes músculos soltando fumaça, a boca arfando, os olhos arregalados de frio e surpresa, aprendendo a promissora verdade que seu amigo silencioso já sabia: a palavra “Kazakh” significa “homem livre”. (COYLE, 2006, p. 72)

Aos homens livres pertence à plenitude da dor, conforme ensina Andrieu (2004). Contudo, neste processo de se tornarem indivíduos independentes, os corpos dos atletas precisam se tornar verdadeiras máquinas para poderem vencer os inúmeros obstáculos que encontraram nos eventos esportivos, pois conforme lembra Le Breton (2011), na modernidade não basta mais se maravilhar com a engenhosidade do criador. O objetivo agora é o de transformar a natureza. O autor ao evocar Descartes lembra que no corpo esse processo de transformação da natureza se deu pela maquinização, tornando ele supranumerário, ou seja, algo passível de um total controle racional. Vigarello (2005), agregando elementos a estas questões da maquinização, salienta que corrigir o corpo através dos treinamentos esportivos se torna uma das principais formas dos indivíduos modernos escaparem da natureza frágil de seus corpos.

O contexto industrial atribuiu aos corredores de estrada o comparativo com as máquinas desde as origens do *Tour de France*, visto que a preocupação com o desempenho dos corredores e sua máxima *performance* esteve presente nos primórdios da corrida. Gleyse; Perera (2005) inclusive indicam que desde as primeiras edições as dificuldades impostas aos pilotos foram consideradas épicas. Somente corpos altamente preparados por uma lógica supranumerária conseguiriam vencer as adversidades apresentadas pelas estradas do *Tour*.

Ao falar sobre a escalada do Alpe *D’Huez*, Armstrong (2004, p. 204), lembra que no início do século XX, quando as montanhas foram acrescentadas à rota do *Tour*, um dos ciclistas, depois de completar a escalada, virou-se revoltado aos organizadores e os acusou de assassinos. Esse episódio, explica Vigarello (2011, p. 453), citando o original do jornal *L’Auto* do dia 13 de julho de 1910, se refere a

Octave Lapize, atravessando o *Aubisque* coberto pela neve, no *Tour* de 1910. “Esgotado, revirando os olhos, mas à frente dos concorrentes, carregando a bicicleta nas mãos, Lapize, interpela Breyer, diretor da corrida, exclamando: ‘Assassinos!’” Tal fonte mostra que a dor sofrida pelos ciclistas também foi alvo de inúmeras críticas na trajetória histórica do *Tour de France*.

### **6.3. A dor no *Tour de France*: da crítica à exaltação do sofrimento**

Thompson (2012) lembra que em meio às tensões sociais do início do século XX o sofrimento exagerado e insano impostos aos corredores do *Tour de France*, logo virou alvo de críticas dos movimentos sociais e trabalhistas. Considerado uma forma de trabalho que podia prover ascensão social e financeira aos impiedosos pilotos corajosos o suficiente para enfrentarem todas as etapas da corrida, o evento esteve sob a mira dos sindicatos e do movimento comunista. Os atletas passaram a ser vistos como trabalhadores forçados das estradas.

Contudo, para o *Tour de France* e seu criador Henri Desgrange importava a grandiosidade do evento e o heroísmo dos pilotos. Estes também estavam ávidos por marcarem a história da corrida com seus atos de bravura e superação. Rapidamente os que se voltavam contra os imensos esforços físicos impostos pelo *Tour* eram rotulados de pouco corajosos e de fracos, como por exemplo, quando em 1924, o campeão do ano anterior, o francês Henri Pélissier e seu irmão Francis, abandonaram a competição no meio de seu curso. Poucos dias depois de Henri Pélissier renunciar a corrida, o ciclista enviou uma carta à revista comunista *L'Humanité*, escrevendo que ele aceitava a “fadiga excessiva, o sofrimento, a dor”, como parte da profissão de ciclista, entretanto, queria ser tratado como ser humano e não ser explorado por Henri Desgranges, pois para o ciclista o sofrimento imposto pelos caminhos do *Tour de France* eram ainda maiores que os infligidos pela *viacrucis* (THOMPSON, 2012; MACUR, 2014).

Entretanto, Thompson (2012), salienta que para satisfação de Desgranges, a visão dos pilotos como locomotivas excepcionais se tornou mais forte do que as críticas aos sofrimentos impostos pela corrida.. O criador do evento insistia em expor o *Tour de France* como uma experiência científica que tinha na fadiga um desafio a

ser superado. Era preciso saber como eliminá-la. Afinal de contas no contexto da industrialização do início do século XX projetavam-se os corredores de bicicleta como máquinas em plena produtividade.

A construção histórica do *Tour* esteve tão inserida no contexto da sociedade industrial, que em razão das influências do movimento comunista estabeleciam-se regulamentos e punições para pilotos que se organizassem de forma trabalhista. Havia um temor muito grande de que a corrida ficasse lenta e sem atrativos. Argumentava-se que as reclamações de crueldade e exploração do trabalho na corrida estavam limitadas a corredores que não tinham nem força e nem coragem o suficiente (THOMPSON, 2012). Ao ter a exploração do trabalho como um parâmetro para as dificuldades impostas desde o início do *Tour de France*, o sofrimento e a dor resultantes logo se configuraram em um padrão que se consolidará no pelotão. Le Breton (2013, p.157) evoca alguns pontos sobre a dor no seio das classes trabalhadoras:

O meio operário, freqüentemente atingido pela dor crônica (dores nas costas etc.), também é confrontado com o imperativo do segredo. O sofrimento geral ou a dor que afeta uma série muscular tornam o esforço penosos ou perigoso e reduzem o rendimento. A tarefa, difícil de ser levada até o fim sem deixar transparecer nada, consiste em negar qualquer dor diante dos pares, suscetíveis de atribuírem essa fraqueza a uma preguiça ou a uma debilidade física que diminui a estima deles, ou diante dos chefes, que podem interpretar esse fato como uma condenável falta de iniciativa, uma atitude de 'fazer corpo mole'. Se a dor se mantém sem alterar de modo muito visível o rendimento, o ator, 'contendo-se', salva as aparências sem temer por sua promoção ou por sua carreira. A situação é administrada discretamente, às vezes na corda bamba.

No ciclismo de estrada a *performance* é o ponto de partida, a referência do entendimento da dor que leva o corredor para muito além do seu limite, que na verdade seria a administração na "corda bamba" na qual Le Breton se refere. No tratamento conceitual antropológico que o intelectual francês dá a dor no esporte destaca-se a necessidade da negociação pessoal do esportista com o limiar de sofrimento que ele poder suportar. É para ele, "um corpo a corpo pessoal, íntimo, com a sufocação, com a náusea, com a tensão muscular." (LE BRETON, 2013, p. 207). Algo que deixa de ser somente exploração mercadológica do corpo de um trabalhador, no caso o ciclista, e passa a ter um sentido estético único, ou seja, a

capacidade do atleta de seguir em frente, de continuar a caminhar na “corda bamba” mesmo frente a todas as dificuldades que uma competição do porte do *Tour de France* impõe.

Andrieu (2004) e Le Breton (2013), ao se referirem ao sofrimento nas práticas esportivas argumentam que existe na dor do esporte uma simbologia que repousa na troca pelo triunfo sobre os demais competidores. Contudo, os autores salientam que a sobrepujação maior não é sobre os adversários e sim a que os atletas realizam sobre si mesmo, sobre sua própria tolerância da dor angustiante e da tentação de interrompê-la a qualquer momento, porque diferente das demais formas de dor, cabe ao esportista interromper sua aflição física quando bem desejar, permanecendo apenas com a amargura moral da sua derrota pessoal. Sendo assim, baseia-se nos motivos expostos por Andrieu e Le Breton para indicar que as diversas críticas que a corrida sofreu em sua história, como por exemplo, as dos irmãos Pélissier no evento de 1924, não conseguiram enfraquecer o evento.

O corredor da equipe *BMC Racing Team*, o americano Tejay van Garderen, pode representar a simbologia desta agonia na sua desoladora imagem abandonando o *Tour* de 2015, quando não mais suportou as dores e o mal estar causados por algum tipo de infecção que lhe deixou doente. O ciclista ocupava a terceira posição geral na corrida que já estava na 17ª Etapa. Porém, na terceira montanha do dia Tejay van Garderen não resistiu. Lentamente, meio cambaleante, parou sua bicicleta. Foi acolhido pela equipe técnica e chorou com muita aflição o fato de ter que abandonar a sua dor<sup>71</sup>. Nessa mesma etapa o polonês Michal Kwiatkowski dono da *rainbowm jersey*, a camisa de arco-íris que identifica o campeão do mundo de estrada do ano anterior, desmontou de sua bicicleta e jogou-se no chão, encostado no carro da equipe chorando sem consolo<sup>72</sup>.

O piloto Tyler Hamilton protagonizou em 2004, uma das mais intensas representações de dor da história do *Tour de France*. A aflição de Hamilton fora completa nesta edição da corrida francesa. Um intenso sofrimento vinha se impondo

---

<sup>71</sup> Momento do abandono do corredor Tejay van Garderen pode ser visualizado em: *Best moments of the 2015 Tour de France*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 21/12/2015.

<sup>72</sup> Momento do abandono do corredor Michal Kwiatkowski pode ser visualizado em: *Best moments of the 2015 Tour de France*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 21/12/2015.

desde uma queda ainda durante as etapas planas. A luta em si mesmo para manter-se na corrida ganhou ares de drama aos pés do *Plateau de Beille* na 13ª etapa. O ciclista americano relata como naquele dia não tinha mais forças, suas pernas não se mexiam e a única coisa que restava era a capacidade de sentir a dor. Quando percebeu a mão de seu colega de equipe em suas costas o confortando da agonia Tyler tomou a decisão e sucumbiu a sua dor a abandonando:

Relaxei. Deixei minhas pernas pararem de se mover. Encostei na lateral da pista, ao lado de uma pequena parede de pedras e, pela primeira vez e única vez em minha carreira, saí da minha bicicleta enquanto ainda podia pedalar. Não há trabalho pequeno demais ou difícil demais. Realmente, nenhum trabalho era difícil demais. Aquele trabalho, porém, de repente, parecia pequeno demais. (HAMILTON, 2013, p. 241).

No prosseguimento dos seus relatos o ciclista coloca que geralmente: “Você continua. É a coisa mais linda e terrível do ciclismo. Você continua”. (HAMILTON, 2013, p. 239). Com exceção do corpo que adoce o ciclista prossegue na sua dor e faz dela sua matéria-prima, como acentuam Andrieu (2004) e Le Breton (2013). Seu longo e incansável trabalho é manter-se atento à sua agonia, usar de todos os subterfúgios disponíveis para dominá-la e manter-se no controle até que a linha de chegada seja ultrapassada. Ao longo desse caminho, o sofrimento que se mostra cada vez mais intenso fornece a garantia da grandiosidade do triunfo que representa algo muito maior que a própria conquista esportiva, pois carrega em seu significado simbólico o controle sobre a própria vida.

Atravessar a linha de chegada e vencer a disputa contra o sofrimento extremo e o cansaço absoluto é certamente a maior vitória que um ciclista do *Tour de France* pode alcançar. Algo único. Uma das maiores conquistas estéticas que o esporte pode proporcionar. Por exemplo, o pequenino escalador colombiano Nairo Quintana protagonizou o triunfo sobre sua dor ao chegar da escalada do *Mont Ventoux* no *Tour* de 2013. Quando sua bicicleta parou, amparada pelas mãos do *soigneurs*<sup>73</sup> ele mal conseguia desmontá-la. Lentamente, como se estivesse doente e/ou como se tivesse algum tipo de comprometimento motor, Nairo escorregou da bicicleta nos braços do *soigneurs* e recaiu-se no chão, cabeça baixa, pernas esticadas. Parecia

---

<sup>73</sup> Palavra francesa que se refere aos indivíduos que prestam cuidados e assistência a outras pessoas. No caso do *Tour de France* tratam-se dos responsáveis pela alimentação, vestuário, massagens e/ou qualquer outro cuidado destinado aos ciclistas durante o evento.

que seu corpo havia morrido em fadiga. Desfalecido e sem ar por causa da altitude da montanha recostou-se como um bebê faz nos braços da mãe e murmurou algumas palavras. Ao seu redor em uma comoção respeitosa todos aguardavam. Em dias como esse, em uma montanha como o *Ventoux*, quando um piloto castigado pela exaustão do esforço extremo só desaba depois que atravessa a linha de chegada. Afinal, a dor havia sido derrotada<sup>74</sup>.

#### 6.4. O controle corporal diante do sofrimento das corridas de bicicletas

Le Breton (2013), em sua antropologia da dor, argumenta que o sofrimento permite ao indivíduo uma nova forma de relação com outros ao seu redor. Induz a comportamentos e a atitudes incomuns. A aflição permite palavras, palavrões e/ou atitudes e caretas não muito habituais e não aceitos socialmente em outras circunstâncias. Apertam-se as mãos no *guidon* da bicicleta, mostra-se a língua, mordem-se os lábios, entorta-se a cabeça. Um festival de caricaturas que transformam toda a estética do pelotão. Esse interessante comportamento pode ser longamente observado no inquieto Thomas Vockler. Ciclista francês que em 2004 mostrara sua bravura vestindo a camisa de líder por sete dias (COYLE, 2006). O atleta destacava-se pelas caretas, língua de fora, piscadas incessantes dos olhos e sua forma agitada de pedalar trechos difíceis, balançando nervosamente o corpo sobre sua bicicleta. Em 2011, vestindo a Camisa Amarela de líder se pôs aos berros com seus companheiros de equipe em uma das duras subidas de montanha porque não estava sendo assistido o suficiente para manter sua vantagem de líder<sup>75</sup>.

A aproximação eminente de um sofrimento tenciona o pelotão. Parece ser assim, segundo Hamilton (2013), quando um desafio muito duro já pode ser sentido. O pelotão se agita, os comportamentos mudam, as expressões se transformam, os pilotos se acomodam nervosamente sobre suas bicicletas. Exige-se coragem, ou como disse em certa ocasião o ex-piloto e comentarista francês Laurent Jalabert,

---

<sup>74</sup> Vídeo do desmaio de Nairo no topo do *Mont Ventoux* pode ser visualizado em: *Nairo Quintana malaise Mont Ventoux Tour de France 2013*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ci4moZZfKJw>, acesso em 21/12/2015.

<sup>75</sup> Algumas das performances corporais de Thomas Vockler podem ser visualizadas no vídeo *Le meilleur du Tour 2011 / The best of the 2011 Tour*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gVyBcksiU54>, acesso 21/12/2015.

requer certa dose de insanidade para enfrentar a batalha que se aproxima. Não somente pela dureza impiedosa de uma montanha esculpida nos Alpes e/ou nos Pirineus, mas porque não se sabe ao certo do que cada corredor será capaz durante a luta para superar a escalada. O ciclista não sabe a que tipo de sofrimento e de dor o adversário irá submetê-los.

Se a dor, no *Tour de France*, pudesse ser representada por um som, começaria pela quase imperceptível sensação sonora de uma roda tocando-se acidentalmente na outra, seguido pelo ruído estridente dos freios rangendo nas rodas de carbono e dos pés desengatando dos pedais em busca do equilíbrio até abafar-se no barulho de dezenas de bicicletas se amontoando ao chão em uma imensa pilha encobrendo os ciclistas. Depois sim viriam os sons dos gemidos e gritos em razão das lesões, fraturas e do desespero de levar um tombo<sup>76</sup>.

Uma grande queda do pelotão é um dos momentos de maior tensão no *Tour de France*, visto que até todos se levantarem não se sabe ao certo a gravidade dos ferimentos dos pilotos envolvidos. Aos poucos os ciclistas se erguem do asfalto com suas roupas rasgadas e os ferimentos de queimadura do pavimento à mostra. Um ciclista pode ser lançado de sua bicicleta a metros de distância raspando-se no quente asfalto do verão francês. Entretanto, no *Tour*, “você continua”, como sempre dizia Hamilton (2013). Então, alguns corredores esfarrapados montam novamente em suas bicicletas e continuam apoiados no carro do médico, que sempre segue com a caravana, recebendo curativos já em movimento para recuperar o tempo perdido e alcançar o restante do pelotão. Outros simplesmente ficam no chão com fraturas e ferimentos que não lhes permitem prosseguir. Foi assim com o suíço Fabian Cancellara e o alemão Tony Martin, na edição de 2015, quando quebraram a clavícula. No momento em que Cancellara caiu ainda na 3ª etapa, a quantidade de pilotos envolvidos e a gravidade do tombo foram tão significativas, que pela primeira vez na história a corrida foi interrompida até que as equipes pudessem trabalhar na recuperação de seus corredores. Quem também não pode prosseguir foi Vinokourov na edição de 2011, pois depois de uma queda que o lançou além do asfalto, na vegetação marginal, entre as árvores, o tombo lhe rendeu fraturas no fêmur e bacia.

---

<sup>76</sup> O registro da queda na 5ª Etapa do *Tour de France* de 2015 pode exemplificar a explicação realizada nas linhas acima: *2015 Tour de France - Stage 5 / On-board câmeras*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EMapm4gU8CI>, acesso 04/01/2016.

Nessa ocasião toda a equipe da *Astana* abandonou o *Tour* junto com seu capitão. Por vezes o drama da queda é mais intenso e pode ser fatal ao piloto.

Ampara-se nas análises de Le Breton (2009), para salientar que o ciclismo de estrada pode ser considerado uma atividade esportiva de risco, visto que pode entendê-lo como um jogo no qual o piloto aposta sua existência contra a morte, buscando sentido para a sua própria vida. Não se trata de indivíduos desafiando aleatoriamente perigo letal se jogando de penhascos e/ou pelas alturas como ocorre em diversos esportes radicais. Entretanto, quando um ciclista se lança em uma descida de quilômetros a velocidades superiores a 80 km/h é preciso ter a consciência de que se corre um grande risco. Quando o pelotão compacto avança pela estrada a velocidades incríveis um pequeno erro, um breve esbarro na roda da frente pode resultar em quedas muito graves. Sim, é possível morrer em um tombo<sup>77</sup> e os pilotos sabem disso. Mesmo sabendo dos riscos dia após dia se lançam pelas estradas e pelas descidas íngremes procurando atingir a excelência no desempenho, a máxima velocidade possível, a total precisão.

Se um tombo acontece, em grupo e/ou isoladamente, os ciclistas são colocados em risco. Entretanto, faz parte do jogo, os pilotos se põem em perigo a cada largada e as circunstâncias da corrida julgam o seu destino naquele dia, como preconiza o conceito de ordálio, levantado por Le Breton (2009) sobre as diversas condutas de risco existentes. Pode-se, então, associar o conformismo dos ciclistas em relação aos tombos e machucados dele provenientes como um rito, que contém em si um significado de existência contra a morte ou contra os danos que possam lhe tirar da corrida ou ainda, contra os limites impostos. Nesse jogo, conforme lembra Le Breton (2009) o corpo é a peça essencial na batalha contra a adversidade, um patrimônio usado para garantir o desempenho.

Com Tyler Hamilton tais condutas de risco eram recorrentes e resultavam em processos de superação de limites constantes. Para o ciclista americano nada era difícil demais, nem mesmo correr o *Tour de France* com a dor estridente de uma

---

<sup>77</sup> O ciclista italiano Fabio Casartelli sofreu uma queda com outros pilotos na 15ª. etapa do *Tour de France* de 1995, durante a descida do *Col de Portet d'Aspet*. Seus ferimentos foram muito graves, causando sua morte. O acidente de Casartelli pode ser visualizado no vídeo *Tour de France 1995 - Crash of Fabio Casartelli*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gg2wGZq2Dm4>, acesso 04/01/2016.

fratura na clavícula. O piloto descreve o acidente que o levou ao chão no *Tour* de 2003, dando início a uma batalha épica, ao lado de sua dor, registrando neste ano a sua mais brilhante participação na história do evento. Algo sublime dentro do ponto de vista estético levantado por Gumbrecht (2005). Tyler Hamilton (2013, p.209-210), assim narrou a sua épica participação na edição de 2003:

Então uma batida. Geralmente ouve-se uma batida antes de vê-la. É um som metálico, raspado e de coisas quebrando, como se uma garrafa de refrigerante tivesse partindo no concreto, só que aumentado mil vezes. Então dá pra ouvir o guincho dos freios, e, em seguida, um som abafado da batida – o impacto dos corpos sobre o asfalto. As pessoas correm e gritam em diferentes línguas – “CUIDADO!” (...) – mas já é tarde. Um dos piores sons do mundo (...) De longe parece que uma bomba caiu no pelotão. Eu estava espremido no meio dele, incapaz de parar, de virar, de fazer nada a não ser tencionar e se preparar para o que virá. Acertei a pilha, caí estalado e fui açoitado pelo chão. Assim que atingi o asfalto, meu mundo explodiu em estrelas; ouvi um estalo. Meu ombro (...) Cruzei a linha de chegada com meu braço esquerdo balançando morto. Mais que um reflexo do que qualquer outra coisa perguntei se ainda era possível continuar na corrida e o médico disse sem hesitar: *Ce n'est pás possible* – Impossível (...) Perguntei a um terceiro médico – e tive um lampejo de esperança (...) Havia uma esperança. Decidi tentar (...) O treinador da CSC colocou, envolvendo várias vezes, bandagem atlética através da minha clavícula para ajudar a estabilizá-la. O mecânico reduziu a pressão dos meus pneus e acrescentou três camadas de fita gel em meu *guidon* para dar certa maciez (...) Subi em minha bicicleta. A dor vem em diferentes sabores. Este era um novo sabor – mais áspero, ofuscante, se tivesse uma cor, seria um verde elétrico. Passar por cima de um pedregulho causava um rompante de agonia que corria das pontas dos meus dedos até o topo da minha cabeça. Não conseguia decidir se vomitava ou gritava. Mas aí que está: se agüentar os primeiros dez minutos, então dá para agüentar mais. O tempo para de importar (...) Forçava ainda mais, usando a dor dos meus músculos para me distrair da dor em minha clavícula. (HAMILTON, 2013, p. 209, 210).

Com este relato de Hamilton é possível vislumbrar a dor angustiante que pode acompanhar um piloto no *Tour de France*. Um agrupamento dos episódios em que ele sofreu desmedidamente e/ou que acompanhou e descreveu o sofrimento de um companheiro e/ou rival traça o significado simbólico da dor para um corredor de bicicleta: “Eis o segredo: não se pode bloquear a dor. É preciso abraçá-la”. (HAMILTON, 2013, p. 23). Nesse ponto em específico as abordagens levantadas por Le Breton (2013) são providenciais. Para o autor a manifestação da dor insuportável do corpo lesionado causa no indivíduo uma dualidade impondo-lhe uma experiência de sofrimento como protagonista principal. Le Breton ainda salienta que a agonia do corpo ferido sobrepõe-se a tudo, absorve o indivíduo e transforma o cotidiano em

uma anedota banal. O corpo pode renunciar a tudo para viver a dor aguda, fechar-se em si mesmo e buscar o sofrimento de forma a não perder suas próprias energias conservando sua moral e a estima que os outros têm por ele.

Tyler Hamilton terminou o *Tour* de 2003 em 4º. lugar geral. Disputou bravamente e competitivamente as etapas de montanha. Venceu a etapa 16 depois de pedalar em sua fuga impressionante de 96 km. Lance Armstrong, que venceu em 2003, comentaria posteriormente que não tinha certeza do que poderia ter acontecido naquele ano se Hamilton não tivesse corrido machucado (COYLE, 2006).

No ciclismo de estrada existe uma regra clara em relação ao sofrimento. Os atletas precisam desenvolver a capacidade de manter suas fisionomias impassíveis diante da dor, não importando o quanto ela seja dura e cruel. “Está sentindo uma dor paralisante? Demonstre estar relaxado, até mesmo entediado. Não consegue respirar? Feche a boca. Prestes a morrer? Sorria”. (HAMILTON, 2013, p. 137). Entretanto, por vezes, não é possível manter-se impassível. Para Andrieu (2004) e Le Breton (2013) o mundo transborda para o homem que sente dor. No pelotão esse momento ocorre especialmente nas montanhas. Um novo ritmo se coloca. A beleza do pelotão compacto avançando destemido se esvai, quebra-se. As passadas têm outra dimensão. Uma nova beleza surge. A estética se torna mais lenta, mais intensa. A respiração torna-se densa num exercício contínuo de domínio de si e autocontrole corporal. Pouco a pouco a angústia se instala em cada ciclista. É possível vê-la em cada rosto mesmo na luta interna que cada piloto realiza para não transparecer em seu corpo estes sinais.

Na etapa 15 do *Tour* de 2002, o escalador espanhol Joseba Beloki, acaba por ilustrar a intensidade aguda da dor das duras subidas da corrida francesa:

Beloki ataca e dispara. Com menos de um quilômetro faltando, Beloki está pagando por seu esforço. Ele estava morrendo, seus olhos virando para trás, os ombros cambaleando em pura angústia – como ninguém mais estaria. (HAMILTON, 2013, p. 199).

Mesmo para os mais corajosos e treinados pilotos do *Tour*, para quem a dor deveria ser vivida e sentida na sua totalidade e intensidade, e deveria ser abraçada e tornar-se companheira, a passividade da expressão do rosto para enganá-la pode ser impraticável e sucumbir diante da sua grandiosidade:

Foi o mais forte que já consegui. Normalmente, orgulho-me de manter uma espécie de fisionomia impassível, mas quando vi as fotos daquele dia, as aparências foram para o brejo: os olhos inchados e quase fechados, a língua para fora, a cabeça vacilando para trás; sentia-me doente. Minhas pernas, no entanto, estavam fortes. Elas continuavam a pedalar. (HAMILTON, 2013, p. 218).

Assim, na angustia de Hamilton, sua habilidade em controlar a dor e estabelecer truques para lográ-la, sua brandura em assimilar o sofrimento se ilustram com o entendimento de Le Breton (2013), na qual a dor se transforma em uma possessão, uma força corrosiva colossal que determina o comportamento do indivíduo que a sente. Voraz e insistente o sofrimento leva a uma metamorfose e projeta uma nova experiência de existência que transforma o mundo em volta do indivíduo e sua relação com ele. Sua estranheza e voracidade não dão trégua, prosseguem incessantes, conforme indica Lance Armstrong (2004, p.23):

A dor é apenas temporária. Pode durar um minuto, uma hora, um dia ou um ano, mas, por fim chega o momento em que diminui e desaparece. Porém, se eu desistir, ela dura para sempre, porque o ato de entregar os pontos, por menor que seja, permanecerá sempre comigo. Por isso quando sinto uma vontade doida de desistir, me faço a seguinte pergunta: com o que eu prefiro viver, com a dor ou com a consciência torturante de que fui derrotado?

No conjunto de sentidos que se forma ao longo das vinte e uma etapas do *Tour de France* está o sofrimento, a exaustão, a persistência, a superação dos limites e as imensas dificuldades que se acumulam ao longo do percurso. Em busca desses percepções a multidão se amontoa na beira das estradas francesas, atraídas pelo espetáculo grandioso, muitas vezes dramático que irá se desenrolar. A estética singular do *Tour de France* repousa na beleza que enche os olhos do espectador quando o ciclista vence os seus limites e atravessa com retidão o seu suplício, sua *via-crúcis*. Nesse momento a beleza chega ao seu ponto máximo, pois a dor e o sofrimento que preencheu a alma do ator durante todo o trajeto chegou ao seu fim, terminando uma jornada repleta de lutas sem trégua e inúmeras adversidades.

Paira sobre o espectador um questionamento complexo: o que há de tanta beleza nas escaladas e nos *sprints* do *Tour de France* para mobilizar milhares de indivíduos durante dias, aguardando por momentos tão breves de contemplação?

Pode-se retomar Gumbrecht (2005) entendendo que a beleza repousa no olhar do espectador que lança sobre seu ídolo um sentimento de fascínio alimentado na contemplação da beleza singular de cada corpo altamente treinado para executar tamanha empreitada. A forma como cada ciclista lida com seu suplício na escalada, acomoda o corpo sobre sua bicicleta e/ou fixa o olhar no infinito para enganar a dor. Infinidades de movimentos estranhos ganham importância nesses instantes de admiração estética que o espectador lança sobre os pilotos.

Afinal existe em relação aos pilotos do *Tour* o nascer de um desejo sobre cada um, fomentado pela formação de uma imagem única e particular que cada espectador projeta sobre o evento e seus corredores. Muitas vezes o ídolo não venceu a escalada, nem foi o mais rápido no *sprint*, mas provocou no observador, conforme explica Gumbrecht (2005), o êxtase, a excitação, o prazer através do esporte.

Em parte, o conceito de beleza sobre eventos esportivos como *Tour de France* submete o esportista aos limites extremos do corpo, remetem-se aos encantos do Olimpo grego e as imagens de heróis atléticos, como em uma criação poética (ALMEIDA, 2001; GUMBRECHT, 2005; VIGARELLO, 2011b). No auge do esforço extremo, quando, por exemplo, um piloto sofre uma queda grave e consegue se levantar seguindo mesmo esfarrapado e com seus ferimentos expostos surge no espectador um profundo encantamento. Fascinação, que segundo Vigarello (2011b), é alimentado pela desenvoltura dos corpos que o observador analisa em seu vigor e destreza. Nesse sentido, como bem lembra Gumbrecht (2005), o herói se constrói sobre a estética da sedução e da excitação do esporte sobre o espectador. Arquiteta-se sobre ele uma beleza atlética épica em uma narrativa dramática imposta pelas dificuldades da competição que fazem os corpos brilharem nos triunfos e/ou nas tragédias.

A beleza atlética repousa, então, em ações corajosas e em superações dramáticas. “Precisa-se de heróis”, destaca de um exemplar do Jornal *L’Auto* de 1904, utilizado por Vigarello (2011b, p. 453). No *Tour de France* o primeiro herói foi o italiano naturalizado francês Maurice Garin, o limpador de chaminés, que em sua tamanha beleza depois de vencer a primeira edição do evento em 1904 despertou em Henri Desgrange uma admiração tamanha que o comparou a heróis legendários.

Repousa sobre o esportista um fascínio pelo desempenho, um grande apelo estético em relação à *performance* e é sobre esse fascínio que brilha aos olhos do espectador que se ergue uma percepção única da beleza de cada observador sobre seus ídolos.

## 6.5. Imagens

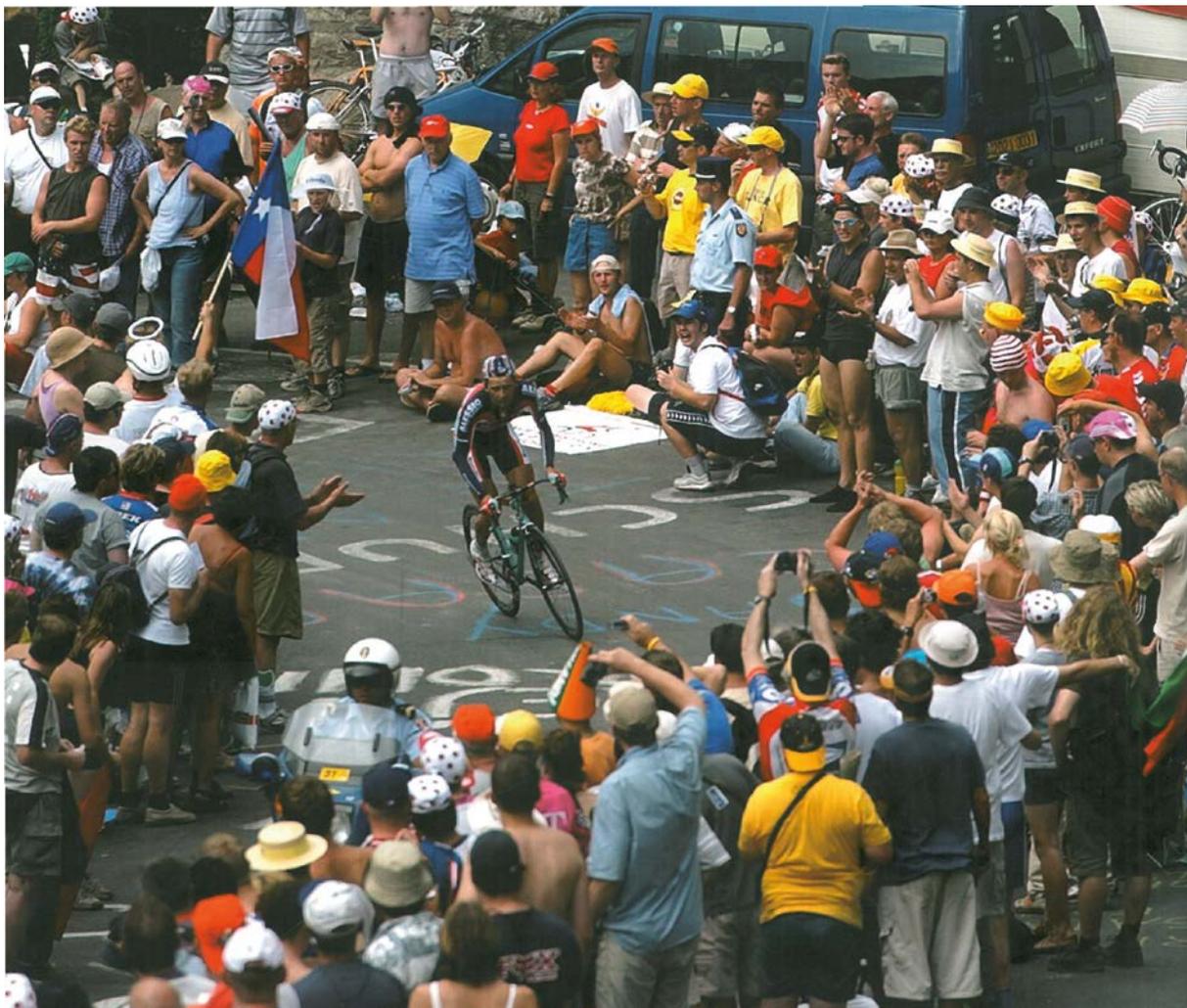


Imagem 24: Les Alpes – Alpe D'Huez, Tour de France 2004.

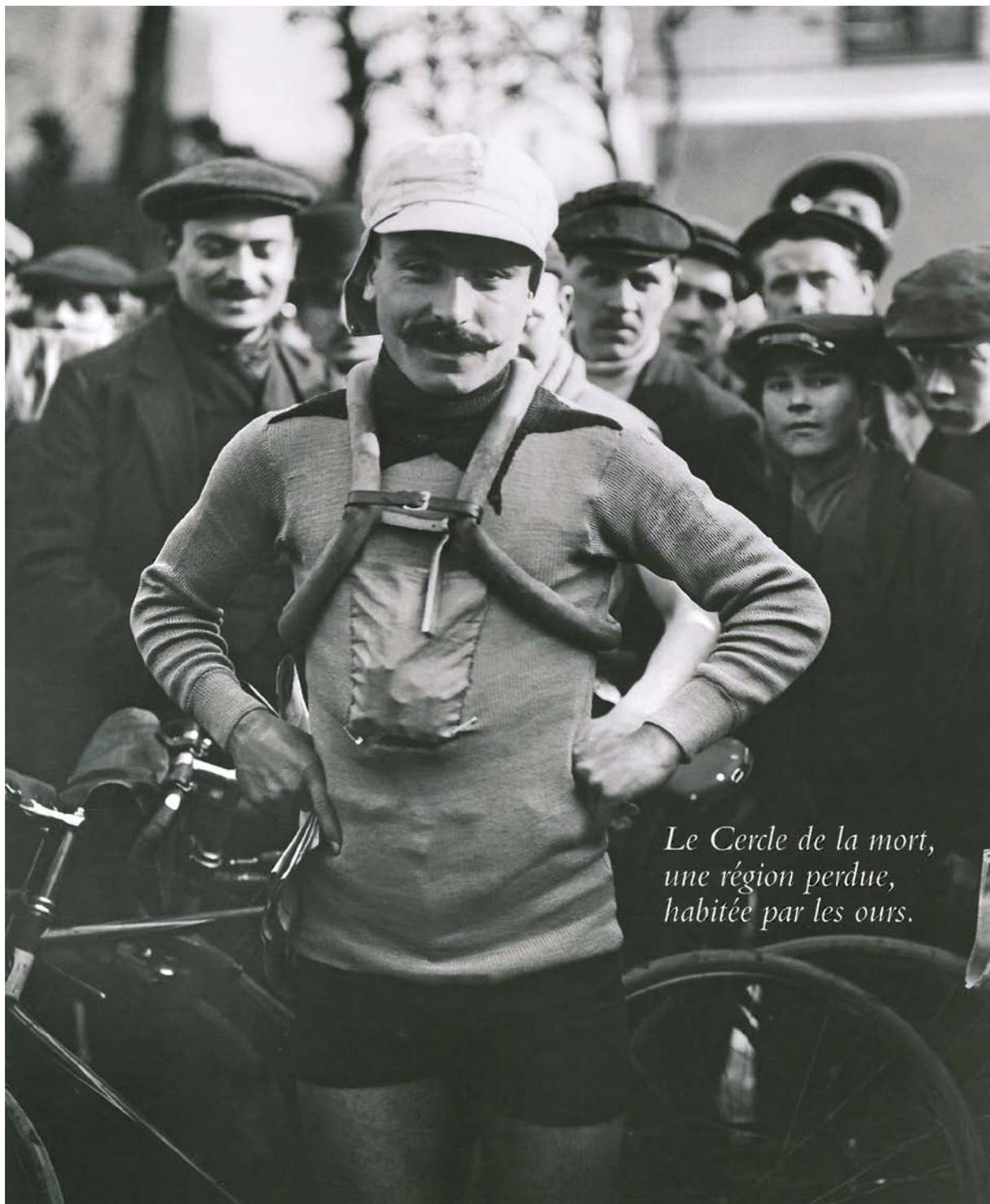


Imagem 25: Octave Lapize – *Col de Tourmalet, Tour de France, 1910*. “O círculo da morte une uma região habitada por ursos”. Tradução livre.



Imagem 26: Lucien Buysse - Pirienus, *Tour de France* 1926.

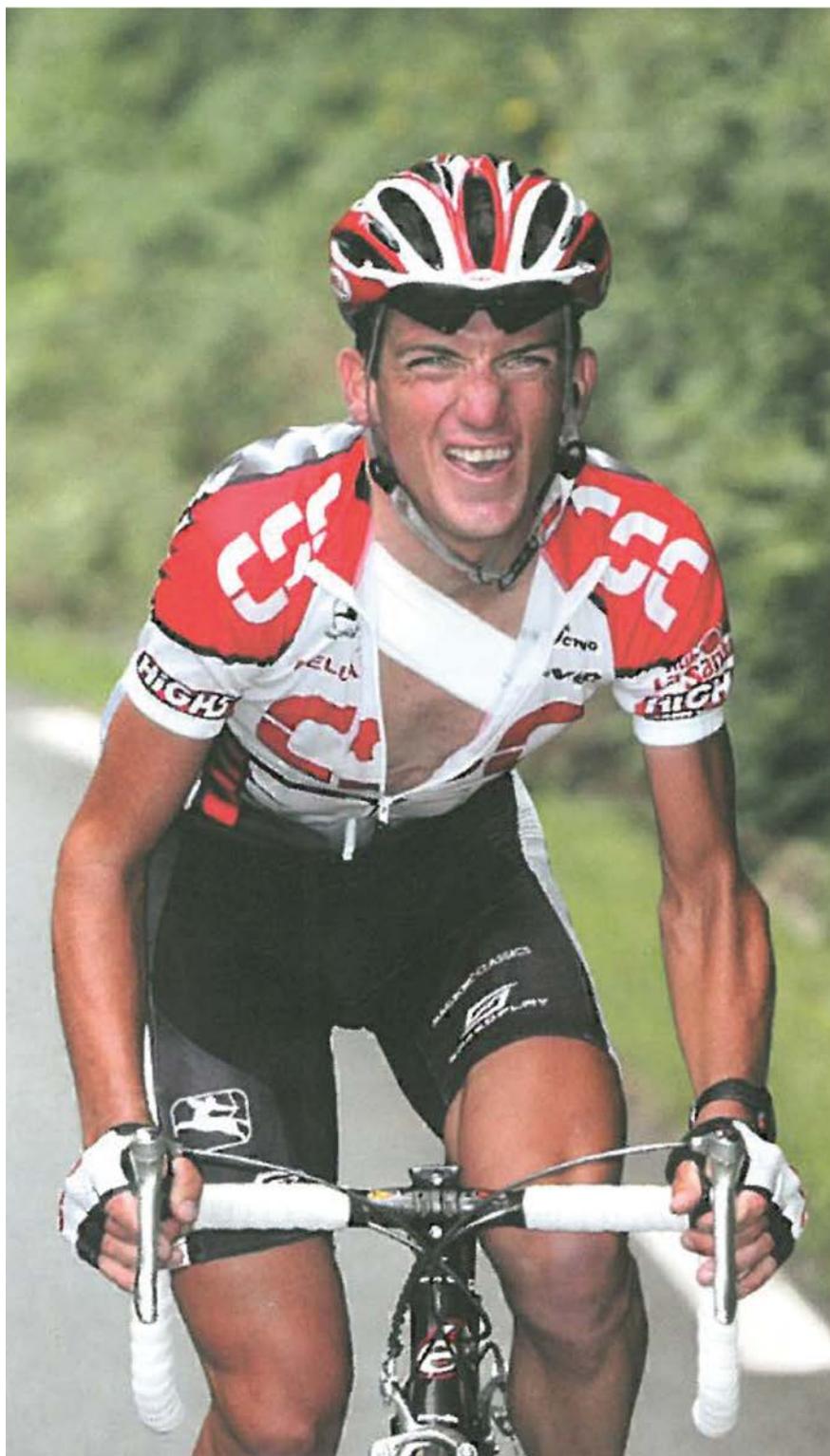


Imagem 27: Tyler Hamilton, *Tour de France* 2003.



Imagem 28: Jan Ullrich, *Tour de France* 1997.



Imagem 29: Bernard Hinault, *Tour de France* 1978.

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) todos os sacrifícios, semanas em campos de treinamento, tempo longe da minha esposa, minha família, é irreal, absolutamente irreal (...) (FROOME, 2015, s.p. – Tradução livre)<sup>78</sup>.

O trecho acima utilizado é parte do discurso feito pelo britânico Christopher Froome, ao fim das vinte e uma etapas do *Tour de France* de 2015, no qual se sagrou campeão. As palavras do vencedor ilustram o pensamento e os sentimentos de muitos corredores sobre a maior e uma das mais difíceis corridas de bicicleta do mundo.

O *Tour de France* é feito de sacrifícios, abdições e de uma dedicação primorosa de cada atleta sobre os mais ínfimos detalhes. Organizadores, equipes e pilotos traçam o esboço do que será o *Tour de France* a cada ano. Todos os envolvidos começam seus preparativos muito cedo. A rota a ser seguida pelos pilotos deve sempre estar decidida com muita antecedência pelos organizadores e cada detalhe deve ser cuidadosamente observado por todos os envolvidos neste espetáculo esportivo<sup>79</sup>.

Os pilotos e suas equipes começam sua preparação de base para enfrentar o desafio do *Tour* ainda durante o inverno europeu, quando as montanhas estão cobertas de gelo, dando ao processo um ar poético, certa beleza lúdica, apesar das duras dificuldades climáticas que se apresentam nesse período do ano na Europa. As equipes reúnem-se em retiros durante semanas para cuidar da preparação física detalhadamente e começam o longo período de treinamentos. A atmosfera do *Tour de France* pode ser sentida muito antes de a primeira bicicleta descer a rampa na etapa do prólogo. Muitas corridas acontecem na Europa e as mesmas são palco de preparação e testes para os ciclistas que seguem para as grandes voltas ciclísticas, como o *Giro d'Italia*, *Vuelta a España* e o *Tour de France*. Assim, quando o cenário

<sup>78</sup> “Tous ces sacrifices. Toutes ces semaines d’entraînement. Tout ce temps passé loin de ma femme, de ma famille. C’est irréel. Vraiment irréel”. FROOME, C., *Best moments of the 2015 Tour de France*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 06/01/2016.

<sup>79</sup> Já se pode visualizar pela internet notícias sobre a rota do *Tour de France* de 2017. *Düsseldorf to host the Grand Départ of the 2017 Tour de France*, disponível em: <http://www.letour.fr/le-tour/2016/us/pre-race/news/ahc/dusseldorf-to-host-the-grand-depart-of-the-2017-tour-de-france.html>, acesso 06/01/2012.

da prova francesa está pronto a corrida ganha vida e se transforma num dos eventos esportivos mais exigentes do mundo em termos de desempenho, força e resistência.

Entretanto, ao se escolher o *Tour de France* como objeto de pesquisa criou-se uma expectativa de poder lançar sobre ele outros olhares. Vislumbrava-se a possibilidade de entender o ciclismo de estrada como uma experiência permeada de simbolismos e representações que permitiriam sua análise a partir de uma interpretação sustentada nos conceitos da estética. O contexto da corrida francesa apresentou-se como um rico universo de pesquisa dentro da modalidade do ciclismo de estrada do ponto de vista da estética. Essa expectativa confirmou-se a cada etapa da pesquisa.

É preciso ressaltar primeiramente que o evento do *Tour de France*, nos seus mais de cem anos de existência, por si, já apontava para uma experiência estética interessante, pois nenhuma competição esportiva resiste há tanto tempo se não tiver um grande atrativo estético. A reunião de textos e fontes analisadas endossa esse argumento. O evento não está somente relacionado à esfera esportiva, mas à própria história da França como nação. Desde a modernidade, quando a bicicleta surgiu na Europa como um artefato inovador, as corridas se transformaram em uma paixão para os europeus, sobretudo, os franceses.

Quando o *Tour de France* foi criado, no alvorecer do século XX, transformou-se em uma celebração da paisagem e da cultura francesa. Um grandioso evento que reunia indivíduos e preservava as fronteiras do país, parcialmente mutilado pela perda dos territórios da Alsacia e da Lorena, fortalecendo o com isso o nacionalismo dos franceses. Ao entender e confirmar o *Tour de France*, enquanto um grande evento esportivo e o ciclismo de estrada como uma representação estética, lançou-se os olhares sobre os seus principais atores. Os corredores de bicicleta foram explorados dentro dos conceitos de beleza e estética atlética propostos por Gumbrecht (2005) e Lacerda (2007). Assim, buscaram-se neles formas únicas de beleza esportiva, perpassando pelas suas aparências físicas extremas, como a magreza dos escaladores ou a força dos *sprinters*. A investigação sobre a beleza dos pilotos do *Tour de France* levou ao entendimento de diferentes possibilidades sobre a beleza atlética corredores de bicicleta levando a abordagem ao espectador,

que completa todo o cenário esportivo, com sua própria percepção sobre o evento e cada piloto.

Um olhar sobre os espectadores do *Tour de France* proporcionaram a realização nesta dissertação de uma análise sobre as abordagens sobre as visões singulares dos atletas em angustia e sofrimento. O fascínio que o espectador tem pelos eventos esportivos permeados de esforços sobre-humanos e dificuldades gigantescas foi objeto de análise, alimentando os argumentos sobre a formulação do conceito de uma estética da dor em torno do *Tour de France* e seus pilotos. Valores como moral, caráter e os conceitos de treinamento, desempenho e competição emergiram e somaram-se a simbologia da estética da corrida francesa.

Foi possível detectar que o *Tour de France* é um evento repleto de representações estéticas, tornando-se único em suas simbologias e significados. Contempla as mais exigentes capacidades físicas existentes no esporte competitivo, produzindo com isso formas de beleza bastante singulares. Para coroar toda esta estética do evento surge o seu maior símbolo. A Camisa Amarela põem em evidência o vencedor e carrega num objeto os maiores valores atléticos e competitivos existentes nas grandes corridas de bicicleta. Esta camiseta é a representação final da estética do *Tour de France*, conforme salienta o grande campeão de 2015:

A camisa amarela é especial. Realmente especial. Eu entendo sua historia. O bom e o mau. Eu sempre a respeitarei. Eu nunca a desonrarei e sempre vou ter orgulho de ter vencido<sup>80</sup> (FROOME, 2015, s.p. - Tradução livre).

Com 112 anos de existência o *Tour de France* consolidou-se como um evento épico no cenário esportivo. É, a cada ano que passa a corrida continua sendo capaz de despertar desejo nos milhares de espectadores que se aglomeram na beira das estradas para contemplar com olhares admirados e cheios de expectativa o *Tour* e seus pilotos. Aos olhos de cada um deles forma-se a imagem do herói em luta, num cenário grandioso que se reinventa todos os anos.

---

<sup>80</sup> FROOME, C., *Best moments of the 2015 Tour de France*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 06/01/2016.

Cerca de duzentos pilotos atravessam o território francês sobre suas bicicletas, apostando uma corrida inserida em um universo abstraído de razão. São os ciclistas do *Tour de France*, como nos lembra Gumbrecht (2005), em sua bela marginalidade da vida cotidiana e na sua ausência de função prática, que despertam no espectador um fascínio que não se explica. Assim, a presente dissertação lançou-se um olhar estético ao *Tour de France* e aos atores/artistas que protagonizam um fenômeno esportivo que paralisa os olhos e fomentam a cada edição do evento uma nova chance de realizar algo maior, surpreendente, único, sublime.

## 7.1. Imagens



Imagem 30: Vencedor em Paris – André Greipel – última etapa do *Tour de France* 2015.



Imagem 31: Camisa de Bolas Vermelhas – Rei da Montanha – Chris Froome, *Tour de France* 2015.



Imagem 32: Camisa Verde – Vencedor das metas de sprint – Peter Sagan, *Tour de France* 2015.



Imagem 33: Camisa Branca – vencedor entre os jovens abaixo de 26 anos – Nairo Quintana, *Tour de France* 2015.



Imagem 34: Cerimônia de premiação – Chris Froome, Nairo Quintana, Alejandro Valverde.

*Tour de France, 2015.*



Imagem 35: Os líderes vestindo alinhados à frente do pelotão para a largada. *Tour de France, 2015.*



Imagem 36: O pelotão avança sobre o Arco do Triunfo. *Tour de France, 2015.*



Imagem 37: O pelotão avança sobre a Torre Eiffel. *Tour de France, 2015.*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. L. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 79-108.
- ANDRIEU, B. **A nova filosofia do corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- ARMSTRONG, L. **De volta à vida**. São Paulo: Editora Z, 2004.
- AUGENDRE, J. **Le Tour: 25 étapes de legende**. Paris: Solar Editions, 2009.
- AUGENDRE, J.; FOTTORINO, E. **La France vue Du Tour**. Paris: Solar Editions, 2006.
- BAKER, N. Whose hegemony? The origins of the amateur ethos in nineteenth century English Society. **Sport in History**, v. 24, n. 1, p. 1-16, 2004.
- BARTHES, R. **Mythologies**. New York: Farrar, Strause & Giroux, 1991.
- BRAUDEL, F. **A Identidade da França: o Espaço e a História**. São Paulo: Globo, 1989.
- BOUTIER, J.; DEWERPE, A, **Un tour de France royal**. Le voyage de Charles IX (1564-1566). Paris: Aubier, 1984.
- BROHM, J. M. **Sociología política del deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- CAMPOS, C. Beating the Bounds: The Tour de France and National Identity. In: DAUNCEY, H; HARE, J. **The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values (Sport in the Global Society)**. Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 1-67.
- CORBIN, A. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 267-343, 2008.
- COURTINE, J. “Os stakhanovistas do narcisismo: Bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In : SANT’ANNA, D. B. (org.). **Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- COYLE, D. **A luta de Lance Armstrong: a luta de um homem contra o destino, a fama, o amor, a morte, o escândalo e alguns outros rivais a caminho do Tour de France**. São Paulo: Gaia, 2006.

DAUNCEY, H; HARE, J. **The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values** (Sport in the Global Society). Nova Iorque: Routledge, 2012.

\_\_\_\_\_. The tour de France: a pre-modern contest in a post-modern context. *In*: DAUNCEY, H; HARE, J. **The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values** (Sport in the Global Society). Nova Iorque: Routledge, p. 1-74, 2012.

DAUNCEY, H. French Cycling Heroes of the Tour: Winners and Losers. *In*: DAUNCEY, H; HARE, J. **The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values** (Sport in the Global Society). Nova Iorque: Routledge, p.1-69, 2012.

DUBY, G. **Senhores e camponeses**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

ECO, U. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca pela Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FUMEY, G. Le Tour de France ou le vélo géographique. **Annales de géographie** 2006/4, n° 650, p. 388-408.

GABORIAU, P. Le Tour de France et le vélo. Histoire sociale d'une épopée contemporaine. Vingtième Siècle. **Revue d'histoire**, Volume 50, n. 1, p. 162, 1996.

\_\_\_\_\_. . El Tour de Francia y la Belle Époque del ciclismo. *Revista Sociedad y Economía*. Número 4, abril, 158.p. 137- 2003.

\_\_\_\_\_. The Tour de France and cycling's Belle Époque. *In*: DAUNCEY, H; HARE, J. **The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values** (Sport in the Global Society). Nova Iorque: Routledge, p. 1-52, 2012.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GUTTMANN, A. **The Erotic in Sports**. New York: Columbia University Press, 1996.

HAMILTON, T. **A corrida secreta de Lance Armstrong: nos bastidores do Tour de France: doping, armações e tudo o que for preciso para vencer**. São Paulo: Seoman, 2013.

HENRY, C. *La Belle Époque du vélo finistérien*. Lille: TheBookEdition, 2014.

HOBBSAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **A era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LACERDA, T. O. Uma aproximação estética ao corpo desportivo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7(3), p.393–398, 2007.

LECHERBONNIER, B. **Carrascos de Paris**. São Paulo: Editora Mercuryo Ltda., 1989.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Antropologia da dor**. São Paulo: Fap-Unifest, 2013.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papyrus, 2015.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

LIGGETT, P.; RAI, J.; LEWIS, S. **Tour de France for dummies**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011.

MACUR, J. **Circuito de mentiras: a queda de Lance Armstrong**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

MIRANDA, M. Bradley Wiggins vai encarar o Recorde da Hora em junho. **Globo**. 15 de abril de 2015. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/de-bike/post/bradley-wiggins-vai-encarar-recorde-da-hora-em-junho-564928.html>, Acesso em maio de 2015.

MORAES E SILVA, M. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. 227f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Comportamentos urbanos e esportes: contribuições para a esportivização do *Turf* e da Pelota Basca em Curitiba (1899-1905). *Licere*, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, 2015.

NICHOLSON, G. **The Great Bike Race**. London: Hodder & Stoughton, 1977.

OZOUF, J.; OZOUF, M Le petit livre rouge de la République. In: NORA, P. (dir.), **Les lieux de mémoire**, v. 1, Paris: Gallimard, 1997, p. 291-321.

PERERA, E.; GLEYSE, J. O *doping* ao longo do século XX na França: representações do puro, do impuro e do segredo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 55-74. 2005.

PETERS, E. **História da tortura**. Lisboa: Teorema, 1985.

SANT'ANNA, D. B. Uma história do corpo. In: SOARES, C. L. **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados, 2007. p.67-80.

\_\_\_\_\_. História e Esporte. Entrevista com Georges Vigarello. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo, v. 49, p.327-333. 2014.

SANT'ANNA FILHO, J. L. A representação de Jules Michelet nas aulas de Lucien Febvre. Caderno de Resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas, 2012, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto, 2012.

SIDWELLS, C. **Mr Tom**: True Story of Tom Simpson. Norwich, UK: Mousehold Press, 2000.

THOMPSON, C. Corps, sexe at bicyclette. *Les cahiers de médiologie* 1998/1 N° 5, p. 59-67.

\_\_\_\_\_. The Tour in the Inter-War Years: Political Ideology, Athletic Excess and Industrial Modernity Political. In: DAUNCEY, H; HARE, J. **The Tour de France 1903-2003**: a century of sporting structures, meanings and values (Sport in the Global Society). Nova Iorque: Routledge, p. 1-65, 2012.

WEBBER, E. J. França *fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

**The official Tour de France**: centennial 1993-2003. Weidenfeld & Nicolson. The Orion Publishing Group. Londres, 2003.

VERE, B. Pedal-Powered Avant-Gardes: Cycling Paintings in 1912–13 in 1912–13, *The International Journal of the History of Sport*, 28:8-9, p. 1156-1173

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é ciclismo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VIGARELLO, G. **O limpo e o sujo**: uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

\_\_\_\_\_. Le Tour de France. In P. Nora (ed.), **Les Lieux de mémoire**, Volume II, Paris: Gallimard, 1997.

\_\_\_\_\_. **Corrigir el Cuerpo**. Historia de un Poder Pedagógico. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

\_\_\_\_\_. Higiene do corpo e trabalho das aparências. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO. **História do corpo**: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 375-392, 2008.

\_\_\_\_\_. Treinar. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, p. 197-250, 2011a.

\_\_\_\_\_. Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, p. 445-480, 2011b.

\_\_\_\_\_. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, G.; HOLT. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO. **História do corpo**: Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis: Vozes, p. 393-478, 2008.

Armstrong liderou maior doping do esporte, diz agência. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/armstrong-liderou-maior-doping-do-esporte-diz-agencia-2fdgvi6nx9l2ahiqlijpn348jy>, acesso em 21/03/2016.

## FONTES AUDIOVISUAIS

El Monte Ventoux, colosso Del Tour en El dia de Francia. Disponível em: <http://www.rve.es/deportes/20130714/mont-ventoux-coloso-del-tour-dia-francia/713360.shtml>, acessado em 28/12/2015.

Mont Ventoux Tour de France 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fwGgqr1lc2w>, acesso 30/03/2015.

Marco Pantani vs Lance Armstrong - Tour de France 2000 - Carpentras Mont Ventoux  
<https://www.youtube.com/watch?v=bMBTRqctF0> , acesso 30/03/2015.

Lance Armstrong crashes and attacks at the Tour de France 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZaKR5iOCTs>, acesso 12/05/2015.

Vive Le Tour 1962. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2nLxAKwtBb4>, Acesso em 14/09/2015.

Tour de France 2011-Watts Zap Eurosport. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2IEkSxXe4uU>, acesso 14/09/2015.

Watts Zap 2012 - Part 53 (21.07.2012) - Best of Tour de France 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oFA5cAQkrlA>, acesso 14/09/2015.

Watts Zap 2013 - Part 31 (21.07.2013) - Best of Tour de France [HD]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=otPU2K0jjSI>, acesso 14/09/2015.

Watts Zap 2014 - Part 32 (28.07.2014) Best of Tour de France 2014 [HD]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JtCni1lvd78>, acesso 14/09/2015.

Tour de France 2015: Watts zap d'Eurosport. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LVRkVobNdzs>, acesso 14/09/2015.

Tour De France 2003 1 - Prologue - Stage 2 - Something to turbo train to. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEVUNtbcvmU>, acesso 18/09/2015.

Tyler Hamilton Tour de France 2003 – Brainpower. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laPCkx9Fx5c>, acesso em 18/09/2015.

Tour de France 2003 stage 8 Sallanches – Alpe D'Huez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1-y38WZAtgc>, acesso 18/09/2015.

Parcur Tour de France 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HzkV53G3I5A>, acesso 01/11/2015.

*Tour de France* (1947). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1UIK4WhPcC0>, acesso 18/09/2015.

Robic: La legende Du *Tour de France*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ukiC4Xj4\\_94](https://www.youtube.com/watch?v=ukiC4Xj4_94), acesso 18/09/2015.

*Tour de France* 1947. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sx1Qfsnur5k>, acesso 18/09/2015.

Jean Robic. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HdXDSkUVUIs>, acesso 18/09/2015.

Jan Ullrich – tdf 1997 – stage 10 – Andorra [15.07.1997]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N3jRlrknXzM>, acesso 03/12/2015;

*Tour de France* 1997 - 10 Ordino Arcalis Ullrich. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=iq\\_FeJ\\_DSo](https://www.youtube.com/watch?v=iq_FeJ_DSo), acesso 03/12/2015;

*Tour de Francia* 1997 10ª Etapa Ordino Arcalís. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ElgRwoqkkDA>, acesso 03/12/2015.

Best of - *Tour de France* 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXzfY28QYWU>, acesso 07/12/2015;

Best moments of the 2015 *Tour de France*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 07/12/2013.

Die großen Sportduelle: Jacques Anquetil vs Raymond Poulidor, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JxwNSJgZAIA>, acesso 18/01/2015.

Luis Ocaña vence en etapa Orcieres-Merlette *Tour* 7, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9DZ86kDhbw&list=PLUiF3pTDi6gRbDa2eyoNxlYD7LVEJUNK&index=2>, acesso 18/01/2015.

*Tour de France* 2003 - Stage 9. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gr89ku-K2WU>, acesso 10/12/2015.

Peter Sagan je Majster Sveta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K6dUHAGe7vk>, acesso 01/01/2016.

Le meilleur du *Tour* 2011 / The best of the 2011 *Tour*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gVyBcksiU54>, acesso 21/12/2015.

Best moments of the 2015 *Tour de France*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu5w-ZzhuJ0>, acesso 07/12/2015.

Alpe d'Huez *Tour de France* 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2riRGQVTco>, acesso 04/01/2016.

Alpe d'Huez in de Tour de France 2015 (Laatste 14Km - De beklimming - 25/07/2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=68OclBrtiLU>, acesso 04/01/2016.

On board camera - Stage 20 (Modane Valfréjus / Alpe d'Huez) - Tour de France 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2zbwwLUs1Og>, acesso 04/01/2016.

Dutch Corner at Alpe d'Huez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cga9yTRjSIE>, acesso em 04/01/2016.

Summary - Stage 20 (Modane Valfréjus / Alpe d'Huez) - Tour de France 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nvNiKaA7\\_hw](https://www.youtube.com/watch?v=nvNiKaA7_hw), acesso 04/01/2016.

Pierre Rolland - 19e étape TDF 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X0wlXrMSuPY>, acesso 04/01/2016.

Tour de France 2013 - Victoire de Christophe Riblon - Étape 18 Gap - L'Alpe d'Huez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5BKwgDYd5E>, acesso 04/01/2016.

Nairo Quintana malaise Mont Ventoux Tour de France 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ci4moZZfKJw>, acesso 21/12/2015.

2015 Tour de France - Stage 5 / On-board câmeras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EMapm4gU8CI>, acesso 04/01/2016.

Tour de France 1995 - Crash of Fabio Casartelli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gq2wGZq2Dm4>, acesso 04/01/2016.